

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
(UNESP)
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA – SP

CAROLINA MEDEIROS COELHO MARQUES

**A REDE DO ESQUEMA TRANSITIVO COM VERBOS DE AÇÃO-PROCESSO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

ARARAQUARA – SP
2019

CAROLINA MEDEIROS COELHO MARQUES

**A REDE DO ESQUEMA TRANSITIVO COM VERBOS DE AÇÃO-PROCESSO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. C. Rodrigues

Bolsa: Capes – Número do financiamento (88882.329974/2019-01)

ARARAQUARA – SP
2019

Coelho Marques, Carolina Medeiros
A REDE DO ESQUEMA TRANSITIVO COM VERBOS DE AÇÃO
PROCESSO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO / Carolina Medeiros
Coelho Marques – 2019
162 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

1. Transitividade. 2. Construcionalização. 3.
Gramática das Construções. 4. Verbo transitivo. 5.
Construção idiomática. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAROLINA MEDEIROS COELHO MARQUES

**A REDE DO ESQUEMA TRANSITIVO COM VERBOS DE AÇÃO-PROCESSO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. C. Rodrigues

Bolsa: Capes – Número do financiamento (88882.329974/2019-01)

Data da defesa: 31/10/2019

Membros componentes da banca examinadora:

Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues - presidente e orientadora
UNESP, Araraquara.

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
UFSCAR, São Carlos.

Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale
UFSCAR, São Carlos.

Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP, Araraquara.

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira
UFMS, Mato Grosso do Sul.

AGRADECIMENTOS

O caminho até aqui foi longo e, por isso, muitas pessoas fazem parte dele. A cada uma agradeço imensamente, pois, de alguma forma, contribuiu para o desenvolvimento e para a concretização deste trabalho.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela vida, pelas graças que sempre me concede, por me inspirar a ser uma pessoa melhor e a buscar uma vida com propósito.

Aos meus pais, Marcelo e Maria das Graças, que dedicaram suas vidas a mim e aos meus irmãos, nos ensinaram seus valores e criaram um ambiente de amor e cuidado na nossa casa. Muito obrigada!

Aos meus irmãos, Gustavo e Paulo Felipe, pois sei que com eles posso contar sempre que quiser ou precisar. Por ter vocês, sei que nunca estarei só.

Ao meu esposo, Guilherme, meu porto seguro e maior incentivador. Alcançamos grandes conquistas até aqui e, ainda assim, você me faz acreditar que a vida será cada vez melhor. Obrigada por acreditar em mim e por trazer leveza ao nosso dia a dia.

À minha filha, Manuela, que pacientemente esperou, desde os seus poucos meses de vida, que eu passasse grande parte do dia diante do computador, com ela no colo, para que eu conseguisse finalizar a escrita da tese. Você é a razão da minha maior felicidade e de todos os planos que busco concretizar desde que você nasceu.

Aos meus sogros, Selma e Max, e à minha cunhada, Larissa, pelo apoio e pela torcida. Especialmente a você, Selma, agradeço por tudo o que fez por mim.

Aos amigos, pela amizade de anos e pela torcida de sempre. A partir de agora, com a conclusão desta etapa, conseguirei estar mais disponível e presente.

Aos amigos que a Linguística me deu, especialmente à Paty, pelas trocas, pelas conversas e pela caminhada que começamos e concluímos juntas.

À minha orientadora, Angélica Rodrigues, pela parceria que se iniciou ainda na graduação, pela hospitalidade com que me recebeu diversas vezes em sua casa e pelas conversas, que extrapolam o âmbito estritamente acadêmico.

Às professoras doutoras Rosane de Andrade Berlinck e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, por todas as contribuições dadas no exame de qualificação.

Às professoras doutoras Caroline Carnielli Biazolli, Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale, Rosane de Andrade Berlinck e Taísa Peres de Oliveira, pela participação na banca, pela leitura e pela discussão do trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Nesta tese, sob os pressupostos da abordagem construcional da mudança, sistematizada teoricamente por Traugott e Trousdale (2013), investigamos, qualitativa e quantitativamente, construções de estrutura morfológica transitiva instanciadas por verbos de ação-processo. A partir de sua descrição e análise, propomos uma rede construcional transitiva do Português Brasileiro (PB), na qual as construções organizam-se hierarquicamente. No nível mais alto, está o esquema transitivo, cujo pareamento é constituído, na contraparte formal, pela propriedade morfológica (sequência de nome, verbo, nome) e, na funcional, pela propriedade pragmática de denotar um evento a partir da perspectiva de quem o pratica. No nível inferior, há 2 subesquemas, que correspondem à construção transitiva e à idiomática, as quais se distinguem tendo em vista as propriedades sintáticas - [S V O] e [S [V N]v] - e semânticas - afetamento e acontecimento - que apresentam. Sob os subesquemas, encontram-se as microconstruções, que apresentam especificidades principalmente semânticas (papeis argumentais do sujeito), mas, também, em alguns casos, pragmáticas (mudança na estrutura informacional). Dentre as 20 microconstruções identificadas, 7 correspondem à construção transitiva prototípica, ou seja, codificam o afetamento do objeto, 6 correspondem à construção transitiva metafórica, nas quais o evento causal é codificado metaforicamente, e 7 correspondem à construção idiomática, em que, ao invés de afetamento, codifica-se um acontecimento. A diversidade de microconstruções que compõem a rede evidencia o caráter esquemático do esquema transitivo, já que diversos itens podem preencher seus *slots*. Mostramos que os membros periféricos da construção transitiva e as microconstruções metafóricas resultam de mudanças construcionais, enquanto a emergência da construção idiomática decorre da construcionalização lexical. Por fim, concluímos que nem todos os verbos de ação-processo que figuram nas instanciações prototípicas da construção transitiva figuram nas instanciações metafóricas ou nas instanciações da construção idiomática, devido aos seus significados, que são mais especializados. Conforme mostramos, são recrutados para essas construções verbos de ação-processo com significados mais gerais. Trabalhamos, em uma abordagem sincrônica, com ocorrências de fala, coletadas do *corpus Iboruna*, e de escrita, coletadas do *Corpus do Português*. Os dados de fala correspondem a entrevistas sociolinguísticas e os de escrita, a textos de *blogs* e de *sites*.

Palavras-chave: Transitividade. Construcionalização. Gramática das Construções. Verbo transitivo. Construção idiomática.

ABSTRACT

It is investigated in this doctoral dissertation, under the assumptions of the constructional change approach, theoretically systematized by Traugott and Trousdale (2013), qualitatively and quantitatively, constructions of transitive morphological structure, instantiated by action-process verbs. It is proposed here, from its describing and analyzing, a transitive constructional network of Brazilian Portuguese (BP), in which the constructions are organized hierarchically. At the highest level, one may find the transitive schema, as its pairing consists, in the formal counterpart, of a morphological property (noun, verb, noun structure), and in the functional counterpart, of a pragmatic property of denoting an event from the perspective of the one responsible for it. At the inferior level, there are 2 subtypes corresponding to the transitive and idiomatic construction, as they differ from each other regarding syntactic properties - [SVO] and [S [V N]]; and semantic properties - affect and event - that they present. One may find, under the subschemas, micro-constructions, presenting specificities, mainly semantic ones (argument structure), but also, in some cases, pragmatic specificities (change in the informational structure). Among the 20 micro-constructions identified, 7 correspond to the prototypical transitive construction, i.e, they encode the affectedness of the object; 6 correspond to the metaphoric transitive construction, in which the causal event is encoded metaphorically; and 7 correspond to the idiomatic construction, in which, instead of affectedness, an event is encoded. The diversity of micro-constructions in the network makes it clear how schematic the transitive schema is, as several items can fill its slots. It is shown that the peripheral members of the transitive construction and the metaphoric micro-constructions result in constructional changes, whereas the need of the idiomatic construction occurs due to the lexical constructionalization. It is concluded that not all action-process verbs that figure in the prototypical instantiations of the transitive construction figure either in the metaphorical instantiations or in the idiomatic construction instantiations, due to their meanings, as they are more specialized. As shown, action-process verbs with wider meanings have been used for these constructions. The work is based on a synchronic approach, with speech occurrences, collected from the *Corpus Iboruna*, and written occurrences, collected from the *Corpus do Português*. The speech data correspond to sociolinguistic interviews and the written data are taken from blogs and websites.

Keywords: Transitivity. Constructionalization. Construction Grammar. Transitive verbs. Idiomatic construction.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Parâmetros para análise da transitividade.....	19
Quadro 2 - Propriedades da individuação.....	21
Quadro 3 - Propriedades do proto-agente e do proto-paciente.....	26
Quadro 4 - Dimensão das construções.....	54
Quadro 5 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva prototípica.....	89
Quadro 6 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito causador.....	92
Quadro 7 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito agente indireto-beneficiário.....	94
Quadro 8 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito agente indireto-beneficiário-paciente.....	95
Quadro 9 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito causador-paciente.....	97
Quadro 10 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito agente-paciente.....	98
Quadro 11 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com objeto paciente anafórico.....	100
Quadro 12 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente.....	104
Quadro 13 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito causador.....	105
Quadro 14 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente-beneficiário.....	107
Quadro 15 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente-paciente.....	108
Quadro 16 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente-beneficiário-paciente.....	109
Quadro 17 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com objeto paciente anafórico.....	110
Quadro 18 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito agente.....	116

Quadro 19 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito agente-paciente.....	120
Quadro 20 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito paciente.....	121
Quadro 21 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito beneficiário.....	121
Quadro 22 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito causador.....	122
Quadro 23 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito causador-paciente.....	123
Quadro 24 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito agente-beneficiário-paciente.....	123
Quadro 25 - Diáteses compartilhadas entre as construções transitiva prototípica, transitiva metafórica e idiomática	126
Quadro 26 - Diáteses exclusivas da construção transitiva prototípica.....	126
Quadro 27 - Diátese compartilhada entre a construção transitiva metafórica e a idiomática.....	126
Quadro 28 - Diátese compartilhada entre a construção transitiva prototípica e a metafórica.....	127
Quadro 29 - Diátese exclusiva da construção idiomática.....	127
Quadro 30 - Lista de verbos selecionados para a investigação das construções que constituem a rede construcional transitiva no PB.....	144
Tabela 1 - Total de palavras do <i>Corpus do Português</i> - Web/Dialetos.....	77
Tabela 2 - Parte da tabela disponibilizada no <i>Voyant tools</i> com a frequência dos termos.....	78
Tabela 3 - Quantidade de dados por verbo nos <i>corpora</i>	146
Tabela 4 – Quantidade de dados por construção.....	147
Tabela 5 – Quantidade de dados por <i>corpus</i>	148
Tabela 6 – Quantidade total de dados por <i>corpus</i>	149

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da construção transitiva.....	27
Figura 2 - Hierarquia da construção transitiva.....	31
Figura 3 - Rede hierárquica.....	34
Figura 4 - Modelo da estrutura simbólica de uma construção.....	52
Figura 5 - Representação de construção.....	53
Figura 6 - Mudanças envolvidas na construcionalização.....	54
Figura 7 - Representação de uma pequena rede conceptual.....	55
Figura 8 - Funções do programa <i>Voyant Tools</i>	79
Figura 9 – Busca de dados no <i>Corpus do Português</i>	81
Figura 10 - Quantidade de dados com o verbo <i>derrubar</i>	81
Figura 11 - Rede hierárquica de construções de estrutura transitiva com verbos de ação-processo do português brasileiro.....	128
Figura 12 – Subesquema da construção transitiva.....	133
Figura 13 – Subesquema da construção transitiva prototípica.....	135
Figura 14 – Subesquema da construção transitiva metafórica.....	137
Figura 15 – Subesquema da construção idiomática.....	139
Figura 16 - Relação de herança entre construções.....	140
Figura 17 – <i>Links</i> de polissemia e de extensão metafórica entre as construções transitiva prototípica e metafórica.....	142
Figura 18 – <i>Links</i> de instanciação e de subparte entre as construções transitiva e idiomática.....	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 TRANSITIVIDADE: REVISÃO DA LITERATURA	18
Introdução	18
1.1 A transitividade na perspectiva do Funcionalismo	18
1.2 A transitividade na perspectiva da Gramática das Construções	26
1.3 A transitividade na perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013) ...	30
Resumo	35
2 IDIOMATIZAÇÃO: REVISÃO DA LITERATURA	37
Introdução	37
2.1 Idiomatização segundo Nunberg, Sag, Wason (1994).....	37
2.2 Idiomatização segundo Fillmore, Kay e O'Connor (1988)	41
Resumo	44
3 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA: PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO.....	46
Introdução	46
3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso.....	46
3.2 A abordagem construcional da mudança linguística	51
Resumo	72
4 METODOLOGIA.....	73
Introdução	73
4.1 Natureza da pesquisa	73
4.2 <i>Corpora</i>	75
4.2.1 <i>Corpus</i> Iboruna.....	75
4.2.2 <i>Corpus</i> do Português	76
4.3 O programa <i>Voyant Tools</i>	78
4.4 Procedimentos metodológicos	80
Resumo	82
5 A REDE CONSTRUCIONAL TRANSITIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ...	83
Introdução	83
5.1 As construções de estrutura transitiva com verbos de ação-processo	83
5.1.1 Instanciações da construção transitiva prototípica	88
5.1.1.1 Instanciações metafóricas da construção transitiva.....	102
5.1.2 Instanciações da construção idiomática de estrutura transitiva.....	113
5.1.3 A noção de valência e a abordagem construcional	125
5.2 Proposta da rede.....	127
5.3 Análise quantitativa	144

Resumo	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
APÊNDICES	160

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizado no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), elaboramos uma proposta de rede do esquema transitivo no português brasileiro, doravante PB, contemporâneo a partir dos pressupostos da abordagem construcional da mudança linguística, elaborada principalmente em Traugott e Trousdale (2013). Analisamos, qualitativa e quantitativamente, as construções que constituem a rede, na qual há, como representante prototípico, o pareamento que apresenta, basicamente¹, no nível sintático, sujeito, verbo e objeto direto, e, no nível semântico, um evento em que um agente causa, por meio da ação verbal, o afetamento físico/concreto do paciente, como o ilustrado a seguir.

(1) Se por um lado a mobilização chamou atenção pelo grande número de pessoas reunidas, por outro ganhou destaque também pelos atos de vandalismo cometidos por uma minoria, que atirou pedras e ovos contra o prédio da prefeitura, **quebrou vidros** de ônibus e causou danos a empresas ao longo da Avenida Feliciano Sodré. (*Corpus do Português*: <http://netdiario.com.br/menores-que-cometerem-vandalismo-tambem-serao-punidos/>)

A escolha pelo esquema transitivo como objeto de estudo foi motivada por uma reflexão que surgiu a partir de um trabalho anterior (COELHO, 2013), no qual foram investigadas, sincronicamente, as construções com o verbo *agarrar* em português brasileiro e europeu, a partir dos pressupostos da Gramaticalização e da Gramática das Construções.

Nesse estudo, dentre as construções identificadas, a transitiva se destacou e motivou o trabalho ora proposto, pois, ao pareamento de forma-função² que caracteriza os seus casos prototípicos (2), ligam-se outros, como (3) e (4), nos quais observamos mudanças semânticas e mudanças sintático-semânticas, respectivamente.

(2) **Agarrou uma tesoura**, escarafunchando os dentes, tentativa de arrancá-los. (*Corpus do Português*. Título: Onde andaré Dulce Veiga? Texto ficcional. Autor: Caio Fernando Abreu)

¹ Além das propriedades sintáticas e semânticas, a construção apresenta, também, propriedades morfológicas, fonológicas, pragmáticas e discursivo-funcionais, as quais apresentamos detalhadamente na seção 5, dedicada à análise dos dados.

² Traugott e Trousdale (2013) utilizam o termo *significado* (*meaning*) para se referirem à contraparte do pareamento que se associa à forma, contudo, utilizamos, assim como Goldberg (2006), o termo *função*. Os termos *significado* ou *sentido* só aparecem no texto quando assim usam os autores que mencionamos ao longo da tese.

(3) Ocorria então que, mesmo furiosa, a mãe espertamente **agarrava a chance** para dizer o que desejava. (*Corpus* do Português. Título: Ano de Romances. Texto jornalístico: PB)

(4) A gente torce, a gente se empolga, e o time joga toscamente contra o Avaí quinta (sem contar a operação do juiz), além de não ter feito os gols, quando mais precisou contra os Bambis. **Garrei nojo** de blogs de futebol, **garrei NOJO!** ([http://espacosrtaindependente1001.wordpress.com/category/geral-sobre-mim/.](http://espacosrtaindependente1001.wordpress.com/category/geral-sobre-mim/))

Em (3), as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas que caracterizam a contraparte formal da construção transitiva se mantêm, contudo, na contraparte funcional do pareamento, embora as propriedades pragmáticas e discursivo-funcionais se mantenham, há mudança nas propriedades semânticas, pois o evento codificado é metafórico e os papéis argumentais do sujeito e do objeto são alterados.

Casos como *agarrar a chance*, em que o evento causal só pode ser interpretado no plano conceptual, evidenciam a metaforização da própria construção transitiva, o que atesta sua mudança semântica.

Embora tenha um valor abstrato, microconstruções como *agarrar a chance* representam uma ação dotada de intencionalidade, razão pela qual o sujeito apresenta propriedades agentivas, tal como nos casos prototípicos da construção. Porém, ele também é favorecido por essa ação, assumindo, dessa forma, o papel argumental de beneficiário concomitantemente ao de agente.

Além disso, em casos como (3), o objeto direto não é um paciente prototípico, pois *chance* - um objeto abstrato - não é afetado, pelo menos não fisicamente. Só é possível pensar em afetamento do objeto se entendermos que *chance* passa, metaforicamente, de um “lugar” distante do sujeito para outro próximo dele como resultado da ação de *trazer para próximo de si* codificada pelo verbo *agarrar*. Diante disso, entendemos que *chance* pode ser vista como paciente, porém, não prototípico.

As mudanças nos papéis argumentais do sujeito e do objeto, bem como a metaforização do evento codificado na construção, que evidenciam mudanças na contraparte funcional da construção transitiva, especialmente no que diz respeito as suas propriedades semânticas, levou-nos a concluir que casos assim seriam extensões metafóricas do protótipo. Por essa razão, intitulamos casos como (3) de construção transitiva metafórica.

Em (4), por sua vez, ocorrem mudanças tanto no âmbito da função, quanto no da forma. Na contraparte funcional, há mudança nas propriedades semânticas da construção,

em razão da codificação de um evento também metafórico e da alteração do papel argumental do sujeito.

Agarrar nojo, assim como *agarrar a chance*, em (3), é um evento metafórico, codificado, portanto, no plano conceptual, contudo, diferencia-se deste por ser uma ação não intencional e não controlada, assim, o sujeito, em (4), não é agente, mas causador e paciente, tendo em vista que muda de estado ao ser afetado pela ação verbal.

Já na contraparte formal da construção, ocorre mudança nas suas propriedades sintáticas, posto que o sintagma nominal em posição pós-verbal (*nojo*) não assume o papel sintático de objeto direto prototípico, tendo em vista seu maior entrincheiramento com o verbo. Contudo, ainda é possível interpretar, da mesma forma que no caso de *chance* em (3), que *nojo* seja metaforicamente afetado pela ação de *agarrar*, passando de um “lugar” distante para outro próximo do sujeito, razão pela qual passa a sentir-se enojado. Por essa razão, *agarrar nojo* parece estar na fronteira entre a construção intransitiva e a transitiva, pois, apesar da maior coesão entre o verbo e o nome que o segue, formando uma unidade verbal equivalente a *enojar*, ainda é possível pensar que *nojo* seja metaforicamente afetado devido ao movimento do verbo *agarrar*, que ainda é recuperável nesse contexto.

Entendemos que, nos casos ilustrados em (3) e (4), a experiência humana de tomar posse de um objeto e trazê-lo para próximo de si, codificada nos casos prototípicos da construção transitiva com *agarrar*, foi cognitivamente analisada, por meio da neoanálise e da analogização³, mecanismos dos quais resultou a metaforização do movimento deflagrado pela construção e possibilitou a emergência dos casos ilustrados e de outros. Apesar de, em ambos os casos, o movimento a favor do centro dêitico, próprio do verbo *agarrar*, ser recuperável, eles se diferem tendo em vista que *agarrar nojo* é menos composicional do que *agarrar a chance*, que, por sua vez, é menos composicional do que os casos prototípicos da construção transitiva, como (1) e (2).

Observar essas construções – *agarrar uma tesoura*, *agarrar a chance* e *agarrar nojo* – nos levou a pensar que questões ligadas à transitividade poderiam estar determinando essas mudanças, já que outros verbos⁴ também figuram nas três construções, tanto na transitiva prototípica (1 e 2), quanto na transitiva metafórica (3) e na idiomática (4). A partir dessa reflexão e a fim de entender de que forma essas construções se relacionam, nos propomos a investigar as construções que compõem a rede do esquema transitivo.

³ Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), conforme discutimos na seção 3.2.

⁴ A lista de verbos analisados na tese é apresentada na seção de análise dos dados.

Em razão de estarmos lidando com um esquema produtivo, que apresenta várias possibilidades de preenchimento dos seus *slots*, fez-se necessário realizar um recorte, pois, somente assim, poderíamos nos deter mais detalhadamente aos dados e, então, identificar os *types* construcionais. Por isso, neste trabalho, investigamos as construções que apresentam, na posição verbal, verbos de ação-processo.

Os verbos de ação-processo, segundo Chafe (1979), são aqueles com os quais coocorrem um sujeito que realiza uma ação (agente) e um objeto que é afetado por ela (paciente). Trata-se, portanto, dos verbos transitivos prototípicos, já que seus papéis participantes (sujeito e objeto) correspondem aos papéis argumentais da construção (agente e paciente), atendendo aos princípios da *coerência semântica* e da *correspondência*, de Goldberg (1995).

Essa escolha se justifica na medida em que pretendemos, também, entender as razões pelas quais verbos que apresentam convergência (*matching*) total com a construção transitiva, e por isso são prototípicos, constituem, também, construções que, embora pertençam à rede do esquema transitivo, emergem a partir de mudanças formais e/ou funcionais.

Dessa forma, instanciações com o verbo *agarrar*, assim como com outros verbos de ação-processo, que apresentam estrutura transitiva, ou seja, que são compostas por nomes pré e pós-verbais [N V N]⁵, são nosso foco. A coleta dos dados, portanto, pauta-se tanto em critérios formais – estrutura morfológica citada – quanto funcionais – presença de verbos de ação-processo. Porém, ressaltamos que não pretendemos dar conta de todas as construções de estrutura transitiva com verbos que codificam ação-processo, até mesmo porque o trabalho com *corpus*, por si só, estabelece um limite à análise, uma vez que lidamos com os dados que ele nos apresenta.

Nossa análise parte de dados extraídos da amostra Censo do *corpus Iboruna*, um *corpus* contemporâneo, coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, da Unesp de São José do Rio Preto, e que disponibiliza amostras de fala do português do interior paulista, e, também, o *Corpus do Português – Web/Dialetos*, um *corpus online* organizado por Mark Davies, constituído por textos de páginas da internet.

Apesar de estarmos trabalhando com duas modalidades da língua, não objetivamos compará-las ou estabelecer suas semelhanças e/ou particularidades. A

⁵ Na subseção 5.2, em que propomos a rede do esquema transitivo, explicamos a razão de partimos da propriedade morfológica para a coleta e investigação das construções.

escolha por realizar a coleta de dados em textos de fala e de escrita foi feita a fim de termos acesso a mais contextos linguísticos.

Fazem parte dos objetivos específicos desta pesquisa: i) descrever e analisar as construções de estrutura transitiva com verbos de ação-processo tendo em vista suas propriedades formais e funcionais, a fim de explicitar de que modo poderiam compor a rede construcional transitiva; ii) identificar os níveis hierárquicos que compõem a rede da construção transitiva e iii) propor uma rede construcional que contemple as construções investigadas.

A hipótese central que norteia a pesquisa é a de que, no PB, desde instanciações prototípicas da construção transitiva até instanciações da construção idiomática integram a rede construcional transitiva e nela se organizam hierarquicamente. Além dessa hipótese central, temos outras três:

- a) o esquema transitivo possibilita a emergência de novas construções em razão de ser altamente esquemático;
- b) as microconstruções investigadas dividem-se entre casos que são resultado de mudanças construcionais e casos que resultam da construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2013);
- c) nem todos os verbos de ação-processo que figuram nas instanciações prototípicas da construção transitiva figuram nas instanciações metafóricas ou nas instanciações da construção idiomática em razão de apresentarem significados mais especializados.

Embora haja trabalhos sobre a construção transitiva em português, realizados a partir de diferentes vieses teóricos, inclusive sob os pressupostos da construcionalização, não há ainda um estudo que trate de sua rede tendo em vista construções como as que investigamos – transitiva metafórica e idiomática - e da relação entre elas e o esquema transitivo. É em razão disso que justificamos a realização da pesquisa aqui empreendida.

A tese está dividida da seguinte maneira: na seção 1. *Transitividade: revisão da literatura*, apresentamos trabalhos que constituem a literatura acerca da transitividade; na seção 2. *Idiomatização: revisão da literatura*, retomamos os trabalhos de Nunberg, Sag e Wason (1994), de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e de Croft e Cruse (2004) sobre as construções idiomáticas; na seção 3. *A abordagem construcional da mudança: perspectiva contemporânea da Linguística Funcional Centrada no Uso*, apresentamos os pressupostos teóricos a partir dos quais realizamos a investigação da rede do esquema

transitivo; na seção 4. *Metodologia*, apresentamos os *corpora* dos quais coletamos as microconstruções que analisamos; o programa *Voyant Tools*, a partir do qual identificamos os verbos de ação-processo com os quais trabalhamos; e, também, descrevemos os passos metodológicos seguidos no trabalho; na seção 5. *A rede construcional transitiva do português brasileiro*, apresentamos a análise qualitativa e quantitativa das construções com verbos de ação-processo que instanciam as microconstruções e os subesquemas do esquema transitivo e propomos a sua rede no português brasileiro. Por fim, em *Considerações finais*, tecemos comentários gerais acerca da pesquisa que realizamos, em *Referências bibliográficas*, apresentamos as referências dos trabalhos que citamos ao longo do texto e em *Apêndices*, mostramos duas tabelas, nas quais constam a quantidade de dados por construção no *Corpus do Português* e no *corpus Iboruna*.

1 TRANSITIVIDADE: REVISÃO DA LITERATURA

Introdução

A transitividade é um tema que foi e continua sendo bastante investigado em estudos de diferentes filiações teóricas. Tendo em vista que a ele nos detemos nesta tese, realizamos, nesta seção, a revisão da literatura no que diz respeito a esse tema. Cada trabalho que citamos contribuiu, a seu tempo, para o estudo desse fenômeno linguístico, razão pela qual entendemos ser pertinente sua retomada.

Inicialmente, em **1.1 A transitividade na perspectiva do Funcionalismo**, revisitamos os pressupostos funcionalistas acerca da transitividade, a partir de Hopper e Thompson (1980), Givón (2001), Thompson e Hopper (2001) e, também, Furtado da Cunha e Souza (2011) acerca do português especificamente.

Em **1.2 A transitividade na perspectiva da Gramática das Construções**, por sua vez, retomamos a perspectiva dessa corrente teórica cognitivista acerca da transitividade a partir de Goldberg (1995, 2006) e Taylor (2003).

Por fim, em **1.3 A transitividade na perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013)**, apresentamos estudos mais recentes, realizados especificamente no âmbito do português, por Lucena (2016), Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016), Furtado da Cunha e Cesar (2018) e Costa e Furtado da Cunha (2016), que realizam reflexões importantes sobre esse fenômeno, as quais destacamos.

1.1 A transitividade na perspectiva do Funcionalismo

Os estudos funcionalistas abandonam uma visão da transitividade como uma propriedade do verbo, já que esse fenômeno é entendido como uma propriedade contínua e gradiente da oração (HOPPER e THOMPSON, 1980; FURTADO DA CUNHA e SOUZA, 2011).

Segundo Slobin (1982), a cena que codifica o evento causal prototípico é aquela em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou na locação de um objeto. Esse evento corresponde, linguisticamente, à oração transitiva canônica. Na definição de Slobin (1982), destacam-se os elementos semânticos, haja vista que ele sinaliza a presença de um agente e de um paciente num evento causal.

Contudo, para o funcionalismo norte-americano (Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, entre outros), a transitividade apresenta propriedades semânticas, mas também sintáticas e discursivo-pragmáticas. Assim, o agente e o paciente correspondem, sintaticamente, aos papéis de sujeito e objeto direto levando-se em conta os casos prototípicos, uma vez que o modo como o falante interpreta o evento interfere na estrutura das orações, o que permite analisar como transitivas, inclusive, as cláusulas em que não há a presença de um complemento verbal.

Hopper e Thompson (1980), por exemplo, investigam a transitividade a partir de uma perspectiva escalar, em que a coocorrência de sujeito e objeto não é indispensável para que uma oração seja transitiva, já que partem de dez parâmetros sintático-semânticos e binários por meio dos quais a transitividade pode ser “medida”.

Para eles, as orações podem ser mais ou menos transitivas, a depender da quantidade de traços de alta ou de baixa transitividade que apresentam. Portanto, ao contrário do que consideram os gramáticos tradicionais, no trabalho de Hopper e Thompson (1980), assim como em outros de cunho funcionalista, a ausência de um objeto afetado não é entendida como um aspecto suficiente para se definir uma oração como intransitiva, já que outros fatores são considerados. Assim, orações que não apresentam objeto, seja por ser dispensável ou por ser recuperável no contexto, ainda assim são consideradas transitivas.

No quadro abaixo, apresentamos os dez parâmetros a partir dos quais Hopper e Thompson (1980) medem a transitividade.

Quadro 1 - Parâmetros para análise da transitividade

	Alta	Baixa
(A) Participantes	2 ou mais participantes	1 participante
(B) Cinese	Ação	Não ação
(C) Aspecto	Télico	Atélico
(D) Pontualidade	Pontual	Não pontual
(E) Volição	Volitivo	Não volitivo
(F) Afirmção	Afirmativo	Negativo
(G) Modo	Real	Irreal
(H) Agentividade	A alto em potência	A baixo em potência
(I) Afetabilidade do O	O totalmente afetado	O não afetado
(J) Individuação do O	O altamente individuado	O não individuado

Fonte: Hopper e Thompson (1980, p. 252) tradução nossa

No modelo proposto, uma oração que apresenta dois ou mais participantes (A) é mais transitiva do que a que apresenta apenas um, já que o evento causal se realiza com a presença de dois participantes.

Orações altamente transitivas envolvem ações, e não estados (B), que tenham sido concluídas (C), ou seja, apresentam o aspecto perfectivo por evidenciarem a concretização do evento codificado pelo verbo. Além disso, para Hopper e Thompson (1980), ações pontuais evidenciam maior transitividade do que ações contínuas (D), assim como sujeitos volitivos marcam maior transitividade do que sujeitos não intencionais (E).

Contextos de afirmação indicam a efetividade da ação verbal, enquanto os de negação, não, portanto, os primeiros são os que caracterizam orações altamente transitivas (F). Eventos reais favorecem a transitividade, enquanto eventos hipotéticos não (G); assim como sujeitos mais agentivos, por concretizarem a ação codificada pelo verbo, correspondem à alta transitividade, enquanto os menos agentivos, não (H).

Objetos pacientes, ou seja, que são afetados pela ação verbal, por sua vez, indicam alta transitividade, enquanto objetos que não são afetados indicam baixa transitividade (I). Por fim, um paciente individuado (J) é mais afetado do que um menos ou não individuado, portanto, este indica menos transitividade oracional.

A partir desses parâmetros, entende-se que a oração transitiva prototípica, como (5) *Jerry Knocked Sam down* (Jerry nocauteou Sam), citada por Hopper e Thompson (1980), apresenta todos os 10 traços de alta transitividade, pois conta com dois participantes, apresenta um verbo de ação, que é perfectivo e pontual, o sujeito é volicional, a oração é afirmativa, indica o modo real, ou seja, trata-se de uma ação não hipotética, o sujeito é agente e o objeto é afetado e individuado.

Bybee e Hopper (2001, p. 06, tradução nossa), porém, afirmam que a:

alta transitividade, no sentido de Hopper e Thompson (1980), que é frequentemente tomada como o protótipo para estrutura de argumentos totalmente exemplificada, é rara ou ausente em enunciados normais.⁶

Ou seja, no uso da língua, constata-se poucas construções que apresentam todos os dez traços de alta transitividade.

Tendo em vista que o evento transitivo é caracterizado pelo afetamento do objeto e que ele, segundo Hopper e Thompson (1980), é mais afetado quando individuado, os

⁶ They show that high transitivity in the sense of Hopper and Thompson 1980, which is often taken as the prototype for fully exemplified argument structure, is rare or absent in normal utterances.

linguistas elaboram o quadro, que reproduzimos a seguir, no qual delimitam as propriedades dos sintagmas nominais que são individuados e dos que não são:

Quadro 2 - Propriedades da individuação

INDIVIDUADO	NÃO INDIVIDUADO
Próprio	Comum
Humano, animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Incontável
Referencial, definido	Não referencial

Fonte: Hopper e Thompson (1980, p. 253) tradução nossa

Os parâmetros de Hopper e Thompson (1980) foram referência para inúmeros trabalhos sobre a transitividade. Abraçado e Kenedy (2014, p. 15), por exemplo, reúnem, em seu livro, textos de vários linguistas, que analisam cada um dos parâmetros e mostram que, ao serem aplicados, apresentam “especificidades e relações com outros traços difíceis de se resolverem binariamente”.

No que diz respeito ao traço (J), que se refere à individuação do objeto (HOPPER & THOMPSON, 1980), o objeto [+ individuado] é percebido como [+ afetado], enquanto o objeto [- individuado], ou seja, indefinido ou genérico, é visto como [- afetado]. Entretanto, os resultados do teste realizado por Abraçado e Kenedy (2014), com 20 participantes, mostraram que a percepção do afetamento do objeto decorreu, em várias situações, não a partir da propriedade de individuação do objeto, mas sim da natureza do verbo da sentença.

Abraçado e Kenedy (2014, p. 189) citam, como exemplo, o verbo *matar*, que, conforme informam, “apresentou julgamentos categóricos para seu objeto, que sempre foi classificado pelos participantes com [afetação total], qualquer que fosse a individuação”. Portanto, independentemente de ser individuado ou não, o afetamento do objeto foi interpretado como total tendo em vista a natureza do verbo, que possui um componente semântico de afetação do objeto. Dessa forma, Abraçado e Kenedy (2014) mostram que, para analisar o afetamento do objeto, é necessário observar a sua

individuação, mas também a semântica verbal, o que não está previsto nos parâmetros de Hopper e Thompson (1980).

Givón (2001), ao tratar da transitividade, considera suas propriedades semânticas e sintáticas. Semanticamente, o evento transitivo prototípico é definido por ele a partir das propriedades do agente, do paciente e do verbo, que são, conforme assume, graduais.

- a. agentividade: ter um *agente* intencional, ativo
- b. afetamento: ter um *paciente* concreto, afetado
- c. perfectividade: envolve um *evento* concluído, que causa mudança em tempo real

Givón (2001) afirma que, de um modo geral, a maioria das línguas apresentam, como traço sintático, a presença de um objeto direto.

As duas definições que apresenta não são independentes, uma vez que, conforme afirma, há um mapeamento entre a transitividade semântica e a sintática, de tal forma que: “se a cláusula simples codifica um evento semanticamente transitivo, o agente do evento será o sujeito da cláusula e o paciente do evento, o objeto direto da cláusula⁷” (GIVÓN, 2001, p. 110, tradução nossa).

Para o linguista, os verbos transitivos prototípicos são de vários subtipos e são eles que classificam os tipos de mudanças pelas quais os objetos pacientes passam. Em razão disso, Givón (2001) mostra que alguns verbos denotam criação física de um objeto (6); destruição de um objeto (7); mudança na condição física do objeto (8); mudança na locação física do objeto (9); mudança superficial de condição do objeto (10); mudança em algumas qualidades internas menos visíveis do objeto (11); mudança do objeto com modo implicado (12); mudança do objeto realizada com um instrumento (13) e mudança que denota uma locação incorporada (14):

- (6) He *built* the house (Ele construiu a casa)
- (7) They *demolished* the house (Eles demoliram a casa)
- (8) They *killed* the prisoners (Eles mataram os prisioneiros)
- (9) They *moved* the barn (Eles mudaram o celeiro)
- (10) He *washed* his shirt (Ele lavou sua camiseta)
- (11) He *heated up* a cup of soup (Ele esquentou uma xícara de sopa)

⁷ If the simple clause codes a semantically transitive event, the event’s *agent* will be the clause’s *subject*, and the event’s *patient* the clause’s direct *object*.

(12) He *smashed* the glass [break completely] (Ele esmagou o óculos [quebrou completamente])

(13) She *slapped* him [hit with the palm] (Ela deu um tapa nele) [bateu com a palma da mão]

(14) He *bagged* the apple (put in a bag) (Ele ensacou a maçã) [colocou na bolsa]

Em razão da relevância da semântica verbal, evidenciada por Abraçado e Kenedy (2014) e Givón (2001), é que pretendemos, no nosso trabalho, mostrar que nem todos os verbos de ação-processo que figuram nas instanciações prototípicas da construção transitiva figuram nas demais construções que constituem a rede do esquema transitivo – as metafóricas e as idiomáticas - em razão de apresentarem significados mais especializados.

Além dos verbos transitivos prototípicos, Givón (2001) também se refere aos menos prototípicos, que, apesar de não estarem em conformidade com o protótipo semântico do evento transitivo, assumem a estrutura sintática prototípica, que é composta por sujeito, verbo e objeto direto (GIVÓN, 2001). Esses verbos, menos prototípicos, são entendidos como extensões metafóricas do protótipo, tendo em vista que podem variar tanto em relação ao sujeito agente quanto ao objeto paciente. Dentre os exemplos listados por Givón (2001, p. 129-135), selecionamos um, apresentado abaixo, no qual o sujeito é volicional, mas não ativo (não inicia o evento), e o objeto é um paciente menos prototípico, pois não é fisicamente afetado, não passa por mudança e é abstrato.

(15) She *understood* the problem (Ela entendeu o problema)

Por ser uma noção gradual, tanto a agentividade, quanto o afetamento podem apresentar mudanças em relação ao padrão prototípico, uma vez que o sujeito pode ser [+/- agente], bem como o objeto pode ser afetado fisicamente ou não, tal como ocorre nos dados que analisamos na seção 5.

No âmbito do português, destacamos o estudo de Furtado da Cunha e Souza (2011), no qual analisam a transitividade a partir da proposta de Hopper e Thompson (1980) e de Givón (2001), sobre os quais falamos anteriormente.

Furtado da Cunha e Souza (2011) dividiram os dados em dois grupos: o das orações com dois participantes expressos e o das orações com um participante expresso. As primeiras, conforme mostram, apresentam as seguintes combinações:

- a. sujeito agente + objeto paciente afetado (oração transitiva prototípica)
- b. sujeito agente + objeto paciente não afetado
- c. sujeito agente + objeto não paciente
- d. sujeito não agente + objeto paciente afetado
- e. sujeito não agente + objeto não paciente

As instanciações da construção transitiva no uso da língua evidenciam o caráter gradual das suas propriedades semânticas, pois o sujeito pode ser agente (a, b, c) ou não (d, e), o objeto pode ser paciente (a, b, d) ou não (c, e) e, se paciente, pode ser afetado (a, d) ou não (b).

As orações com um participante expresso, por sua vez, correspondem, segundo Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 59), a “orações em que o verbo projeta uma moldura semântica transitiva, mas apresenta apenas o argumento sujeito”. Dessa forma, o objeto direto pode ser zero ou pode não ser expresso.

- a. objeto paciente anafórico
- b. objeto paciente inferido

As orações com objeto paciente anafórico e com paciente inferido são ilustradas, por Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 56-58), a partir dos seguintes dados, respectivamente:

(16) Ela passa o filme todinho fugindo ou então querendo resolver esse crime... né... **solucionar**... querendo prender o assassino... assim... ajudar a **prender**... mas o que eu, p:.... (*Corpus D&G*, p. 182)

(17) Se você tem vontade de **fazer**... **faça**... se for uma obrigação você não **faça** se você não quiser **fazer** não **faça**... tá entendendo? (*Corpus D&G*, p. 181)

Os autores esclarecem que, no primeiro caso, os objetos diretos dos verbos *solucionar* e *prender* são dados no contexto que imediatamente os antecede: *esse crime* e *assassino*. Nesse caso, o objeto anafórico é uma informação dada, o que o diferencia do objeto prototípico, tendo em vista que este corresponde à informação nova, ou seja, ao foco. Dessa forma, segundo Furtado da Cunha e Souza (2011), o objeto direto assume o

papel de subtópico discursivo ou tópico secundário, já que o tópico primário é representado pelo sujeito.

No segundo caso, por sua vez, o objeto direto do verbo *fazer* não pode ser recuperado, pois ele não é dado por ser irrelevante nesse contexto, já que “a ênfase recai sobre o evento em si, daí a não explicitação do objeto direto” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 61).

Ambas as orações são, segundo os linguistas, sintaticamente intransitivas, mas semanticamente transitivas, pois apresentam objeto direto, embora seja omitido por questões pragmáticas (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011). Tendo em vista os parâmetros de Hopper e Thompson (1980), essas orações não apresentam o grau máximo de transitividade em razão da omissão do objeto.

Furtado da Cunha e Souza (2011) ainda levantam uma questão acerca de casos como (18) *ter confiança* e (19) *dar uma pensadinha*. Eles questionam se esses casos podem ser considerados predicados intransitivos ou se *confiança* e *pensadinha* podem ser entendidos como objetos dos verbos *ter* e *dar*. Apesar de não responderem às questões, afirmam que “esse é um excelente caso para o argumento de que a fronteira entre verbos de um ou de dois participantes é muito tênue no discurso conversacional” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 64-65). Casos como esses em português são considerados casos residuais de transitividade por Furtado da Cunha (2004), pois aparecem em arranjos sintáticos transitivos, mas os verbos têm seus significados esvaziados.

Sobre esses casos, em inglês, Thompson e Hopper (2001) afirmam que a composição V O (verbo-objeto), que se caracteriza por ser uma combinação lexicalizada, em que o objeto é não referencial e o verbo é de baixo conteúdo, como (20) *have fun* (ter diversão, divertir-se), apresenta baixa transitividade, já que o objeto, por ser não referencial, não é individuado ou afetado. Esses casos, intitulados composições, apresentam uma ou mais das seguintes propriedades: a combinação é lexicalizada, o objeto é não referencial e o verbo é de baixo conteúdo.

Instanciações como essas, ilustradas por Furtado da Cunha e Souza (2001) e Thompson e Hopper (2001), representam as construções idiomáticas de base transitiva que analisamos e das quais tratamos, também, ao apresentar os trabalhos que compõem a literatura sobre a idiomatização na seção **2 Idiomatização: Revisão da Literatura**.

1.2 A transitividade na perspectiva da Gramática das Construções

No âmbito dos estudos da Gramática das Construções, Goldberg (1995, 2006) investiga as construções de estrutura argumental do inglês. Embora se dedique à análise da construção bitransitiva, da de movimento causado, da resultativa e da “*way-construction*”, ela tece algumas reflexões, também, acerca da transitiva.

Os papéis de agente e paciente, sobre os quais Goldberg (1995, p. 116) discorre ao tratar das construções argumentais que investiga, são citados, no que se refere à construção transitiva, a partir das noções de proto-agente e proto-paciente, de Dowty (1991), que apresentam as seguintes propriedades:

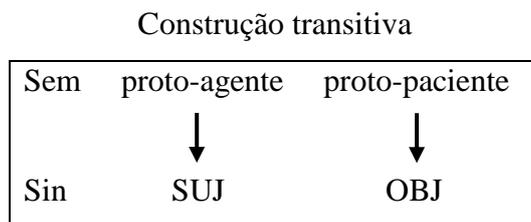
Quadro 3 - Propriedades do proto-agente e do proto-paciente

Propriedades do Proto-Agente	Propriedades do Proto-Paciente
Envolvimento volicional no evento ou estado	Sofre mudança de estado
Senciência e/ou percepção	Tema incrementado
Causa um evento ou mudança de estado em outro participante	Causalmente afetado por outro participante
Movimento (relativo à posição de outro participante)	Estaticidade (relativa ao movimento de outro participante)
Existe independentemente do evento nomeado pelo verbo	Não existe independentemente do evento, ou não em todos

Fonte: Goldberg (1995, p. 116) tradução nossa

Segundo Dowty (1991), em predicados com sujeito e objeto gramaticais, o argumento que detém mais propriedades do proto-agente é lexicalizado como sujeito, enquanto aquele que apresenta mais propriedades de proto-paciente é lexicalizado como objeto direto.

Goldberg (1995) aponta que essa generalização pode ser capturada ao se especificar o *link* entre o proto-agente e o sujeito e entre o proto-paciente e o objeto com o esqueleto da construção transitiva, que é representado da seguinte maneira:

Figura 1 - Representação da construção transitiva

Fonte: Goldberg (1995, p. 50) tradução nossa

Na representação, *Sem* corresponde à estrutura semântica da construção tendo em vista seus papéis argumentais, e *Sin* corresponde à estrutura sintática tendo em vista os papéis participantes do verbo. Nesse sentido, em razão de a construção transitiva apresentar dois papéis argumentais, ela é instanciada, em casos prototípicos, por verbos que selecionam, também, dois argumentos, os papéis participantes.

Para Goldberg (1995), os papéis argumentais da construção (agente e paciente) e os papéis participantes do verbo (sujeito e objeto) relacionam-se, e essa relação é regida por dois princípios: Princípio da Coerência Semântica e Princípio da Correspondência. O primeiro estabelece que papéis que são semanticamente compatíveis podem se fundir, enquanto o segundo determina que cada papel participante deve se fundir com um papel argumental. Dessa forma, assim como Dowty (1991) estabelece, o argumento que apresenta mais propriedades de agente (ou proto-agente) assume a função de sujeito, enquanto o que apresenta mais propriedades de paciente (ou proto-paciente) assume função de objeto.

A construção transitiva detém um sentido geral e abstrato, a partir do qual surgem extensões. Assim, ao sentido da construção transitiva prototípica - evento causativo - existe uma família de construções com sentidos relacionados e menos prototípicos, que se ligam ao sentido central por *links* de polissemia (GOLDBERG, 1995).

Segundo a linguista, “as línguas expressam predicados transitivos semanticamente canônicos por meio da construção transitiva”, mas elas “diferem em como e em que medida a construção transitiva é estendida para expressar cenas transitivas semanticamente não canônicas⁸” (GOLDBERG, 1995, p. 118, tradução nossa).

⁸ [...] languages express semantically canonical transitive predicates by means of a transitive construction [...] languages differ in how they express noncanonical transitive predicates.

Para Taylor (2003, p. 206-207), por sua vez, a construção transitiva é representada, sintaticamente, pela fórmula $SN_1 V_{trans} SN_2$, em que o SN_1 e o SN_2 correspondem ao sujeito e ao objeto direto, respectivamente. Já em termos semânticos, a construção é caracterizada a partir de várias propriedades, listadas a seguir:

- a) a construção descreve eventos que envolvem somente dois participantes codificados como sujeito e objeto direto;
- b) os dois participantes são altamente individuados, distintos um do outro e do entorno;
- c) o evento é iniciado pelo referente do sujeito, ou seja, pelo agente. Assim, a responsabilidade pelo evento é exclusiva do agente. O sujeito é tópico da oração;
- d) o agente é consciente e volicional e, desse modo, controla o evento. Como consciência e volição são atributos tipicamente humanos, o agente é tipicamente humano;
- e) como consequência da ação do agente, algo acontece com o referente do objeto direto. O efeito no paciente é intencionado pelo agente e, geralmente, o paciente é inanimado;
- f) após a ocorrência do evento, o paciente está em um estado diferente de antes do evento;
- g) o evento é pontual. Ainda que o evento tenha extensão temporal, a estrutura interna do evento e os estados intermediários entre seu início e fim não são foco;
- h) a ação do agente sobre o paciente geralmente envolve contato físico direto, e o efeito no paciente é imediato;
- i) o evento tem um componente causativo, ou seja, a ação do agente causa uma mudança no paciente;
- j) o agente e o paciente não são apenas entidades diferenciadas, frequentemente têm uma relação adversativa;
- k) o evento reportado pela construção é real, não imaginário, hipotético ou contrafactual.

Além dos casos prototípicos, caracterizados sintática e semanticamente, Taylor (2003, p. 208) também trata dos que se afastam do protótipo, mostrando a gradualidade das propriedades que apresentam. Em (21), por exemplo, o sujeito é inanimado; em (22), o evento é não pontual; em (23), somente parte do paciente passa por mudança e em (24), o sujeito apresenta propriedades de experienciador e o objeto, de estímulo para a experiência vivida pelo sujeito.

(21) *The lightning destroyed the building* (O raio destruiu o edifício)

(22) *We approached the city* (Nós nos aproximamos da cidade)

(23) *I dug the ground* (Eu cavei o chão)

(24) *I watched the movie* (Eu assisti o filme)

Taylor (2003, p. 212) ainda apresenta casos da construção transitiva que considera altamente marginais, como (25) *We had a swim* (Nós demos uma nadada) e (26) *He took a walk* (Ele deu uma andada), que apresentam verbos semanticamente vazios e nomes deverbais, e para os quais há um verbo intransitivo correspondente (27) *We swam* (Nós nadamos) e (28) *He walked* (Ele andou). A marginalidade dessas instanciações, segundo o linguista, se dá pelo fato de não permitirem passivização, que é uma propriedade da construção transitiva.

Instanciações como (25) *We had a swim* e (26) *He took a walk* não codificam um agente que causa mudança em um objeto, já que *had* e *took* não correspondem a verbos plenos, assim como *swim* e *walk* não correspondem a objetos afetados. Casos como esses indicam que a construção transitiva passa por extensão metafórica.

Sendo assim, Taylor (2003, p. 216, tradução nossa) propõe que a “codificação transitiva pode [...] servir para atribuir aspectos selecionados da transitividade prototípica a um estado de coisas não transitivo.”⁹ Em (25) *We had a swim* e (26) *He took a walk*, a atividade é um evento temporariamente limitado, portanto, a propriedade da construção transitiva que se mantém é a pontualidade do evento (TAYLOR, 2003, p. 216). Trata-se, portanto, de casos parcialmente compatíveis com a construção transitiva prototípica, ou seja, são membros marginais da categoria (TAYLOR, 2003).

Para Taylor (2003), portanto, membros marginais são extensões metafóricas da construção transitiva prototípica, noção diferente da de Goldberg (1995), para quem a extensão metafórica é analisada a partir de construções diferentes. A autora afirma que a construção resultativa do inglês, como (29) *Joe kicked Bob black and blue*, é uma extensão metafórica da construção de movimento causado, como (30) *Joe kicked the bottle into the yard*, já que a mudança de locação do objeto codificada nesta é reinterpretada como mudança de estado do objeto naquela.

Para nós, tanto a noção de Taylor (2003) quanto a de Goldberg (1995) acerca da noção de extensão metafórica são válidas para tratarmos da rede construcional transitiva, conforme mostramos na seção de análise.

⁹ a transitive encoding might [...] serve to attribute selected aspects of prototypical transitivity to an otherwise non-transitive state of affairs.

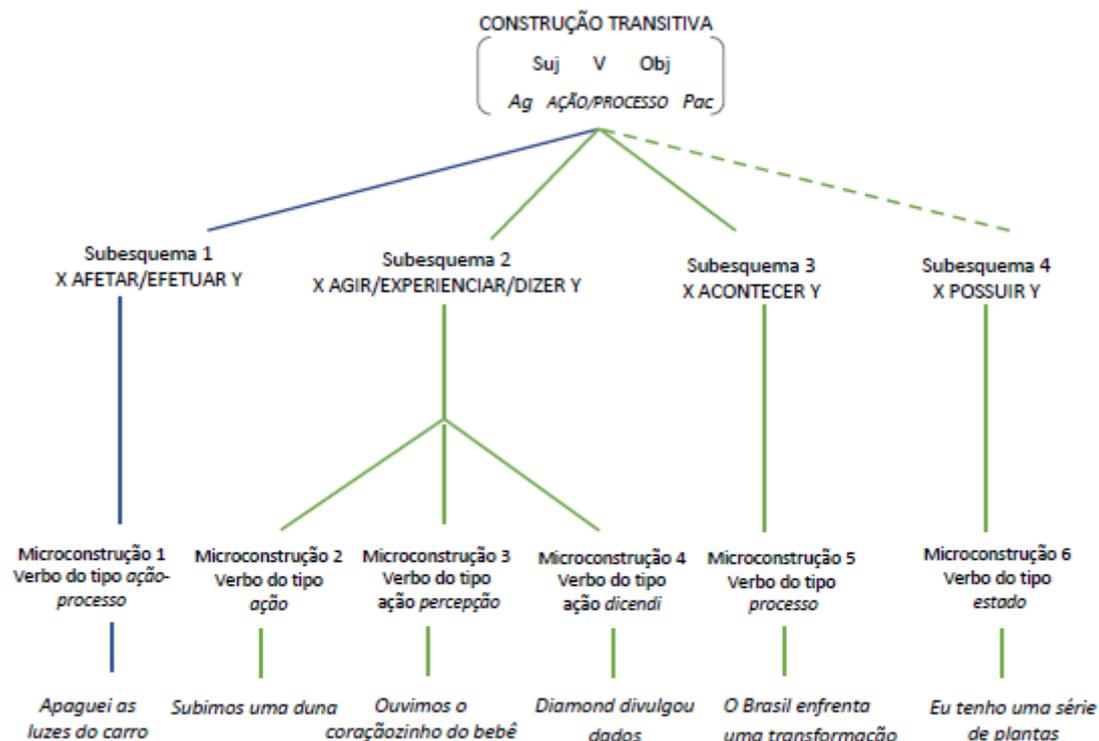
1.3 A transitividade na perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013)

Ao investigar a construção transitiva a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, tomando a perspectiva construcional como base, Lucena (2016) examina instanciações da construção transitiva do português que seguem uma mesma moldura sintática - sujeito, verbo e objeto – mas que se relacionam com diferentes cenas e envolvem verbos de natureza semântica também diferentes: ação-processo, ação, processo e estado.

Segundo a autora, a construção transitiva licencia verbos de domínios semânticos relativamente distintos porque “o significado do padrão construcional é mais esquemático do que o significado do verbo e, por essa razão, se sobrepõe” (LUCENA, 2016, p. 129). Dessa forma, embora as instanciações com verbos de ação-processo sejam associadas ao sentido central da construção transitiva (X AFETAR Y), outros verbos - de ação, processo e estado - também podem instanciá-la, codificando sentidos diferentes do prototípico, a saber: X AGIR Y, X ACONTECER Y e X POSSUIR Y, que se ligam ao sentido central por elos de polissemia.

Em X AFETAR Y, X desencadeia uma ação que afeta Y, como em (31) *Apaguei as luzes do carro*; no segundo, X é agente, mas Y não é afetado, como em (32) *Subimos uma duna*; no terceiro, há a expressão de um acontecer, como em (33) *O Brasil enfrenta uma transformação*; e no último, há a expressão de uma propriedade Y que está agregada a um suporte, que corresponde a X, como em (34) *Eu tenho uma série de plantas* (LUCENA, 2016, p. 130). Esses sentidos são, de acordo com a autora, resultado de processos cognitivos de domínio mais geral, em especial, do processo de categorização.

Lucena (2016) propõe um modelo de rede da construção transitiva, a partir dos níveis de esquema, subesquemas, microconstruções e construtos, hierarquicamente organizados, conforme apresentado a seguir:

Figura 2 - Hierarquia da construção transitiva

Fonte: Lucena (2016, p. 110)

Na rede, a construção transitiva é caracterizada a partir de suas propriedades sintáticas e semânticas e está associada ao nível do esquema, que é geral e abstrato. No nível abaixo, menos esquemático, estão os subesquemas, tanto o que denota o sentido central da construção (Subesquema 1) quanto os que denotam as extensões desse sentido (Subesquemas 2, 3 e 4). As microconstruções, por sua vez, representam os tipos individuais de construções, que são instanciadas, no uso, pelos construtos.

A partir dos dados que analisa, Lucena (2016, p. 132) afirma que “a construção transitiva deve ser considerada em termos de *continuum*”, uma vez que assim é possível “compreender o fato de membros mais periféricos possuírem algum elo com o exemplar prototípico.” É o caso do subesquema X POSSUIR Y, que, “por corresponder ao membro mais periférico associado à construção transitiva parece estar na fronteira entre essa construção e a construção predicativa.”

Furtado da Cunha (1988, 1996, 2002, 2003, 2010, 2011, 2012), por sua vez, tem investigado a transitividade no português tanto em trabalhos individuais, como os citados,

quanto em coautorais, como Furtado da Cunha e Souza (2007, 2011), Lucena e Furtado da Cunha (2011), Cesar e Furtado da Cunha (2014).

Nos trabalhos mais recentes (FURTADO DA CUNHA; SILVA; BISPO, 2016¹⁰; COSTA; FURTADO DA CUNHA, 2016; FURTADO DA CUNHA; CESAR, 2018), aspectos relacionados à transitividade são sinalizados a partir, também, dos pressupostos da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013).

No primeiro, Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016) caracterizam a construção transitiva prototípica a partir do padrão formal SN1 V SN2, o que vai ao encontro do entendimento que temos acerca da construção enquanto esquema, ou seja, enquanto nível hierarquicamente mais alto da rede. Esse padrão, segundo afirmam, é um modelo para a formação de microconstruções pseudotransitivas (aquelas em que não há afetamento do objeto) por meio da relação de herança ou por extensão metafórica.

Conforme afirmam, à construção transitiva prototípica, com sujeito agente, verbo de ação-processo e objeto paciente, associam-se outras estruturalmente semelhantes, mas que apresentam sentidos diferentes, como as que têm sujeito experienciador, verbo que denota experiência afetiva e objeto que tem função de tema. Ambos os casos são ilustrados por Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016) com os dados abaixo:

Construção transitiva prototípica:

(35) **Ministro José Eduardo Cardoso corta fita** de inauguração da CESP

Construção pseudotransitiva:

(36) Na verdade, **as pessoas podem sofrer graves privações**, em muitos aspectos da vida, para além daquelas definidas como necessidades básicas, [...]

Os linguistas ainda discutem acerca da assunção de que forma e função se encontram no mesmo nível, ou seja, têm o mesmo estatuto. Ainda que essa seja uma noção considerada nos estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso, o exame de construções específicas parece indicar o contrário, já que, por exemplo, uma construção pode ser realizada no discurso por construções que compartilham a mesma forma, mas

¹⁰ O objetivo deste trabalho não é investigar a construção transitiva especificamente, mas ela é citada ao refletirem acerca da noção de esquematicidade e de elo de herança, razão pela qual sobre ele discorreremos aqui.

que diferem em termos semânticos (FURTADO DA CUNHA; SILVA; BISPO, 2016, p. 62).

Conforme Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016, p. 63) afirmam:

O fato de uma mesma configuração estrutural poder veicular sentidos diferentes mas relacionados (no caso da polissemia) ou completamente díspares (no caso da homonímia) sugere que, na construção, há uma certa priorização da contraparte correspondente à função, ao passo que a preservação da forma não é discutida.

Portanto, se “a noção de pareamento como equivalência de *status* precisa ser relativizada/atenuada”, Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016, p. 63) afirmam que “trabalhar com a ideia de construção como o pareamento relativamente arbitrário/motivado entre forma e função, considerando aspectos sincrônicos e/ou diacrônicos, parece ser uma saída viável para a LFCU.”

Furtado da Cunha e Cesar (2018), por sua vez, dedicam-se à investigação da construção com verbos de movimento transitivos no português, que é, conforme propõem, um subesquema da construção transitiva.

Os verbos de movimento, como *voltar* e *vir*, são classificados, tradicionalmente, como intransitivos porque denotam que alguém ou algo se move de um lugar a outro. Contudo, Furtado da Cunha e Cesar (2018) mostram que há, também, verbos de movimento transitivos, como *seguir* e *subir* (verbos de ação), em que um agente se desloca de um ponto a outro, e como *pôr* e *retirar* (verbos de ação-processo), que indicam o movimento do objeto a partir da ação do sujeito.

Em termos formais, a construção investigada por Furtado da Cunha e Cesar (2018) apresenta sujeito, verbo, objeto direto, e, em alguns casos, sintagma preposicional, conforme ilustrado abaixo, respectivamente.

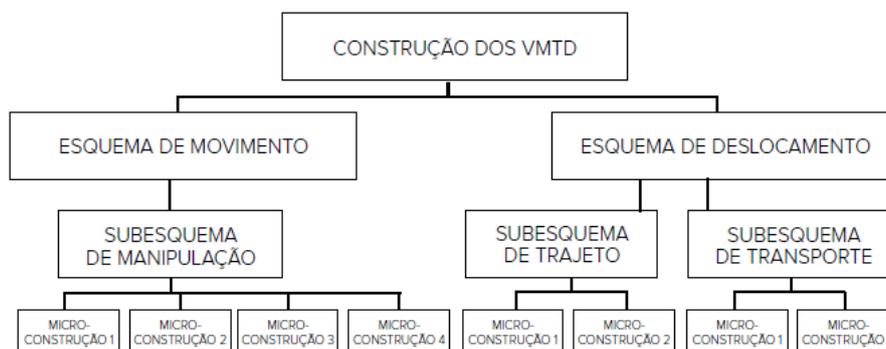
(37) Deixamos o carro e **subimos uma duna**

(38) ... entao quando ela pegou o carro do jeito que ele queria ... super veloz ... minha filha ...botou ... pe na tabua ... ai **levou ele ate o hotel**

O sujeito é, prototipicamente, o agente, o objeto direto pode ser afetado ou não, a depender do tipo semântico do verbo - se de ação-processo ou de ação - e o sintagma preposicional pode indicar contêiner, origem, trajeto ou meta (FURTADO DA CUNHA; CESAR, 2018).

Os linguistas propõem, com base na análise dos dados, uma rede construcional hierárquica a partir dos níveis que Traugott e Trousdale (2013) estabelecem: esquema, subesquema e microconstrução, ilustrada a seguir.

Figura 3 - Rede hierárquica



Fonte: Furtado da Cunha e Cesar (2018, p. 127)

Embora tratem de um subesquema da construção transitiva, os resultados do estudo que realizam mostram que sob o esquema transitivo, mais geral e abstrato, há várias construções, que se organizam em diferentes níveis hierárquicos da rede.

Costa e Furtado da Cunha (2016), por sua vez, investigam a construção com verbos de cognição, que, conforme apontam, também é um subesquema da construção transitiva prototípica. Os verbos de cognição indicam, segundo os autores, processos mentais associados à decisão, crença, memória, compreensão e planejamento, como *achar, acreditar, lembrar, esquecer, estudar e programar*, por exemplo.

Formalmente, a construção apresenta sujeito, verbo e objeto direto, estrutura que corresponde à construção transitiva, mas, semanticamente, ao invés de sujeito agente, apresenta sujeito experienciador, haja vista que o verbo de cognição não expressa ação, mas sim atividade mental; e o objeto direto não é paciente, mas o fenômeno processado na mente do sujeito, ou seja, não é afetado, mas experienciado.

A semelhança sintática acompanhada de diferenças semânticas indica que a construção com verbos de cognição é uma extensão da transitiva prototípica. Trata-se, conforme lembram os autores, de casos nomeados por Traugott e Trousdale (2013) de polissemia.

Ao subesquema que investigam ligam-se outros mais específicos, tendo em vista o item linguístico que assume a função de objeto direto, que pode ser uma oração no

indicativo; pode ser não-expresso, anafórico ou inferido; pode ser sintagma nominal; pronome demonstrativo; cláusula no infinitivo ou cláusula no subjuntivo. Por ser um estudo em andamento, os autores não apresentam uma proposta de rede construcional e não tecem reflexões acerca do nível microconstrucional, porém, ainda assim, evidenciam a produtividade da construção transitiva, haja vista que dela são instanciadas construções que, embora se mostrem estruturalmente iguais, são semanticamente diferentes.

Resumo

Nesta seção, revisitamos estudos realizados acerca da transitividade, a fim de apresentar um panorama geral da literatura sobre o tema.

Mostramos que a transitividade, anteriormente investigada pelos gramáticos como sendo uma propriedade do verbo, passou a ser analisada como uma propriedade da oração, a partir de noções como gradualidade (HOPPER; THOMPSON, 1980) e prototipicidade (GIVÓN, 2001), que tornaram possível investigar tanto os membros centrais quanto os periféricos das construções das línguas.

Somado a isso, nas investigações realizadas no âmbito do Funcionalismo, passou-se a considerar as propriedades discursivo-funcionais da transitividade junto às sintáticas e semânticas, o que permitiu que construções sem objeto paciente expresso, em razão de sua dispensabilidade ou de sua recuperabilidade no contexto precedente, não deixassem de ser entendidas como transitivas. Dessa forma, a presença/ausência de objeto direto deixou de ser um critério suficiente para se distinguir a construção transitiva da intransitiva.

Mostramos, também, que casos como (18) *ter confiança* e (19) *dar uma pensadinha* são tratados, por Furtado da Cunha (2004), como casos residuais de transitividade. Entretanto, eles são, para nós, instâncias de uma nova construção – a idiomática – que, conforme defendemos, emergiu a partir de mudanças nas contrapartes funcional e formal da construção transitiva.

Já para Thompson e Hopper (2001), casos assim correspondem a combinações lexicalizadas, concepção com a qual concordamos, tendo em vista que sua emergência se explica a partir da lexicalização – ou construcionalização lexical – nos termos de Traugott e Trousdale (2013), conforme discutimos na seção dedicada à análise dos dados.

No âmbito da Gramática das Construções, Goldberg (1995) ressalta, e com ela concordamos, que a construção transitiva apresenta um sentido geral e abstrato, a partir

do qual surgem extensões com sentidos relacionados e menos prototípicos, que se ligam ao sentido central por *links* de polissemia, mas não somente, tal como mostramos na seção 5.

Taylor (2003), ainda no contexto da Gramática das Construções, sobre casos como (25) *we had a swim* e (26) *he took a walk*, afirma que se trata de membros marginais da construção transitiva, que passam por extensão metafórica. Porém, conforme já sinalizamos acerca da assunção de Furtado da Cunha (2004) para casos do português, trata-se, para nós, de uma nova construção, advinda do esquema transitivo, embora concordemos que se trate de extensão metafórica.

Por fim, no que se refere aos estudos construcionais, mostramos que, apesar de se discutir a equidade de *status* entre função e forma, estudos têm mostrado que, na verdade, a função parece ter privilégio diante da forma.

Além disso, assumimos, com Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016), que do padrão SN1 V SN2 formam-se microconstruções menos prototípicas, em que propriedades como agentividade e afetamento são relativizadas, conforme comprovamos ao analisar as construções que compõem a rede transitiva.

Os estudos sobre transitividade aqui apresentados mostram que, ainda que tenham sido bastante investigadas, não há, ainda, um trabalho que trate da relação hierárquica existente entre a construção transitiva e a idiomática, assim como fazemos nesta tese.

2 IDIOMATIZAÇÃO: REVISÃO DA LITERATURA

Introdução

Muitos autores, de diferentes perspectivas, trataram das construções idiomáticas de diferentes maneiras. Aqui, apresentamos, principalmente, as assunções de Nunberg, Sag e Wason (1994), de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e, também, de Croft e Cruse (2004), pois entendemos que suas propostas de análise contribuem com as discussões que realizamos acerca das construções idiomáticas de base transitiva que analisamos, já que, para eles, os idiomas¹¹, conforme denominam, podem ser mais ou menos idiomáticos, o que é compatível com a noção gradual da LFCU, da qual partimos.

2.1 Idiomatização segundo Nunberg, Sag, Wason (1994)

Para Nunberg, Sag e Wason (1994, p. 492-493, tradução nossa), as construções idiomáticas apresentam as seguintes propriedades:

i) Convencionalidade: “seus sentidos ou usos não podem ser previstos, ou, pelo menos, não totalmente previstos, na base do conhecimento de convenções independentes que determinam o uso de seus constituintes quando eles aparecem isolados uns dos outros”¹².

ii) Inflexibilidade: “tipicamente aparecem somente em um número limitado de estruturas sintáticas ou construções, ao contrário de expressões livremente compostas”¹³. A microconstrução idiomática (39) *shoot the breeze* (jogar conversa fora), por exemplo, parece não permitir passivização – (40) *the breeze was shot* (a conversa foi jogada fora).

A inflexibilidade também caracteriza a semântica das construções idiomáticas segundo os linguistas, uma vez que nem mesmo palavras sinônimas podem substituir os elementos que os compõem. Em (41) *spill the beans* (abrir o bico), por exemplo, *beans*

¹¹ Apesar de os autores usarem o termo *idioma*, utilizaremos sempre *construção idiomática* para nos referirmos a esses casos, a não ser quando fazemos citação direta dos textos dos linguistas.

¹² [...] their meaning or use can't be predicted, or at least entirely predicted, on the basis of a knowledge of the independent conventions that determine the use of their constituents when they appear in isolation from one another.

¹³ Typically appear only in a limited number of syntactic frames or constructions, unlike freely composed expressions.

(feijões) não pode ser substituído por *succotash* (prato a base de milho e feijão), pois o sentido idiomático é perdido.

iii) Figuração: tipicamente envolvem metáforas, como (42) *take the bull by the horns* (pegar o touro pelo chifre), metonímias, como (43) *lend a hand* (dar uma mão), hipérboles, como (44) *not worth the paper it's printed on* (não vale o papel em que está impresso = não tem valor, não tem importância) ou outros tipos de figuração¹⁴.

iv) Proverbialidade: “descrevem – e, implicitamente, explicam - uma situação recorrente de interesse social particular [...] em virtude de sua semelhança ou relação com o cenário envolvido”¹⁵. É o caso de (45) *climbing walls* (subir as paredes), (46) *chewing fat* (jogar conversa fora) e (47) *spilling beans* (abrir o bico), que se relacionam com atividades e situações concretas e rotineiras.

v) Informalidade: “são tipicamente associados com registros relativamente coloquiais ou informais e com a fala popular e com a cultura oral”¹⁶.

vi) Afeto: “são tipicamente usados para implicar uma certa avaliação ou postura emocional por meio de coisas que eles denotam”¹⁷. O sentido idiomático de (48) *kick the bucket* (bater as botas), por exemplo, assemelha-se ao sentido de *to die* (morrer), apesar de não serem sinônimos idênticos, tendo em vista a posição do falante acerca do fato sobre o qual discorre.

Com exceção da convencionalidade, nenhuma dessas propriedades se aplica obrigatoriamente a todas as construções idiomáticas segundo Nunberg, Sag e Wason (1994). Assim, para eles, a convencionalidade, ou seja, a não previsibilidade dos sentidos das construções idiomáticas, é a sua propriedade semântica principal.

¹⁴ Typically involve metaphors (*take the bull by the horns*), metonymies (*lend a hand [...]*), hyperboles (*not worth the paper it's printed on*) or other kinds of figuration.

¹⁵ [...] describe – and implicitly, to explain – a recurrent situation of particular social interest [...] in virtue of its resemblance or relation to a scenario involving homey.

¹⁶ [...] are typically associated with relatively informal or colloquial registers and with popular speech and oral culture.

¹⁷ [...] are typically used to imply a certain evaluation or affective stance toward the things they denote.

Tendo em vista que a idiomaticidade tem natureza essencialmente semântica, Nunberg, Sag e Wason (1994) elencam, junto à convencionalidade, outras duas propriedades, a opacidade e a composicionalidade.

A opacidade, ou transparência, das construções idiomáticas corresponde à possibilidade de se recuperar a motivação que deu origem ao seu sentido idiomático. A composicionalidade, por sua vez, diz respeito ao “grau pelo qual o sentido [idiomático], uma vez conhecido, pode ser analisado em termos da contribuição das partes do idioma”¹⁸ (NUNBERG; SAG; WASON, 1994, p. 498, tradução nossa).

A partir da noção de composicionalidade, os linguistas dividem as construções idiomáticas entre expressões idiomáticamente combinadas - ou combinações idiomáticas - e frases idiomáticas.

As primeiras são construções idiomáticas cujos elementos “carregam partes identificáveis dos seus sentidos idiomáticos”¹⁹ (NUNBERG; SAG; WASON, 1994, p. 496, tradução nossa), como em (49) *pull strings*. Sua tradução literal é *puxar cordas*, em referência ao movimento que se faz com fantoches, no entanto, na combinação idiomática, o sentido é explorar as conexões pessoais de modo a se conquistar o que quer (*mexer os pauzinhos*).

Segundo os linguistas, cada constituinte - *pull* e *strings* - se refere, metaforicamente, a um elemento da interpretação, ou seja, à relação de explorar e às conexões exploradas, respectivamente. É nesse sentido que Nunberg, Sag e Wason (1994, p. 496) afirmam que *pull strings* é composicional.

O mesmo ocorre com (41) *spill the beans*, cujo sentido idiomático corresponde a divulgar uma informação comprometedora, um segredo (*abrir o bico*). Enquanto itens lexicais autônomos, *spill* e *beans* correspondem a *derramar* e *feijões*, respectivamente, mas na combinação idiomática são mapeados em componentes do sentido da construção idiomática, ou seja, pela ação de *divulgar* e pela *informação divulgada*, o que também caracteriza, para Nunberg, Sag e Wason (1994), um caso de composicionalidade.

Conforme esclarecem, porém, “isso não quer dizer, claro, que *spill* pode ter o sentido de ‘divulgar’ quando não coocorre com *the beans*, ou que *beans* pode ter o sentido de ‘informação’ sem *spill*”²⁰ (NUNBERG; SAG; WASON, 1994, p. 497, tradução nossa).

¹⁸ [...] the degree to which the phrasal meaning, once known, can be analyzed in terms of contributions of the idioms parts.

¹⁹ [...] whose parts carry identifiable parts of their idiomatic meanings.

²⁰ This is not to say, of course, that *spill* can have the meaning ‘divulge’ when it does not co-occur with *the beans*, or that *beans* can have the meaning ‘information’ without *spill*.

Para os linguistas, o sentido idiomático “surge por meio de uma convenção que atribui sentidos particulares a suas partes quando elas ocorrem juntas.”²¹

O entendimento dos autores de que as combinações idiomáticas, como *pull strings* e *spill the beans*, são composicionais difere da visão tradicional – própria dos estudos em semântica lexical – e, também, da de Traugott e Trousdale (2013), nas quais são vistas como composicionais as construções cujo significado do todo corresponde à soma dos significados lexicais das partes.

Assumimos a noção de composicionalidade de Traugott e Trousdale (2013) por entendermos que as construções idiomáticas do português que analisamos, ainda que constituam a rede da construção transitiva por apresentarem a sequência nome-verbo-nome, detêm sentidos que não advêm de regras gerais de interpretação semântica. São, portanto, não composicionais²².

Nunberg, Sag e Wason (1994) afirmam que a maior parte das construções idiomáticas são do tipo combinações idiomáticas e que elas são semanticamente analisáveis, mas também semanticamente composicionais.

Ao proporem essa visão, Nunberg, Sag e Wason (1994) dissociam convencionalidade (não previsibilidade dos sentidos), que é considerada, por eles, o traço necessário das construções idiomáticas, da não composicionalidade. Em outras palavras, ser convencional (idiossincrática) não é o mesmo que ser composicional. A composicionalidade é uma característica apenas das combinações idiomáticas (CROFT; CRUSE, 2004), portanto, elas são, ao mesmo tempo, composicionais e convencionais, pois recebem uma análise composicional, embora seus sentidos sejam não previsíveis.

Dentre as construções idiomáticas que investigamos há casos composicionais, contudo, a noção de composicionalidade que assumimos é diferente da de Nunberg, Sag e Wason (1994). Para nós, são composicionais as construções nas quais o sentido idiomático recupera o sentido lexical do nome posposto ao verbo, como em (50), em que *pegar voo* corresponde idiomáticamente a *voar*.

(50) Passageira espera pela inauguração do aeroporto para **pegar vôo** (*Corpus do Português*: <http://www.puxacachorra.com.br/2013/03/5-esportes-ingleses-que-deveriam-fazer.html>)

²¹ [...] it arises through a convention that assigns particular meanings to its parts when they occur together.

²² Há, contudo, casos como *levar susto*, em que uma certa composicionalidade é preservada, pois o significado construcional (*assustar*) relaciona-se com o sentido do nome pós-verbal.

A não composicionalidade está, para Nunberg, Sag e Wason (1994), reservada às frases idiomáticas como (48) *kick the bucket* e (39) *shoot the breeze*, que correspondem às construções idiomáticas cuja “interpretação idiomática não pode ser distribuída pelas partes da expressão”²³ (NUNBERG; SAG; WASON, 1994, p. 497, tradução nossa).

A tradução literal de *kick the bucket* e *shoot the breeze* é *chutar o balde* e *atirar a brisa*, respectivamente, porém, como construções idiomáticas, correspondem a *bater as botas/morrer* e *jogar conversa fora*. Assim, o sentido idiomático não se distribui pelos constituintes *kick*, *bucket*, *shoot* e *breeze*, o que leva Nunberg, Sag e Wason (1994) a advogarem que se trata de frases idiomáticas, portanto, são não composicionais.

Nos dados que analisamos, não encontramos nenhum caso de construção idiomática do tipo combinação idiomática, mas sim do tipo frase idiomática, como (51) *abandonar o barco* (desistir), que é, portanto, não composicional, uma vez que os itens *abandonar* e *barco* não são mapeados em componentes do sentido idiomático.

(51) O brasileiro revelou que lutou lesionado para ter que pagar as contas e expôs uma dura realidade, que não poupa nem os melhores lutadores de o mundo. "« Na minha última luta, eu quase **abandonei o barco** a duas semanas do combate por conta de uma lesão na costela, só para você ter uma ideia eu não pude fazer treino de sparing.. (*Corpus* do Português: Blog: <http://blog.portalmma.com.br/2013/08/dos-anjos-revela-que-lutou-lesionado.html>)

Croft e Cruse (2004) concordam com Nunberg, Sag e Wason (1994) ao afirmarem que a diferença entre expressões sintáticas regulares e combinações idiomáticas não é que uma é composicional e a outra não, mas sim que as regras de composição semântica das expressões sintáticas regulares são mais gerais e as das combinações idiomáticas são mais específicas, indo em posição contrária ao que estudos mais tradicionais postulam.

2.2 Idiomatização segundo Fillmore, Kay e O’Connor (1988)

Fillmore, Kay e O’Connor (1988), por sua vez, empreenderam, no âmbito da Gramática das Construções, uma análise acerca de várias construções idiomáticas, a partir da qual foram classificadas em:

²³ [...] idiomatic interpretation cannot be distributed over their parts.

- decodificadas e codificadas;
- gramaticais e extragramaticais;
- substantivas e formais;
- com ponto pragmático e sem ponto pragmático.

As **construções idiomáticas decodificadas**, segundo Fillmore, Kay e O'Connor (1988, p. 504-505, tradução nossa), são aquelas que “os usuários da língua não conseguem interpretar com total confiança se não os aprenderam separadamente”²⁴, ou seja, são construções cuja interpretação não depende de regras de interpretação semântica apenas, mas também de conhecimentos prévios do falante/ouvinte. Em (48) *kick the bucket*, por exemplo, não há correspondência entre o sentido literal (chutar o balde) e o sentido idiomático (bater as botas = morrer), assim, regras de interpretação semântica mais gerais não são suficientes para que os usuários da língua interpretem o seu significado.

As **construções idiomáticas codificadas**, por sua vez, são aquelas que “os usuários da língua podem ou não entender sem experiência anterior”²⁵ (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 505, tradução nossa), como (52) *answer the door* (abrir a porta em resposta a alguém que bate), que é interpretável por regras padrões para interpretação de sentenças, embora apresente sentido arbitrário, já que uma *porta* não é um ser para quem se possa responder algo.

A segunda distinção feita por Fillmore, Kay e O'Connor (1988, p. 505) é a de **construções idiomáticas gramaticais**, como (48) *kick the bucket* e (41) *spill the beans*, que são aquelas nas quais as palavras - verbos e nomes – aparecem em estruturas gramaticais familiares, e as **construções idiomáticas extragramaticais**, ou seja, aquelas que têm estruturas anômalas, como em (53) *first of* (primeiro de), (54) *so far so good* (até agora tudo bem) e (55) *by and large* (em geral), por exemplo.

A terceira distinção é entre **construções idiomáticas substantivas**, ou lexicalmente preenchidas, e **construções idiomáticas formais**, ou lexicalmente abertas. As primeiras são aquelas “(mais ou menos) completamente especificados” (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 505, tradução nossa), como todas as exemplificadas anteriormente. Já as formais são padrões sintáticos, como (56) *The more carefull you do your work, the easier it will get* e (57) *The bigger they come, the harder they fall*, que apresentam o padrão sintático *the X-er the Y-er*, podendo ser preenchidas por diferentes

²⁴ [...] the language users couldn't interpret with complete confidence if they hadn't learned it separately.

²⁵ [...] language users might or might not understand without prior experience [...]

itens. As construções idiomáticas formais, que são aquelas pelas quais Fillmore, Kay e O'Connor (1988) mais se interessam, servem, segundo os linguistas, como hospedeiras para as construções idiomáticas substantivas.

Por fim, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) distinguem as **construções idiomáticas com ponto pragmático** das **construções idiomáticas sem ponto pragmático**. As primeiras são aquelas que são usadas em certos contextos pragmáticos específicos, como (58) *good morning* (bom dia) ou (59) *see you later* (até logo), que inicia e encerra diálogos, respectivamente. As construções idiomáticas sem ponto pragmático, por sua vez, são exemplificadas com (60) *all of a sudden* (de repente) e (61) *by and large* (em geral), que não têm, segundo os linguistas, contexto pragmático específico.

A partir da análise dos vários tipos de construções idiomáticas tendo em vista suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) dividiram-nas em três grandes grupos²⁶:

- i) partes não familiares arranjadas de maneira não familiar
- ii) partes familiares arranjadas de maneira não familiar
- iii) partes familiares arranjadas de maneira familiar

As construções idiomáticas especificadas em (i) são lexical, sintática e semanticamente irregulares, como a microconstrução substantiva (62) *kith and kin*, para a qual não há tradução para o português, mas que diz respeito às pessoas com quem nos relacionamos, especialmente aquelas com as quais temos relacionamento familiar. As palavras que a constituem ocorrem somente nela, por isso ele é lexicalmente irregular. Conforme explicam Fillmore, Kay e O'Connor (1988), palavras não familiares são, necessariamente, arranjadas de maneira não familiar e são, também, semanticamente irregulares.

As construções idiomáticas representados em (ii) são lexicalmente regulares, mas sintática e semanticamente irregulares. Fillmore, Kay e O'Connor (1988, p. 508) exemplificam-nas com a microconstrução substantiva (63) *all of a sudden* (de repente), mas esclarecem que construções idiomáticas esquemáticas também se encaixam nessa classificação, embora não citem exemplos. Trata-se de construções idiomáticas nas quais há regras sintáticas e semânticas especiais.

²⁶ Unfamiliar pieces unfamiliarly arranged; familiar pieces unfamiliarly arranged e familiar pieces familiarly arranged.

Finalmente, as construções idiomáticas representadas em (iii) são lexical e sintaticamente regulares, mas semanticamente irregulares. Aqui, também, tanto microconstruções substantivas, como (64) *tickle the ivories* (tocar piano – fazendo alusão às chaves brancas, feitas de marfim), quanto esquemáticas – ou formais - são consideradas (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988, p. 510).

Ao tratarem das construções idiomáticas, Traugott e Trousdale (2013, p. 182, tradução nossa) afirmam que (41) *spill the beans* e (65) *saw logs*, citadas por Nunberg, Sag e Wason (1994), “são, usualmente, subtipos de expressões livres ordinariamente composicionais e, portanto, têm uma sintaxe bem formada”²⁷.

Estes são os casos das construções idiomáticas que compõem nosso *corpus*. Elas são subtipos do esquema transitivo (subesquemas nos termos de Traugott e Trousdale, 2013), do qual se originaram via neoanálise. Portanto, apresentam sintaxe bem formada (sequência nome-verbo-nome).

Resumo

Quanto à literatura que citamos acerca da idiomaticidade, concordamos que as construções idiomáticas são caracterizadas pela não previsibilidade de seus sentidos (convencionalidade), pela avaliação que implicam (afeto) – justificada, para nós, em razão da busca por maior expressividade – e pela composicionalidade encontrada em alguns casos, embora nossa concepção de composicionalidade seja distinta da de Nunberg, Sag e Wason (1994), conforme explicamos.

No entanto, dentre as demais propriedades listadas por Nunberg, Sag e Wason (1994), discordamos da inflexibilidade semântica, haja vista que, em algumas instanciações que investigamos da construção idiomática, a substituição do verbo (*colocar/botar fê*) ou do nome pós-verbal (*descascar o abacaxi/pepino*) é possível sem que haja mudança do sentido idiomático: *acreditar e resolver um problema*, respectivamente.

Entendemos, também, que há, entre as instanciações da construção idiomática, casos parcialmente composicionais e casos não composicionais, e que os sentidos das instanciações da construção idiomática não advêm de regras de interpretação semântica gerais, diferentemente do que ocorre com as instanciações da construção transitiva da

²⁷ [...] they are usually subtypes of ordinarily compositional free expressions [...]

qual se originam, em que o significado construcional corresponde à soma dos significados das partes.

Dentre as distinções que Fillmore, Kay e O'Connor (1988) estabelecem entre as construções idiomáticas, destaca-se a realizada entre as formais e as substantivas, pois ela vai ao encontro da assunção de Traugott e Trousdale (2013) de que a partir de construções idiomáticas esquemáticas – mais gerais – são formadas construções idiomáticas lexicalmente preenchidas.

Além disso, de acordo com a divisão que Fillmore, Kay e O'Connor (1988) realizam, ressaltamos o terceiro grupo, constituído de construções idiomáticas que são lexical e sintaticamente regulares, mas semanticamente irregulares, pois são esses os casos com os quais nos deparamos ao analisar os dados coletados.

3 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA: PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Introdução

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que conjuga os princípios da Linguística Funcional de orientação norte-americana e os da Linguística Cognitiva. Mencionamos, também, os pressupostos teóricos do Funcionalismo do século XX, embora de maneira breve, uma vez que esse percurso histórico se mostra relevante para que possamos discutir as concepções adotadas pela versão contemporânea dessa corrente linguística.

Ressaltamos que, ao longo da seção, são feitos os devidos recortes a fim de direcionar o enfoque para os objetivos estabelecidos para este trabalho. Assim, não discutimos exaustivamente o arcabouço teórico supracitado, mas apresentamos os conceitos teóricos que se mostraram relevantes para a tarefa de investigar a rede construcional transitiva no português brasileiro.

Portanto, além de destacar os princípios norteadores da Linguística Funcional Centrada no Uso, tratamos, mais especificamente, da abordagem construcional da mudança linguística, a partir, principalmente, do texto sobre mudanças construcionais e construcionalização de Traugott e Trousdale (2013).

Fundamentamos a pesquisa a partir da abordagem construcional, pois, nela, encontramos os pressupostos necessários para cumprir os objetivos ora propostos e para testar as hipóteses arroladas, tendo em vista que considera as noções de construção, rede, nós, *link* entre nós, mudança construcional, construcionalização, esquematicidade, produtividade, composicionalidade e níveis hierárquicos. Além disso, é uma corrente teórica contemporânea, que apresenta uma perspectiva de investigação da língua que considera o papel do contexto e, também, aspectos do pareamento forma-função, como sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, pragmática e discurso.

3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Os estudos funcionalistas desenvolvidos no século XX detinham-se à investigação da mudança categorial de itens específicos, isolados. Dessa forma, os trabalhos sobre mudança linguística, realizados por meio dos pressupostos da gramaticalização,

buscavam identificar a trajetória desses itens, de lexicais para gramaticais ou de menos para mais gramaticais.

Além disso, defendia-se a correlação função > forma, de modo que a primeira tinha papel predominante sobre a segunda, já que os aspectos formais foram, por muito tempo, “vistos como mera consequência de motivações semânticas ou pragmáticas” (OLIVEIRA, 2013, p. 150).

Apesar de alguns trabalhos, como o de Lehmann (1988), já sinalizarem e, mais do que isso, realizarem a investigação de estruturas maiores e mais complexas via gramaticalização, foi com o decorrer do desenvolvimento das pesquisas em linguística funcional e a partir de reformulações teórico-metodológicas que se buscou, cada vez mais, investigar elementos não atômicos (HEINE, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Dessa forma, segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 236), as análises passaram a abarcar a dimensão contextual, a partir de uma abordagem holística do uso linguístico, pois se passou a considerar que “os itens não ocorrem nem produzem sentido isoladamente”, razão pela qual “se torna necessário observar as relações contextuais”.

Ademais, a correlação função > forma, em que havia o privilégio de uma sobre a outra, foi atualizada pelo binômio função < > forma, já que se entende que ambas se envolvem mutuamente, conforme afirmam Rosário e Oliveira (2016, p. 237, tradução nossa):

Se, nas décadas iniciais, a análise focava em um desses eixos, como mencionado aqui, a tendência atual é um tratamento mais integrado de ambos, partindo do pressuposto de que as propriedades funcionais e formais se envolvem mutuamente. Então, ao invés da primazia do primeiro eixo, como motivador exclusivo do uso linguístico, marcado pela (uni)direcionalidade *função > forma*, o que temos hoje é a correlação entre aspectos funcionais e formais na origem e no estabelecimento de categorias linguísticas, traduzida na direcionalidade *função < > forma*.²⁸

Refletir acerca da relação entre função e forma, assim como assumir uma abordagem holística, dando maior atenção ao contexto, são algumas das características da chamada Linguística Funcional Centrada no Uso, que constitui uma recente

²⁸ If, in the early decades, the analysis focused in either one or another of these axes, as mentioned here, the current trend is a more integrated treatment of both, from the assumption that functional and formal properties mutually involve one another. So, instead of the primacy of the first axis, as the exclusive motivator of linguistic use, marked by (uni) directionality *function > form*, what we have today is the correlation of functional and formal aspects in the origin and establishment of linguistic categories, translated as the directionality *function < > form*.

conjugação entre os estudos funcionalistas de orientação norte-americana e os trabalhos cognitivistas, mais especificamente os da Gramática das Construções.

Por ser uma versão contemporânea do funcionalismo, a LFCU mantém alguns dos pressupostos basilares dessa corrente linguística. Sob essa nomenclatura, portanto, encontram-se pesquisas que, de um modo geral, consideram a gramática de uma língua natural como não sendo totalmente estática ou acabada (ROSÁRIO, 2015).

Reitera-se, então, nessa abordagem, a noção de gramática emergente, de Hopper (1987), uma vez que se parte do princípio de que, apesar de apresentar regularidades, a estrutura das línguas é maleável, não rígida, ou seja, está “em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso” (FURTADO DA CUNHA, BISPO, SILVA, 2013, p. 14).

Sendo assim, “construções gramaticais emergem para suprir novas necessidades discursivas e passam a suprir lacunas nos paradigmas gramaticais e no universo dos conceitos mais abstratos” (ROSÁRIO, 2015, p. 36). Acrescentamos, a esse postulado, a emergência também de construções lexicais, conforme mostram os estudos em construcionalização lexical.

Tendo isso em vista, fica clara e justificada a necessidade de, em uma investigação linguística que se fundamenta nessa abordagem teórica, partir-se do uso da língua em situação concreta de comunicação - dados reais de fala e/ou escrita -, pois é no uso que a gramática (por nós entendida, assim como para Traugott e Trousdale (2013), como inventário – *constructicon* - no qual há construções gramaticais e lexicais) de uma língua se faz e se refaz.

A pesquisa em LFCU, por conjugar os princípios funcionalistas ora citados e os cognitivistas, apresentados a seguir, considera que a linguagem é resultado de fatores interacionais e cognitivos, tal como delineado por Martelotta (2015, p. 62), que afirma:

A linguagem reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana, isto é, sua estrutura é consequente de processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados em situações de interação com outros indivíduos.

Por isso, além dos conceitos de uso, gramática e discurso, basilares à linguística funcional, os advindos da linguística cognitiva, como categorização, organização conceptual e outros, ligados ao processamento linguístico e à experiência humana no contexto de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais (FURTADO DA

CUNHA, 2012) são também importantes, pois, segundo Furtado da Cunha (2012), “[t]odos os elementos que compõem o processo que leva ao desenvolvimento de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas”.

A Linguística Cognitiva surgiu num momento em que estudiosos como George Lakoff, Charles Fillmore, Talmy Givón e Ronald Langacker, por exemplo, começaram a questionar o modelo gerativista e passaram a investigar as línguas a partir de uma visão não modular, relacionando sintaxe e semântica. Todavia, segundo Ferrari (2011, p. 14), não se deve pensar que “a Linguística Cognitiva constitui uma abordagem teórica homogênea”, ainda que apresente uma agenda comum de estudos, como a categorização e a prototypicalidade, a interface entre sintaxe e semântica [...] bem como a base experiencial e pragmática da língua em uso, por exemplo (GEERAERTS, 1995).

Em atenção a essa agenda comum dos estudos cognitivistas, delineamos, a seguir, algumas considerações a esse respeito, tendo em vista sua importância para a consolidação da LFCU enquanto uma nova corrente teórica no âmbito dos estudos linguísticos.

A categorização é o processo por meio do qual entidades semelhantes são agrupadas em classes específicas (FERRARI, 2011). O modelo clássico de categorização, de Aristóteles, baseava-se em atributos necessários e suficientes; dessa forma, para pertencer a uma determinada categoria, um elemento deveria apresentar todos os atributos característicos dela. Essa perspectiva, porém, foi bastante questionada, já que nela as categorias apresentavam limites rígidos, por isso, outros estudos, mais maleáveis quanto às fronteiras das categorias, surgiram.

Dentre eles, destacam-se o de Wittgenstein, que propôs um modelo de semelhanças familiares (*family resemblances*) ao identificar que nem todos os membros da categoria GAME apresentam todos os seus atributos, e o de Rosch (1973, 1978), em que os membros são organizados em termos de prototipicidade, ou seja, há aqueles que compartilham mais propriedades de uma determinada categoria, sendo, portanto, seus representantes prototípicos, enquanto outros, por partilharem menos ou poucos atributos da categoria, são considerados periféricos. Este é o modelo de categorização considerado nos estudos funcionalistas, que entende que há construções prototípicas e menos prototípicas de um esquema, e que, entre elas, há casos intermediários.

A Linguística Cognitiva ainda parte da noção de realismo experiencialista, segundo a qual: i) “o pensamento é ‘enraizado’ no corpo”, ou seja, nosso sistema

conceptual baseia-se na experiência humana de caráter físico e social e ii) “o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia” (FERRARI, 2011, p. 22). Essa concepção possibilita considerarmos que, por meio de experiências físicas, novas construções, que codificam conceitos abstratos, podem surgir e serem metafórica ou metonimicamente analisadas.

O diálogo entre os pressupostos funcionalistas e cognitivistas também é possível, pois, segundo Furtado da Cunha (2012, p. 29):

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural.

Porém, apesar de todas essas aproximações entre as duas correntes linguísticas, Oliveira (2013, p. 151-152) ressalta que, “das contribuições cognitivistas, uma das mais relevantes para o Funcionalismo tem sido a proposta do pareamento forma x sentido defendida por Croft (2001)” e originada no âmbito dos estudos em Gramática das Construções, um braço que se desenvolveu dos estudos cognitivistas que estabeleceu a interface entre sintaxe e semântica. De fato, a noção de construção, que corresponde, de um modo geral, a um pareamento de forma e sentido (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) tem papel fundamental na LFCU, pois é entendida como a unidade básica da língua.

É no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso, que Traugott e Trousdale (2013, p. 01, tradução nossa) propõem um modelo para o tratamento da mudança linguística, em que essa noção de construção soma-se à de rede, já que, para esses linguistas, a língua “seria constituída por pareamentos de forma-sentido ou ‘construções’ organizadas em uma rede”, em que cada construção representa um nó.

Essa é a abordagem construcional da qual falamos na próxima seção, pois dela lançamos mão a fim de fundamentar a proposta da rede do esquema transitivo do português brasileiro.

3.2 A abordagem construcional da mudança linguística

A ideia apresentada em Meillet (1982, [1912]) de que a gramaticalização lida com a passagem de itens lexicais para gramaticais e a de Kurilowicks de que esse fenômeno também diz respeito à passagem de itens gramaticais para mais gramaticais foi repensada, pois se passou a considerar que qualquer material linguístico, de itens a orações, pode se tornar mais gramatical.

Nesse sentido, os estudos sobre mudança linguística via gramaticalização deixaram, com o passar do tempo, de investigar itens isolados e passaram a considerar itens mais complexos, incluindo, inclusive, orações. Essa concepção, somada ao desenvolvimento de uma abordagem holística do uso da língua, sendo considerados contextos pragmáticos específicos, e à noção de construção advinda dos trabalhos cognitivistas, contribuiu para o surgimento da chamada *abordagem construcionista da gramaticalização* ou *gramaticalização de construções* – conforme denominam Noël (2007) e Traugott (2008a, 2008b, 2009).

A construção, termo que já aparecia nos trabalhos de Lehmann (1992, 1995), Hopper e Traugott (2003 [1993]) e Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), no entanto, de modo pouco sistematizado, foi definida teoricamente como um pareamento de forma e sentido basicamente e passou a ser vista como a unidade básica da língua nos trabalhos desenvolvidos em Linguística Cognitiva, mais especificamente naqueles da Gramática das Construções, como os de Goldberg (1995, 2006) e de Croft (2001).

Goldberg (1995, p. 04) definiu construção como uma correspondência de forma e sentido, de modo que:

C é uma Construção se C é um par forma-sentido <Fi, Si> de tal forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não é estritamente predizível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas²⁹.

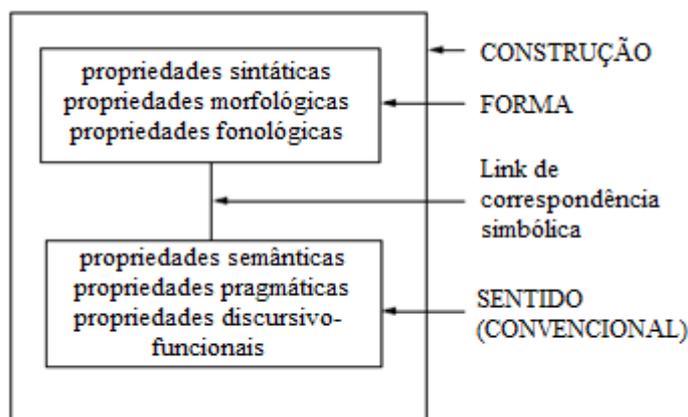
Contudo, esse conceito foi ampliado em seu texto de 2006 (GOLDBERG, 2006, p. 05), já que a autora passou a abarcar, sob o termo construção, até mesmo os padrões totalmente previsíveis:

²⁹ C is a CONSTRUCTION iff, [C is a form-meaning pair < Fi, Si> such that some aspect of Fi or some aspect of Si is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente previsíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente³⁰.

Croft (2001), por sua vez, elabora uma representação da construção, reproduzida abaixo, na qual há um *link* de correspondência simbólica entre a forma, que corresponde às propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e o sentido, que diz respeito às propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Figura 4 - Modelo da estrutura simbólica de uma construção



Fonte: Croft (2001), tradução nossa

Percebe-se que Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001) lidam, ao definir construção, com diferentes aspectos, embora os consideremos complementares. Enquanto Goldberg (1995, 2006) se refere à previsibilidade, à relação entre as construções e cita, também, sua frequência, Croft (2001) se refere às propriedades das duas contrapartes do pareamento, ou seja, às propriedades da forma e do sentido da construção.

Traugott e Trousdale (2013) retomaram a noção de construção e definiram-na como uma correspondência entre forma e sentido, que é simbólica, por ser um signo linguístico, e convencional, ou seja, compartilhada socialmente, representando-a da seguinte maneira:

³⁰ Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

Figura 5 - Representação de construção

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 08)

A seta bidirecional indica a relação entre forma e sentido e os colchetes externos denotam que o pareamento é uma unidade convencionalizada, ou seja, é social, não individual. Além disso, explicam que F corresponde à forma, assim, reúne propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas da construção, enquanto M corresponde ao sentido (função), contemplando propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas.

Para Lacerda e Oliveira (2015, p. 51), Traugott e Trousdale (2013):

buscam um refinamento dos pressupostos da abordagem construcionista da gramaticalização e propõem ainda uma diferenciação entre o que seriam mudanças construcionais e, em sentido mais estrito, o processo intitulado ‘construcionalização’.

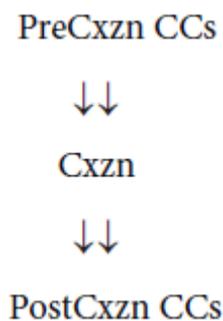
Além disso, vale ressaltar que Traugott e Trousdale (2013) tratam da mudança linguística a partir das noções de rede construcional, de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade tanto em relação às construções procedurais (gramaticais) quanto às de conteúdo (lexicais), pontos que diferenciam sua proposta teórico-metodológica dos estudos em gramaticalização de construções, cujo objetivo é identificar as mudanças que levam construções a se tornarem mais gramaticais num percurso unidirecional, e não propor uma rede construcional hierárquica.

Tendo em vista a proposta de se pensar acerca da mudança linguística a partir de um modelo de linguagem no qual construções são unidades básicas que se organizam em rede, Traugott e Trousdale (2013, p. 01) distinguem as mudanças construcionais - aquelas que “afetam traços de uma construção existente”, sejam eles formais ou funcionais, sem que se lide, necessariamente, com uma nova construção -, da construcionalização, que, por sua vez, caracteriza-se como “a criação de um novo pareamento de forma-sentido” na língua, ou seja, trata-se, nesse caso, da criação de um novo signo linguístico.

As mudanças construcionais dividem-se entre as que antecedem e as que sucedem a construcionalização, conforme apresentado na figura de Traugott e Trousdale (2013) reproduzida a seguir. As primeiras, intituladas mudanças construcionais pré-construcionalização (PreCxzn CCs), envolvem expansão pragmática, semanticização,

divergência entre forma e função e algumas mudanças distribucionais, e as demais correspondem às mudanças pós-construcionalização (PostCxzn CCs), que implicam expansão de colocações e podem envolver redução morfológica e fonológica.

Figura 6 - Mudanças envolvidas na construcionalização



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 28)

Nesse esquema, é apresentada a sucessão de mudanças envolvidas na construcionalização, da qual se formam novas construções - novos signos, ou seja, novos tipos de nós na rede da língua -, que podem ser caracterizadas a partir do seu tamanho (atômicas, complexas ou intermediárias), do seu grau de especificidade fonológica (substantivas, esquemáticas ou intermediárias) e do tipo de conceito (lexicais, procedurais ou intermediárias), conforme é apresentado no quadro abaixo, elaborado por Traugott e Trousdale (2013).

Quadro 4 - Dimensão das construções

Tamanho	Atômica <i>Vermelho, -s</i>	Complexa <i>Puxar as cordas, em cima de</i>	Intermediária <i>Fogueira</i>
Especificidade	Substantiva <i>Cair fora, - dom</i>	Esquemática <i>N</i>	Intermediária <i>V-mento</i>
Conceito	Conteúdo <i>Vermelho, N</i>	Procedural <i>-s</i>	Intermediária <i>Construção de finalidade</i>

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 13), tradução nossa.

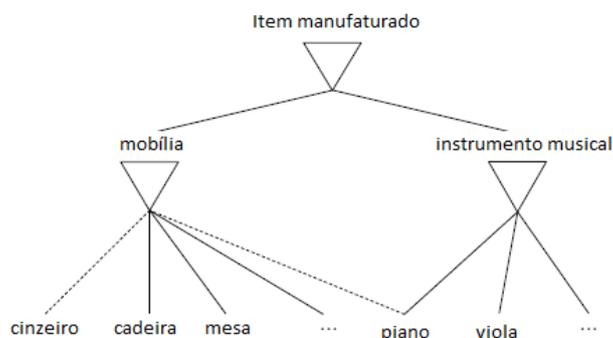
As dimensões pelas quais as construções são classificadas evidenciam a gradualidade que caracteriza a visão dos linguistas, tendo em vista os casos intermediários que são sinalizados. Não se trata, portanto, de uma classificação binária (atômica ou complexa; esquemática ou substantiva; lexical ou gramatical), mas sim de uma classificação que considera, por apresentar caráter gradual, casos que podem, inclusive, compartilhar propriedades dos dois extremos.

Além das dimensões especificadas, fatores como esquematicidade, produtividade e composicionalidade, citados de forma breve anteriormente, também são relevantes para a arquitetura das construções.

A esquematicidade “é uma propriedade de categorização que envolve abstração”, uma vez que os esquemas são abstratos, são grupos semanticamente gerais de construções, ou seja, configuram-se como uma “generalização taxonômica de categorias”. “Eles [esquemas] são abstrações de conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidos pelos usuários da língua como proximamente relacionados numa rede construcional” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13-14, tradução nossa). O conceito de *furniture* (móvel), por exemplo, é mais abstrato do que o de *chair* (cadeira), que é mais abstrato que *armchair* (poltrona), que é um tipo específico de cadeira.

Abaixo, reproduzimos uma rede conceptual apresentada por Traugott e Trousdale (2013), em que se pode perceber a hierarquia em termos de esquematicidade.

Figura 7 - Representação de uma pequena rede conceptual



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 10), tradução nossa.

É a partir da noção de esquema que, conseqüentemente, se pensa na de subesquemas, que envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre

microconstruções diversas (LACERDA, 2016). Os “esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, em níveis mais baixos, por microconstruções, membros-tipo específicos de esquemas abstratos” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa). Esquema, subesquemas e microconstruções são, portanto, os níveis hierárquicos a partir dos quais as línguas são descritas e analisadas a partir da abordagem construcional.

Na figura 7, por exemplo, o esquema (item manufaturado) apresenta dois subesquemas (móvel e instrumento musical), aos quais se ligam microconstruções (cinzeiro, cadeira, mesa, piano, viola). Além disso, nessa representação, Traugott e Trousdale (2013) mostram que uma microconstrução (piano) pode apresentar propriedades de dois subesquemas (móvel e instrumento musical). No modelo de língua como rede, portanto, casos intermediários também são considerados, assim, entendemos que microconstruções podem apresentar propriedades de mais de um subesquema ou, até mesmo um subesquema pode apresentar propriedades de esquemas distintos.

Traugott e Trousdale (2013) alertam que os subesquemas podem surgir ou se perder com o tempo – uma vez que a gramática atende as necessidades discursivas - e que o crescimento ou a perda de subesquemas envolve, primeiramente, mudanças construcionais e, somente depois, a construcionalização.

As microconstruções, por sua vez, são construções individuais já convencionalizadas na língua, e são “instanciadas no uso pelos construtos”, que são “tokens empiricamente atestados”, são “instâncias de uso em uma ocasião particular, pronunciada por um falante particular (ou escrito por um escritor particular) com uma proposta comunicativa particular” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 16, tradução nossa).

Os construtos são, portanto, imbuídos de sentido pragmático, que pode não ser recuperável fora do evento de fala. São, também, o *locus* da inovação, ou seja, onde ocorrem novas associações entre o construto e a construção e, por essa razão, onde se inicia a mudança construcional. Essa nova associação constitui uma categorização provisória que não estava, até então, disponível aos usuários e pode ser convencionalizada como uma microconstrução se replicada por outros falantes.

As noções de esquema, subesquema, microconstrução e construto, de Traugott e Trousdale (2013), equivalem às de macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto, de Traugott (2008). Essa organização hierárquica constitui a rede tanto de construções procedurais quanto lexicais.

Como exemplo de aumento de esquematicidade em construções procedurais, Traugott e Trousdale (2013) citam o desenvolvimento da *way-construction*, construção investigada por Goldberg (1995), que implica o movimento do sujeito ao longo de um caminho, como em (66) *Lindsay made her way down the stairs to the kitchen* (Lindsay desceu as escadas até a cozinha).

A *way-construction*, constituída por verbos de movimento intransitivo, como *go* (ir) e *wend* (dirigir-se), e, também, por verbos transitivos, como *take* (pegar) e *make* (fazer), tem, conforme postula Goldberg (1995) e assumem, também, Traugott e Trousdale (2013), as construções intransitiva e transitiva como precursoras.

No entanto, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que, no início do século XVI, o grupo de verbos intransitivos reduziu, restringindo-se àqueles de movimento dêitico, como *go* (ir) e *come* (vir), enquanto, por outro lado, o grupo de verbos transitivos expandiu, tendo *take* como protótipo, do qual subesquemas se desenvolveram. Portanto, dessa construção-tipo (com *take*), houve expansão para novos verbos. Nesse momento, segundo Traugott e Trousdale (2013), a *way-construction* se emancipou da construção transitiva e se tornou independente dela, embora tenham se mantido ligadas em razão dos verbos transitivos sancionados.

No final do século XVII, os tipos de verbos que passaram a aparecer no subesquema transitivo da *way-construction* expandiram exponencialmente. Portanto, “[e]ste é um caso de um esquema que se desenvolve e se torna mais esquemático ao longo do tempo, na medida em que adquire subestruturas”³¹ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 118, tradução nossa).

Para mostrarem a esquematicidade lexical, Traugott e Trousdale (2013) citam o desenvolvimento do sufixo *gate*, em inglês, investigado em Booji (2010), que se refere a algum tipo de escândalo. Da microconstrução original, (67) *Watergate*, surgiram, por meio da analogização, (68) *Volgagate*, (69) *Dallasgate* e (70) *Koreagate*, todas se referindo a escândalos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse caso, uma microconstrução passou a funcionar como subesquema, que sanciona outras microconstruções; dessa forma, há aumento na esquematicidade.

A esquematicidade, portanto, pode ser pensada de duas maneiras: a primeira é que, “ao longo do tempo, microconstruções podem se tornar mais esquemáticas ou abstratas a medida que participam e se tornam membros mais representativos dos

³¹ This is a case of a schema developing and becoming more schematic over time in that it acquires substructures.

esquemas abstratos”; a segunda é que “esquemas podem se expandir, ou seja, podem vir a ter mais membros” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 116, tradução nossa).

Sobre o fator produtividade, os linguistas afirmam que também se trata de uma noção gradiente e diz respeito à extensibilidade ou restrição de esquemas. Muitos trabalhos que consideram a produtividade das construções detêm-se, também, à frequência, que pode ser dividida entre frequência *type* e *token* (BYBEE, 2003). Essas noções, na abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), correspondem, respectivamente, ao aumento da frequência de construções, que entendemos ser a sua possibilidade de expansão (quantidade de itens diferentes que podem ocupar os *slots* das construções), e ao aumento da frequência de construtos.

Em relação à produtividade de construções procedurais, Traugott e Trousdale (2013, p. 18) citam o caso de (71) *be going to*, do inglês, que, ao passar a ser usado como marcador de futuro, “estendeu seu uso para mais e mais tipos de verbos”.

Já em relação à produtividade de construções de conteúdo, os autores mencionam o esquema de formação de substantivos [ADJ + *ness*], também do inglês, do qual surgem (72) *truthiness* e (73) *unputdownableness*, por exemplo. Este esquema, segundo afirmam, é mais produtivo do que [ADJ + *th*], do qual também são criados substantivos³².

Tratar da “produtividade no desenvolvimento de construções lexicais é, possivelmente, uma das formas mais claras em que a abordagem construcional [...] difere das tradicionais de lexicalização”³³ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 164, tradução nossa), pois, como é discutido adiante, a lexicalização foi vista, por muito tempo, a partir de uma perspectiva reducionista, idiossincrática, o que impedia de vê-la como produtiva.

Por fim, a composicionalidade diz respeito a “até que ponto o *link* entre forma e sentido é transparente” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19, tradução nossa). Para os linguistas, a composicionalidade de uma construção é observada em termos de *match* (convergência) ou *mismatch* (divergência) entre a forma e o sentido.

A convergência ocorre quando uma construção apresenta uma sequência convencional – no que se refere à sintaxe -, e é semanticamente composicional, assim o sentido de cada item, de forma individual, converge com o sentido do todo. Os casos

³² Tanto *be going to* quanto o esquema de formação de substantivos [ADJ + *ness*] exemplificam a frequência *type* (BYBEE, 2003) ou a frequência da construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

³³ [...] productivity in the development of lexical constructions is possibly one of the clearest ways in which the constructional approach adopted in this book differs from traditional accounts of lexicalization.

prototípicos da construção transitiva, como (2) *agarrou uma tesoura*, são exemplos da convergência entre forma e sentido.

Por outro lado, a divergência se dá quando, por exemplo, a forma é convencional, mas o sentido é não composicional, como se vê em casos como (74).

(74) Já faz um ano e meio que o Google **apertou o passo** para trabalhar com canais na América Latina, movimento que culminou, também, com a contratação de Alessandro Belgamo para a diretoria de desenvolvimento de negócios via canais na região. (CP: <http://crn.itweb.com.br/43533/o-google-e-um-negocio-que-extrapola-a-ti-diz-alessandro-belgamo/>)

Em (74), *apertar o passo* é uma sequência sintática convencional do português, composta por um verbo seguido por um sintagma nominal, que caracteriza a construção transitiva. Porém, em termos semânticos, não há convergência entre os sentidos dos itens *apertar* e *passo*, e o sentido construcional, que corresponde a *acelerar o ritmo*. Há, portanto, queda na composicionalidade.

Dessa forma, em (74), a mudança semântica leva a uma divergência entre forma e função, que é resolvida quando surgem mudanças também na contraparte formal da construção. No caso de *apertar o passo*, a mudança formal é sintática, pois o sintagma nominal deixa de exercer o papel de objeto direto, já que a sequência [V N] passa a ser acessada como uma unidade. Ocorre, então, que, via construcionalização (nesse caso, lexical), a divergência é resolvida, em razão de que forma e função passam a convergir, criando, assim, um novo nó na rede, ou seja, uma nova construção na língua, a qual chamamos idiomática.

Traugott e Trousdale (2013, p. 166) exemplificam a composicionalidade em construções de conteúdo por meio do esquema [Xwater], cujo significado é [água na ou de X]. Esse esquema sanciona microconstruções como (75) *springwater*, em que o sentido é *água de nascente*, mas também (76) *toiletwater*, em que o sentido não é *água de banheiro*, mas sim *líquido perfumado*. Dessa forma, o sentido convencional do esquema, que corresponde a [água na ou de X], é sobrescrito em casos particulares, como em *toiletwater*, em que não há composicionalidade.

No que se refere às construções idiomáticas das quais tratamos, não há um sentido, do qual outros são sancionados. O que ocorre é que, a partir da estrutura morfológica [N [V N]_v] que apresenta na contraparte formal do pareamento, várias microconstruções, com essa mesma estrutura - mas com sentidos diferentes - são licenciadas.

A queda da composicionalidade também caracteriza a construcionalização gramatical segundo Traugott e Trousdale (2013). O desenvolvimento de (77) *a lot of*, de partitivo para quantificador, é um exemplo. Como partitivo, o sentido lexical converge com a sintaxe, mas da neoanálise semântica, que licencia seu uso como quantificador, decorre a divergência entre o sentido e a forma, pois o sentido deixa de ser composicional. Contudo, com a construcionalização de *a lot of*, ou seja, ao ocorrer mudança também na contraparte formal da construção, a divergência é resolvida, pois tanto a função quanto a forma passam a convergir novamente, mas agora, numa nova construção.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), os gramáticos construcionais estão interessados em entender como sentidos não composicionais passam a fazer parte da gramática da língua. Tanto as construções composicionais como as não composicionais são vistas como pareamentos convencionais de forma e função, sendo, as não composicionais, estilística, pragmática e semanticamente marcadas.

Ao investigarmos a rede construcional transitiva do português, lidamos, tal como posto na introdução desta tese, tanto com construções composicionais, como as ilustradas em (2) *agarrou uma tesoura*, quanto com construções como as ilustradas em (74) *apertou o passo*, em que há, em razão da mudança semântica, divergência entre forma e função, posteriormente resolvida via construcionalização.

A emergência de uma nova construção, como a idiomática - ilustrada em (74) -, começa com uma nova representação na mente do usuário da língua, portanto, a inovação é individual, enquanto a mudança, de fato, só é implantada quando a inovação é convencionalizada em um grupo de falantes. Os mecanismos que viabilizam uma nova representação na mente do usuário da língua são a *neoanálise* e a *analogização*, termos propostos por Traugott e Trousdale (2013) em substituição aos termos *reanálise* e *analogia*, utilizados em inúmeros trabalhos, como o de Brinton e Traugott (2005).

Brinton e Traugott (2005, p. 07, tradução nossa) ressaltam a importância da reanálise e da analogia ao afirmarem que a primeira é “[u]m tipo de mudança que é particularmente importante para [a] discussão de lexicalização e gramaticalização” e que a analogia, em contraste com a reanálise, “é evidente e, de fato, muitas vezes é apenas por analogia que a reanálise pode ser detectada”.

A reanálise é um mecanismo de mudança que foca na diferença entre uma construção e sua fonte e foi amplamente discutida nos trabalhos de gramaticalização. Dela decorre a eliminação de fronteiras entre os constituintes de uma construção, o que gera ambiguidade e, conseqüentemente, novas interpretações, das quais surge uma nova

construção. A analogia, por sua vez, recai sobre “a correspondência da fonte original com alguma construção existente que é considerada similar em alguns aspectos, e é tratada como um exemplar”³⁴ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 35, tradução nossa). Assim, uma microconstrução considerada exemplar por reunir mais propriedades de uma categoria pode servir como modelo para o surgimento de outras que também passam a fazer parte do esquema.

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 35, tradução nossa), no entanto, esses termos não expressam de modo adequado o que ocorre na mudança linguística. Quanto à reanálise, afirmam que:

[...] se um usuário da língua que não internalizou a construção em questão ainda, interpreta a construção de uma forma diferente do falante, não ocorreu uma “re”-análise, mas sim uma “análise diferente”; estritamente falando, não se pode “re”-analisar uma estrutura que não se “tem”. É por isso que preferimos seguir Andersen (2001) e usar o termo “neoanálise”.³⁵

Por essa razão, é adotado o termo neoanálise, que constitui micro-passos rumo à mudança, pois, por meio dela, uma nova análise, antes não disponível, é instanciada. A neoanálise só ocorre no uso da língua e dela resultam novos pareamentos de forma e função, tanto procedurais, ou gramaticais, quanto de conteúdo, ou lexicais.

Do mesmo modo, Traugott e Trousdale (2013) discordam do termo analogia, pois, conforme apontam, ele pode ser pensado de duas maneiras, portanto, a fim de distingui-las, dividem-no em analogização e pensamento analógico, que correspondem, respectivamente, à analogia como mecanismo e como motivação, sendo a primeira definição a que tomam para explicar as mudanças, já que o pensamento analógico, segundo alertam, nem sempre leva à mudança.

A analogização tem ganhado bastante evidência no âmbito da abordagem construcional da gramaticalização, já que se entende que a mudança linguística é analogicamente dirigida (FISCHER, 2011). Na abordagem construcional, a analogização corresponde ao desenvolvimento de construções procedurais (construcionalização gramatical) e de conteúdo (construcionalização lexical), que apresentam uma relação de

³⁴ [...] matching of the original source with some extant construction that is considered to be similar in some respect, and is treated as an exemplar.

³⁵ If a language user who has not yet internalized the construction in question, interprets a construction in a different way from the speaker, ‘re’-analysis has not occurred, only ‘different’ analysis; strictly speaking, one cannot ‘re’-analyze a structure one does not ‘have’. This is why we prefer to follow Andersen (2001) and use the term ‘neoanalysis’.

semelhança com os aspectos funcionais e formais das construções das quais se originaram.

O trabalho de Goldberg (1995) em relação à construção de transferência é um exemplo quando se pensa no papel da analogização, pois, conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 38) afirmam, seu interesse não era apenas em construções que envolviam transferência intencional por si só, como aquelas constituídas por verbos como *give* (dar), *pass* (passar), *hand* (conduzir), *feed* (alimentar), “mas também em vários outros tipos de padrões que têm pareamento de forma-sentido similares, como a criação e a transferência pretendida (*bake* [assar], *build* [construir]), a comunicação (*tell* [contar], *ask* [perguntar], *quote* [citar]) e as diferenças entre eles.”³⁶ Então, por meio da analogização, emergiram construções com verbos que não codificam prototipicamente transferência (*bake*, *build*, *tell*, *ask*, *quote*).

No que se refere ao esquema construcional transitivo, observamos que, dentre as microconstruções que o compõem, tanto aquelas nas quais se codifica o evento causal em que o afetamento é concreto, mas apresentam sujeitos [- agentes] (microconstruções periféricas da construção transitiva prototípica), quanto aquelas em que o afetamento é metafórico (microconstruções transitivas metafóricas) e aquelas em que há a ocorrência de SN posposto ao verbo em uma configuração sintático-semântica nova (microconstruções idiomáticas) são resultado da neoanálise. Portanto, é a partir de microconstruções prototípicas do esquema transitivo que emergem as demais, inclusive a idiomática, que, conforme discutimos na seção de análise dos dados, passa a servir como esquema a partir do qual novas microconstruções idiomáticas são formadas via analogização.

Bybee (2010) argumenta que é por meio da categorização, uma noção advinda dos estudos cognitivistas, que se definem os representantes construcionais exemplares, ou protótipos, os quais fornecem os modelos para a analogização.

Em relação ao trabalho de Goldberg (1995), é a construção de transferência intencional, com verbos que prototipicamente codificam esse sentido (*give*, *pass*, *hand*, *feed*), que se configura como a representante exemplar da qual outros verbos são sancionados, via analogização.

³⁶ but also in the many other types of patterns that have similar form-meaning pairings, such as creation and intended transfer (e.g. *bake*, *build*, *pour* (a drink)), and communication (e.g. *tell*, *ask*, *quote*), and the fine-grained differences among them.

Ao nosso ver, a noção de analogização parece ter ganhado ainda maior destaque na abordagem construcional, pois as ideias de rede e de relações entre os esquemas, subesquemas e microconstruções mostram que os esquemas inferiores herdam propriedades de esquemas hierarquicamente superiores.

Para Bybee (2001), mecanismos de mudança configuram-se como processos que ocorrem enquanto a língua é usada, são, portanto, processos que criam a língua. Traugott e Trousdale (2013) vão nessa mesma direção quando assumem que a neoanálise e a analogização são mecanismos dos quais novos pareamentos de forma e função são criados, ou seja, eles viabilizam mudanças construcionais que levam à construcionalização gramatical, da qual se originam construções procedurais, ou à construcionalização lexical, que dá origem a construções de conteúdo.

A divisão estrita e discreta entre as categorias gramatical e lexical, superada há algum tempo, “é parte de uma teoria geral de classe de palavras (ou ‘partes de fala’), que tem suas raízes nos trabalhos dos gramáticos gregos e romanos” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 12, tradução nossa), e é frequentemente encontrada em estudos linguísticos mais tradicionais, para os quais os membros da primeira constituem as “classes ‘fechadas’, que são frequentemente usados e expressam sentido relativamente abstrato” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 01, tradução nossa) enquanto os membros da segunda pertencem às “classes de formas ‘abertas’ que não são frequentemente usadas e expressam sentido relativamente concreto”.

Diferentemente da tradição, a abordagem construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013), por ser não modular, parte do princípio que o inventário das línguas, o *constructicon*, constitui-se tanto de construções procedurais (gramaticais) quanto de conteúdo, ou lexicais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A distinção entre gramática e léxico só cabe, segundo Traugott e Trousdale (2013), ao pensarmos no resultado do processo de construcionalização, uma vez que da construcionalização gramatical emergem construções gramaticais e da construcionalização lexical surgem construções lexicais.

Em outras palavras, a partir das assunções de Traugott e Trousdale (2013), é necessário fazer uma certa divisão entre gramática e léxico, não em razão dos tipos de construções que constituem o inventário das línguas, como encontrado nos estudos tradicionais, mas sim do resultado do processo de construcionalização, que pode originar, como já dito, construções procedurais ou de conteúdo.

Para tratarem da construcionalização gramatical, que corresponde ao desenvolvimento de um novo signo de função procedural, com nova forma e novo sentido (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), os autores retomam os trabalhos em gramaticalização, tanto como expansão (GE), quanto como redução (GR), nos quais se baseiam ao elaborarem a abordagem construcional.

Apesar de terem sido polarizadas, a reconciliação entre essas duas abordagens - GE e GR - é fundamental para a proposta que elaboram, já que a construcionalização gramatical envolve aumento de produtividade e de esquematicidade, compatível com a GE, mas também diminuição de composicionalidade, compatível com a GR (2013).

Dessa forma, apesar de a GE ter “uma afinidade natural com a construcionalização gramatical, e fornece[r] uma estrutura para se discutir padrões de correspondência exemplar [*matching*] e de analogização associados à expansão e à formação de famílias de construções em esquemas” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 96, tradução nossa), aspectos da gramaticalização como redução precisam ser incorporados no modelo de construcionalização gramatical.

A GR está associada à perspectiva de que a gramaticalização leva à redução e ao aumento de dependência. Essa é a abordagem encontrada em Lehmann (1995), por exemplo, que, ao propor os parâmetros integridade, paradigmaticidade, variabilidade paradigmática, escopo, conexidade e variabilidade sintagmática, visa aferir o grau de autonomia do item gramaticalizado, sendo que quanto mais reduzido e dependente, mais gramaticalizado.

Enquanto uma tradição dos estudos em gramaticalização focou na forma e nas mudanças entre uma sintaxe relativamente livre e formas relativamente presas (LEHMANN, 1995), outra focou nas mudanças semânticas e, em alguns casos, nas pragmáticas (HEINE, *ET AL.* 1991; BYBEE, *ET AL.* 1994), ou seja, os dois modelos foram vistos como opostos. Porém, Traugott e Trousdale (2013) mostram que, na verdade, eles são complementares.

Apesar de adotarem uma perspectiva de gramaticalização como redução, Bybee *et al* (1994, p. 12) associam a gramaticalização, também, à generalização, à expansão de uso e sentido. Todavia, a expansão de sentido leva à perda da especificidade lexical, assim, enquanto “ganha-se” em expansão semântica, também “perde-se” em especificidade do sentido lexical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 106). É o caso do (71) *be going to*, que perdeu o valor de movimento espacial em direção a um objetivo e passou, como verbo auxiliar, a marcar o futuro.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam que foi no trabalho de Himmelmann (2004) que se desenvolveu um modelo de gramaticalização que, mais tarde, foi intitulado de gramaticalização como expansão, pois, nela, o foco é na expansão semântica, pragmática, sintática e no alcance colocacional verificados após a gramaticalização, bem como no contexto no qual ela ocorre.

Para Himmelmann (2004, p. 32), a gramaticalização é um processo de expansão contextual. Tendo isso em vista, distingue três tipos de expansão que coocorrem na gramaticalização: a expansão *host-class*, que corresponde ao aumento do alcance colocacional, indicando o aumento da frequência *type*; a expansão sintática, em que ocorre a extensão para mais contextos sintáticos; e a expansão semântico-pragmática, em que “a forma gramaticalizada desenvolverá novas heterossemias”.

O modelo construcional de Traugott e Trousdale (2013, p. 107-108) abarca os três tipos de expansão citados por Himmelmann (2004). Segundo afirmam, “a expansão *host-class* pode ocorrer em pequena medida”, a “expansão morfossintática acompanha a construcionalização gramatical” e “algumas expansões semântico-pragmáticas usualmente precedem a construcionalização gramatical”. Além disso, ressaltam que todos os tipos de expansões citadas por Himmelmann (2004) “podem continuar após a construcionalização, especialmente a *host-class* e a sintática”³⁷.

Assim, os tipos de expansão identificadas por Himmelmann (2004), que são fundacionais para a perspectiva de gramaticalização como expansão, são os tipos de mudança que Traugott e Trousdale (2013) encontram na construcionalização gramatical. Contudo, na abordagem construcional, a expansão ocorre indefinidamente, enquanto na perspectiva da GE não.

Na gramaticalização como expansão, ainda se abandona a ideia de unidirecionalidade (lexical > gramatical, menos abstrato > mais abstrato, menos dependente > mais dependente), que marca os estudos de gramaticalização como redução, em prol da direcionalidade (lexical < > gramatical, menos abstrato < > mais abstrato, menos dependente < > mais dependente), já que, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 112, tradução nossa), “a direcionalidade é uma hipótese sobre expansão para mais colocações e para mais opções sintáticas, semânticas e pragmáticas”.

³⁷ *host-class expansion may do so to a small extent [...] (Morpho)syntactic expansion accompanies grammatical constructionalization [...] some semantic-pragmatic expansion usually precedes grammatical constructionalization*

O caminho menos abstrato > mais abstrato tem uma base cognitiva, pois, conforme aponta Ferrari (2011), “nosso sistema conceptual baseia-se na experiência humana de caráter físico”, mas “os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia” (FERRARI, 2011), que são mais abstratos. Dessa forma, processos de variação e mudança linguísticas tendem a se iniciar em contextos mais concretos e, posteriormente, se expandem para contextos mais abstratos, como ocorre com as construções que constituem a rede construcional transitiva. A construção transitiva prototípica é mais concreta do que a construção metafórica ou a idiomática, que são mais abstratas. Esse *continuum* (concreto > abstrato) indica que a construção transitiva, que é mais concreta, é o padrão mais básico, e nos permite, inclusive, pensar que dele emergem as demais, via neoanálise, embora não realizemos uma pesquisa diacrônica.

A Linguística Cognitiva ainda parte da noção de realismo experiencialista, segundo a qual: i) “o pensamento é ‘enraizado’ no corpo”, ou seja, nosso sistema conceptual baseia-se na experiência humana de caráter físico e social e ii) “o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia” (FERRARI, 2011). Essa concepção possibilita considerarmos que, por meio de experiências físicas, novas construções, que codificam conceitos abstratos, podem surgir e ser metafórica ou metonimicamente analisadas.

Como se vê, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 148), as descobertas realizadas no âmbito da gramaticalização:

são e continuarão a ser fundamentais para se trabalhar na construcionalização gramatical, uma vez que fornecem as evidências para as micro-mudanças que levam e resultam da construcionalização gramatical³⁸.

Diante das asserções, conclui-se que a abordagem construcional relaciona-se com o modelo de gramaticalização como redução e aumento de dependência e também como expansão de tipos de construções e alcance de uso, apesar de se diferenciar de ambas, pois “demanda pensar em termos tanto de forma quanto de sentido igualmente” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 148, tradução nossa). Essa é, segundo os

³⁸ The findings of grammaticalization are and will continue to be foundational to work on grammatical constructionalization since they provide the evidence for the micro-changes that lead to and result from grammatical constructionalization

linguistas, a contribuição central da perspectiva construcional para trabalhos anteriores em gramaticalização.

Após discorrerem sobre a construcionalização gramatical, Traugott e Trousdale (2013) dedicam-se à construcionalização lexical, que se diferencia dos trabalhos tradicionais em lexicalização por não distinguir o léxico da gramática em razão da perspectiva não modular que assumem. Na abordagem construcional, portanto, ao invés de uma divisão discreta, entende-se que há uma gradação entre léxico e gramática.

Desse modo, o *constructicon*, que corresponde, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), ao inventário das línguas, é constituído tanto por construções de conteúdo (lexicais) quanto procedurais (gramaticais). Além disso, o *constructicon* é um inventário hierárquico, portanto, inclui não só microconstruções, mas também esquemas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que, no âmbito da construcionalização lexical, incluem padrões de formação de palavras que originam construções de conteúdo, dentre as quais destacamos as frases e cláusulas (semi)idiomáticas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Direcionamos nossa atenção à discussão realizada acerca das frases e cláusulas (semi)idiomáticas, ou seja, ao “desenvolvimento de vários tipos de expressões que têm sido chamadas de ‘ídiomas’” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 182, tradução nossa), tendo em vista construções do tipo *acertar o passo*, ilustrada em (88), e outras, identificadas nos *corpora* analisados, com as quais lidamos na seção dedicada à análise dos dados.

A construcionalização lexical envolve, e é isso o que os referidos linguistas mostram, o desenvolvimento de esquemas e subesquemas produtivos e esquemáticos, ao contrário do que postulam os trabalhos mais tradicionais em lexicalização, “conduzidos primariamente a partir de uma perspectiva de redução”, conforme apontam Traugott e Trousdale (2013, p. 156, tradução nossa).

Brinton e Traugott (2005, p. 20-21), ao realizarem uma retomada histórica das diferentes maneiras pelas quais a lexicalização foi vista ao longo do tempo, sinalizam, dentre outras, as concepções reducionistas de Antilla (1989 [1972]) e Bauer (1983). Para Antilla, “sempre que uma forma linguística fica fora das regras produtivas da gramática, ela se torna lexicalizada”, e, para Bauer, a lexicalização corresponde ao “estágio quando ‘um lexema tem, ou passa a ter, uma forma que não teria se tivesse surgido pela aplicação de regras produtivas’”.

Tais assunções desconsideram a produtividade de construções lexicais, pois restringem a lexicalização a idiossincrasias apenas, o que as distancia da abordagem construcional, já que, nesta, entende-se que da construcionalização lexical surgem construções de conteúdo a partir de esquemas de formação de palavras produtivos, como o esquema do qual se originam as construções do inglês (78) *fixable*, (79) *squeezable* e (80) *washable*, investigadas por Booji (2013).

Nesse esquema, um verbo transitivo mais *-able* formam, juntos, um adjetivo que apresenta o sentido “pode passar pelo processo denotado pelo verbo transitivo”. *Fixable* = que pode ser fixado, *squeezable* = que pode ser comprimido e *washable* = que pode ser lavado.

Além de apresentarem as concepções encontradas na literatura acerca da lexicalização, Brinton e Traugott (2005, p. 96) definem-na, em seus termos, como:

a mudança por meio da qual, em certos contextos linguísticos, falantes usam uma construção sintática ou formação de palavras como uma nova forma de conteúdo com propriedades formais e semânticas que não são completamente deriváveis ou previsíveis dos constituintes da construção ou do padrão de formação de palavras. Ao longo do tempo, pode haver mais perda de constituição interna e o item pode se tornar mais lexical³⁹.

Definir lexicalização dessa maneira gera, segundo Brinton e Traugott (2005, p. 96, tradução nossa), algumas implicações, dentre as quais destacamos as apresentadas abaixo, por se diferenciarem da abordagem construcional.

(i) “Lexicalização é compreendida como uma mudança histórica que resulta na produção de novas formas lexicais, de conteúdo. Não é simplesmente um processo de adoção ou incorporação de elementos inalterados para o inventário. Portanto, por exemplo, o simples empréstimo sem mudança formal ou semântica é excluído da lexicalização. Assim também são os processos de formação de palavras que são largamente transparentes.”⁴⁰

³⁹ Lexicalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use a syntactic construction or word formation as a new contentful form with formal and semantic properties that are not completely derivable or predictable from the constituents of the construction or the word formation pattern. Over time there may be further loss of internal constituency and the item may become more lexical.

⁴⁰ Lexicalization is understood as a historical change that results in the production of new lexical/contentful forms. It is not simply a process of adoption or incorporation of unchanged elements into the inventory. Hence, for example, simple borrowing without formal or semantic change is excluded from lexicalization. So too are word formation processes which are largely transparente.

(ii) “O *output* da lexicalização é um item ‘lexical’, ou seja, um item de conteúdo que é estocado no inventário e deve ser aprendido pelos falantes”.⁴¹

(iii) “Lexicalização envolve diminuição no padrão de produtividade e pode envolver diminuição na produtividade *token*”.⁴²

Todas essas assunções diferenciam-se da abordagem construcional, pois (i) a construcionalização lexical, para Traugott e Trousdale (2013), também diz respeito a construções de conteúdo que se originam de modo instantâneo, como os empréstimos; (ii) construções de conteúdo podem ser formadas por analogia, portanto, não precisam ser necessariamente aprendidas e (iii) a lexicalização também é vista como expansão e não só como redução.

Apesar de apresentar algumas assunções superadas pela abordagem construcional, o texto de Brinton e Traugott (2005, p. 96, tradução nossa) é um avanço em relação aos estudos em lexicalização mais clássicos, uma vez que estabelecem que: iv) “o *input* para a lexicalização pode ser qualquer item estocado no inventário, incluindo formações de palavras, como compostos, construções sintáticas e, também, itens gramaticais”⁴³, v) “o fim da lexicalização pode ser uma forma de alguma complexidade”⁴⁴ e vi) “a lexicalização frequentemente envolve idiomatização semântica e pragmática, ou seja, os componentes semânticos perdem sua composicionalidade. Os novos sentidos são frequentemente altamente idiossincráticos, algumas vezes mais abstratos, algumas vezes mais específicos”.⁴⁵

A observação em (iv) mostra que, além de itens, construções também podem ser o *input* para a lexicalização; (v) evidencia que o resultado da lexicalização pode, também, ser uma construção, e não somente um item lexical; por fim, em (vi), fica claro que a idiossincrasia não corresponde à construção como um todo, mas a algum aspecto dela, principalmente, ao sentido, que pode ser mais abstrato ou mais específico.

⁴¹ The output of lexicalization is a “lexical” i.e., contentful item that is stored in the inventory and must be learned by speakers.

⁴² Lexicalization typically involves decrease in pattern productivity and may involve decrease in token productivity

⁴³ The input to lexicalization may be anything stored in the inventory, including word formations such as compounds [...], syntactic constructions [...], and even grammatical items [...]

⁴⁴ The output of lexicalization can be a form of any complexity

⁴⁵ Lexicalization often involves semantic and pragmatic idiomatization, i.e., the semantic components lose their compositionality. The new meanings are often highly idiosyncratic, sometimes more abstract, sometimes more specific

Após tratarem das diferentes concepções de lexicalização enquanto processo, Brinton e Traugott (2005) apresentam, também, as diversas definições encontradas na literatura acerca da lexicalização em sentido estrito: processo ordinário de formação de palavras, processo de fusão resultando em queda de composicionalidade e processo de separação resultando em aumento de autonomia.

A idiomatização está, segundo Brinton e Traugott (2005), dentre os casos de lexicalização como fusão, o que evidencia a perspectiva de lexicalização como redução assumida pelas linguistas. Podemos pensar em fusão nas construções idiomáticas que analisamos se considerarmos que há eliminação de fronteiras entre o verbo e o nome que o segue. Do ponto de vista construcional, porém, como já mencionamos, a lexicalização não é vista apenas como redução, mas também como expansão, uma vez que, conforme exemplificado por (67) *Watergate*, anteriormente, uma microconstrução pode se tornar esquemática e produtiva a ponto de licenciar outras microconstruções na língua.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e Croft (2001) já haviam ressaltado que as construções idiomáticas podem ser esquemáticas, e não só lexicalmente específicas. Da mesma forma, Traugott e Trousdale (2013) mostram que esquemas de formação de palavras (que incluem a formação de frases e cláusulas idiomáticas) são produtivos e podem sancionar total ou parcialmente as microconstruções. O esquema de formação de adjetivo por meio da composição de um verbo transitivo e *-able*, no inglês, sobre o qual discorremos anteriormente, é um exemplo disso, pois, apesar de apresentar instanciações como (81) *fixable*, (82) *squeezable* e (83) *washable*, exemplos de sancionamento total, uma vez que não há mudança formal e o sentido é elaborado pela especificação do sentido do verbo em cada instância, há, também, casos como (84) *drinkable* e (85) *despicable*.

No primeiro, não há mudança na forma, mas o sentido não é “pode ser bebido”, mas sim “bom para beber”, já no segundo, há tanto mudança na forma, *despise* > *despic*, quanto no sentido, que não é “pode ser desprezado”, mas sim “deve ser desprezado”. Portanto, essas microconstruções são apenas parcialmente sancionadas. Nesses casos, o conceito de sobreposição, de Lakoff (1987), é lembrado, já que, tanto em *drinkable*, quanto em *despicable*, a herança padrão não se aplica, há sobreposição semântica em *drinkable* e sobreposição formal e semântica em *despicable*. Essa noção é importante e converge com a assunção de prototipicidade advinda dos estudos cognitivistas e considerada na LFCU.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), embora a construcionalização lexical esteja mais associada ao desenvolvimento de construções de conteúdo, como nomes, verbos e

adjetivos, há casos em que as construções podem ser mais procedurais, como afixos derivacionais, como (86) *ness*, (87) *ify*, (88) *ic* e (89) *ly*, do inglês, dos quais se formam nomes, verbos, adjetivos e advérbios, respectivamente.

Essa concepção, de que a construcionalização lexical, via derivação, pode originar construções mais procedurais, evidencia a visão não modular e gradual de Traugott e Trousdale (2013) e possibilita a análise de casos intermediários, que apresentam propriedades tanto lexicais quanto procedurais, como é o caso da construção SNLoc atributiva investigada por Aguiar (2015).

(90) *ele pegou **uma moça lá** toda doida*

Para Aguiar (2015, p. 161), apesar de se tratar de uma construção principalmente de conteúdo:

verificamos que a construcionalização resultou em uma construção híbrida, ou seja, tal construção é em parte procedural e em parte de conteúdo, já que tem na origem de sua trajetória um locativo usado como dêitico – marca de sinalização das construções procedurais – mas é usada referencialmente, associada à categoria esquemática como um Nome – marca das construções de conteúdo.

Esse é o caso das microconstruções idiomáticas, pois elas têm sua origem na construção transitiva, que tem função gramatical, mas adquirem uma função lexical, associando-se à categoria dos verbos, já que a sequência [V N]_v é uma alternativa, mais expressiva, a verbos ou expressões verbais já disponíveis no português.

Acerca das construções que chamamos idiomáticas, Traugott e Trousdale (2013) sinalizam que há uma grande discussão sobre o que são unidades pré-fabricadas, formulae, construções convencionalizadas e construções idiomáticas, mas apontam que a abordagem de Nunberg, Sag e Wason (1994) sobre as construções idiomáticas parece frutífera, já que consideram graus de composicionalidade. Da mesma forma são as assunções de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), cuja proposta é abordada na seção 2, juntamente com as assunções de Nunberg, Sag e Wason (1994).

Resumo

Nesta seção, apresentamos os conceitos principais que norteiam a Linguística Funcional Centrada no Uso e, mais especificamente, a abordagem construcional da mudança linguística, de Traugott e Trousdale (2013), que adotamos como fundamentação teórica para o nosso trabalho.

Mostramos que a LFCU conjuga pressupostos da Linguística Funcional de orientação norte-americana, como as noções de língua maleável, gramática emergente, adaptação da gramática ao discurso, análise da língua a partir do uso, com os da Linguística Cognitiva, como os conceitos de categorização, prototipicidade, interface entre sintaxe e semântica e relação entre cognição e experiência humana, o que resulta numa concepção de língua como um conjunto de fatores interacionais e cognitivos.

Ressaltamos, ainda, que a noção de construção, definida teoricamente no âmbito dos estudos de Gramática das Construções, em Linguística Cognitiva, alicerçou o desenvolvimento da abordagem construcional da mudança linguística, que foi refinada por Traugott e Trousdale (2013), ao somarem a ela as concepções de rede, esquematicidade, produtividade, composicionalidade, níveis hierárquicos (esquema, subesquema, microconstrução e construto), bem como as de mudança construcional e construcionalização.

Os linguistas, conforme afirmamos, avançam no sentido de propor a junção da perspectiva reducionista e expansionista da gramaticalização e da lexicalização, ao contrário do que se encontra nos estudos mais tradicionais. Além disso, mostram que há casos em que é possível, inclusive, pensar em construções que sejam resultado da construcionalização gramatical e lexical, evidenciando a existência de casos intermediários, ressaltando, assim, a maleabilidade das línguas.

Por fim, sobre a construcionalização lexical, apresentamos perspectivas mais tradicionais, mas também e, especialmente, a de Traugott e Trousdale (2013). Demos maior atenção à discussão acerca da idiomatização, haja vista que ela é relevante para a análise das construções idiomáticas, que, conforme defendemos, constituem a rede construcional transitiva do português.

4 METODOLOGIA

Introdução

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. Inicialmente, caracterizamos a natureza da pesquisa, que mescla a análise qualitativa e a frequência de uso, nos termos de Bybee (2003), e produtividade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Além disso, fazemos algumas considerações acerca da decisão de realizarmos uma pesquisa sincrônica.

Na segunda subseção, descrevemos os *corpora* utilizados para a coleta das microconstruções que instanciam as construções analisadas. Em seguida, na terceira subseção, descrevemos o programa *Voyant Tools* e explicamos a razão de termos lançado mão de sua funcionalidade. Por fim, em 4.4, descrevemos os passos seguidos durante a coleta dos dados para melhor apresentarmos como foi realizado o processo que antecedeu a análise.

4.1 Natureza da pesquisa

Entendemos que somente a partir do uso da língua é que se torna possível analisar o seu funcionamento, uma vez que, além de motivações sintático-semânticas, há, também, pressões pragmáticas e discursivas, que só podem ser percebidas se considerarmos o contexto.

Dessa maneira, a fim de comprovar a hipótese de que desde instanciações prototípicas da construção transitiva até instanciações da construção idiomática integram a rede construcional transitiva e nela se organizam hierarquicamente, analisamos dados naturalísticos a partir de um *corpus* de fala e um de escrita. Conforme apontamos na *Introdução*, a escolha por um *corpus* de fala e outro de escrita não foi feita a fim de comparar as duas modalidades da língua, mas sim para termos acesso a mais contextos linguísticos.

Os dados coletados são analisados qualitativa e quantitativamente, já que ambas análises são, conforme assinalam Traugott e Trousdale (2013), complementares. Lacerda (2016, p. 85) afirma que “a adoção do método misto de pesquisa – pautado no equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa – pode trazer importantes evidências empíricas no que se refere à ocorrência específica da construcionalização.”

Por meio da análise qualitativa, cumprimos o objetivo de descrever e analisar as construções que constituem a rede do esquema transitivo identificadas nos *corpora* e, a partir disso, foi possível identificar padrões construcionais e propor a sua organização em rede a partir dos níveis hierárquicos: esquema, subesquema, microconstrução e construtos. Já por meio da análise quantitativa, identificamos a frequência das construções, tanto *type* quanto *token*, para mostrarmos a produtividade do esquema transitivo.

Enquanto Bybee (2003) se refere à frequência *type* e *token*, Traugott e Trousdale (2013) falam em produtividade construcional e frequência de construto, respectivamente. Para Bybee (2003), a frequência de uso, dividida entre *type* e *token*, tem grande participação nos processos de mudança linguística. Aqui, estamos interessados, principalmente, na frequência *type*, ou produtividade construcional, pois queremos relacionar a produtividade das construções com a sua extensibilidade, ou seja, a sua possibilidade de sancionar outras construções menos esquemáticas (BARÐDAL, 2008).

Há, nos estudos linguísticos, uma forte tendência de comungar a perspectiva sincrônica à diacrônica, pois “os resultados empíricos dos estudos históricos podem lançar luz sobre a variação sincrônica, explicando distribuições aparentemente arbitrárias, e testar hipóteses relacionadas à direção dos processos de gramaticalização” (BRAGA; PAIVA, 2015, p. 143).

Essa junção da abordagem sincrônica e diacrônica tem se expandido também para os trabalhos que investigam fenômenos linguísticos a partir da abordagem construcional da mudança. Contudo, nesta tese, desenvolvemos a primeira, visto que nosso objetivo principal é investigar a rede do esquema transitivo com verbos de ação-processo no português brasileiro contemporâneo, identificando as construções que a compõem, e não analisar os estágios e a trajetória das construções, o que justifica lançarmos mão de dados sincrônicos apenas.

Apesar de a construcionalização ser uma abordagem de investigação linguística fundamentalmente diacrônica, ela fornece pressupostos que também podem ser aplicados em pesquisas sincrônicas. Em Furtado da Cunha e César (2018), por exemplo, a rede construcional dos verbos de movimento transitivos é investigada sincronicamente.

A análise de Furtado da Cunha e César (2018) e a que realizamos nesta tese mostram que construções que coexistem sincronicamente em uma língua podem ser organizadas nos níveis esquemáticos (esquema, subesquema, microconstrução e construto), além de ser possível, também, tratar da sua produtividade e

composicionalidade (propriedades a que se referem Traugott e Trousdale, 2013) e identificar os *links* que conectam as construções em rede.

Portanto, defendemos que, assim como a gramaticalização, uma abordagem eminentemente diacrônica, passou a constituir estudos sincrônicos, também é possível lançar mão da construcionalização para investigar a sincronia de uma língua, tal como aponta, também, Lacerda (2019).

Conforme Lacerda (2019) esclarece, a diacronia é fundamental para pesquisas que investigam a construcionalização como processo, porém, ressalta que é possível lidar com a construcionalização na sincronia se a considerarmos como resultado de um processo. Sob sua orientação, estão sendo realizados estudos, em níveis de mestrado e doutorado, de fenômenos linguísticos a partir da abordagem construcional da mudança e em uma perspectiva sincrônica. Outros, já concluídos (DALL'ORTO, 2018 e LACERDA, 2016), também ratificam a possibilidade de se trabalhar com a construcionalização sincronicamente.

Nessa mesma direção está o nosso trabalho, no qual mostramos a rede construcional transitiva do português brasileiro com verbos de ação-processo.

4.2 Corpora

Os *corpora* sincrônicos com os quais trabalhamos são constituídos por textos das modalidades oral e escrita do português brasileiro. No *corpus Iboruna*, os textos correspondem à modalidade oral, já que constituem o gênero entrevista. No *Corpus do Português*, por sua vez, há textos da modalidade escrita, pertencentes a *blogs* e *sites* da internet. Abaixo nos detemos mais detalhadamente a cada um dos *corpora*.

4.2.1 Corpus Iboruna

O *corpus Iboruna*, coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, da Unesp de São José do Rio Preto, tem como objetivo ser uma base para a descrição do português falado no interior paulista, pois, à época de seu surgimento (2003-2007), não havia um banco de dados representativo do mesmo. É constituído pela Amostra Censo, que detém amostras de fala controladas sociolinguisticamente, e pela Amostra de Interação Dialógica, composta por amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação social.

A utilização desse *corpus* justifica-se na medida em que nele estão disponibilizadas amostras da língua em uso, o que, para este trabalho, é de suma importância, por se tratar de uma pesquisa centrada no uso da língua e nas mudanças que dele advêm.

Além disso, trata-se de um *corpus* do português contemporâneo, dessa forma, a sua utilização atende o objetivo desta pesquisa, que é estabelecer a rede construcional transitiva do português brasileiro a partir de dados sincrônicos.

O *corpus* constitui-se de cerca de 760 mil palavras e todas as amostras são sociolinguisticamente controladas a partir das seguintes variáveis sociais: faixa etária (7 a 15; 16 a 25; 26 a 35; 36 a 55 e + de 55), nível de escolaridade (1º ciclo do ensino fundamental; 2º ciclo do ensino fundamental; ensino médio e ensino superior), renda familiar (até 5 salários mínimos; de 6 a 10 salários mínimos; de 11 a 24 salários mínimos e mais de 25 salários mínimos), sexo/gênero (masculino e feminino), além das cidades dos informantes, o que dá grande representatividade ao *corpus*, tendo em vista sua abrangência, validando o seu uso neste trabalho.

4.2.2 *Corpus do Português*

O *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies, professor de Linguística da Universidade Brigham Young, é um *corpus online*, disponibilizado originalmente em 2006, que apresenta 45 milhões de palavras, do século XIII ao XX. Nos textos referentes ao século XX, encontra-se grande parte das palavras - pouco mais de 10 milhões -, distribuídas entre textos orais, ficcionais, jornalísticos e acadêmicos.

Em 2016, o *corpus* foi ampliado com cerca de 1 bilhão de palavras retiradas de páginas da *internet* de quatro países - Brasil, Portugal, Angola e Moçambique - e publicadas entre os anos de 2013 e 2014. Dentre os dados, cerca de 656 milhões, como se verifica na tabela a seguir, correspondem à modalidade brasileira do português. Estes, portanto, são os que, de fato, foram considerados para a nossa coleta de dados.

Tabela 1 - Total de palavras do *Corpus do Português - Web/Dialetos*

País	Código	Total		
		Palavras	Páginas web	Sites web
Brasil	BR	655,680,510	608,017	60,599
Portugal	PT	326,648,351	405,850	21,087
Angola	AO	35,132,994	40,411	1,658
Moçambique	MZ	32,007,572	37,146	1,469
TOTAL		1,049,469,427	1,091,424	84,813

Fonte: *Corpus do Português – Web/Dialetos* (2016)

Em razão da ampliação do *corpus*⁴⁶, seus organizadores dividiram-no em duas partes: o *Gênero/Histórico* contém os textos da primeira versão, com 45 milhões de palavras, e o *Web/Dialetos* detém os textos contemporâneos, retirados da internet, que somam 1 bilhão de palavras.

A utilização desse *corpus* nos permitiu ter acesso a dados escritos, produzidos em contextos reais de uso da língua, pois ele é constituído de textos retirados de páginas da *internet* incluindo, portanto, desde textos escritos mais formais até textos informais⁴⁷. Além do mais, seu uso foi indispensável para que o objetivo de descrever e analisar as construções que constituem a rede do esquema transitivo fosse cumprido, já que, nele, identificamos instanciações metafóricas da construção transitiva e instanciações da construção idiomática, as quais não são frequentes no *Iboruna*.

Dessa forma, nosso trabalho mostra que os dados foram encontrados, majoritariamente, em textos de escrita (*Corpus do Português*). Essa constatação, porém, não nos permite afirmar categoricamente que as construções sejam mais frequentes na escrita do que na fala, até mesmo porque o *corpus* escrito é consideravelmente maior do que o *corpus* oral.

A diferença no que diz respeito à quantidade de palavras nos *corpora* não compromete a pesquisa, pois não pretendemos estabelecer comparações entre eles. Lançamos mão dos *corpora* principalmente para identificar *types* construcionais, assim,

⁴⁶ O *corpus* passou por outras duas expansões, a partir das quais surgiram os *corpora* intitulados *Now e WordandPhrase*.

⁴⁷ Não foi feito controle dos dados tendo em vista a formalidade ou informalidade dos textos.

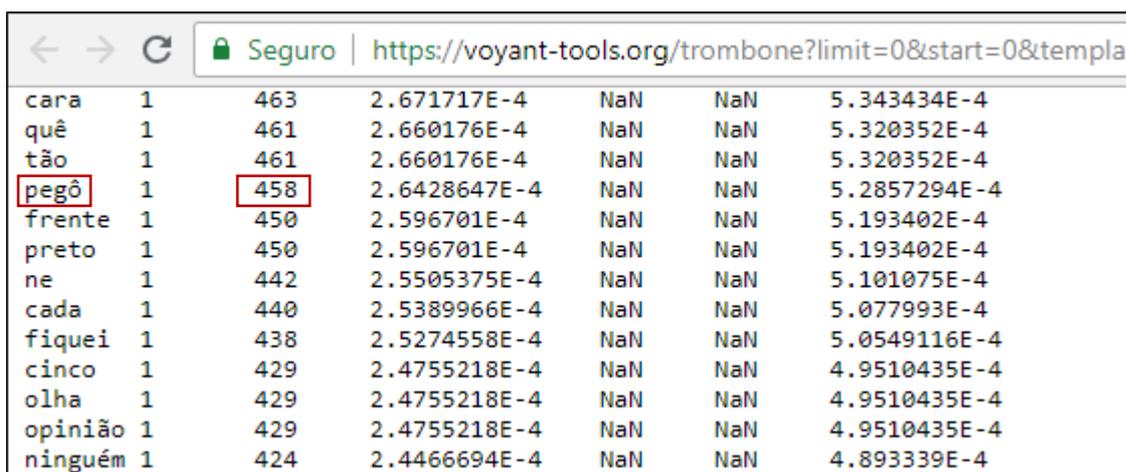
a quantidade de dados em cada um deles não é uma informação relevante para os fins deste trabalho.

4.3 O programa *Voyant Tools*

O *Voyant Tools* é uma ferramenta de leitura e análise de textos digitais disponibilizado *online*⁴⁸ por Stéfan Sinclair, da Universidade McGill, e Geoffrey Rockwell, da Universidade de Alberta, e projetado tanto para alunos e acadêmicos, quanto para o público geral.

O programa permite o carregamento de textos no formato *txt* sobre os quais apresenta informações, inclusive estatísticas, dispostas em gráficos, acerca das palavras que o compõem. Ele apresenta, por exemplo, gráficos em rede dos termos que coocorrem com maior frequência, nuvem de palavras mais frequentes no *corpus*, sumário que fornece informações gerais sobre o *corpus*, contextos nos quais cada ocorrência de palavra-chave aparece com o texto circundante, entre outros. Dentre todas as suas funcionalidades, utilizamos uma, o *Corpus Terms*, que disponibiliza listas com as palavras que constituem o *corpus*, bem como sua frequência, como se verifica na tabela abaixo.

Tabela 2 - Parte da tabela disponibilizada no *Voyant tools* com a frequência dos termos



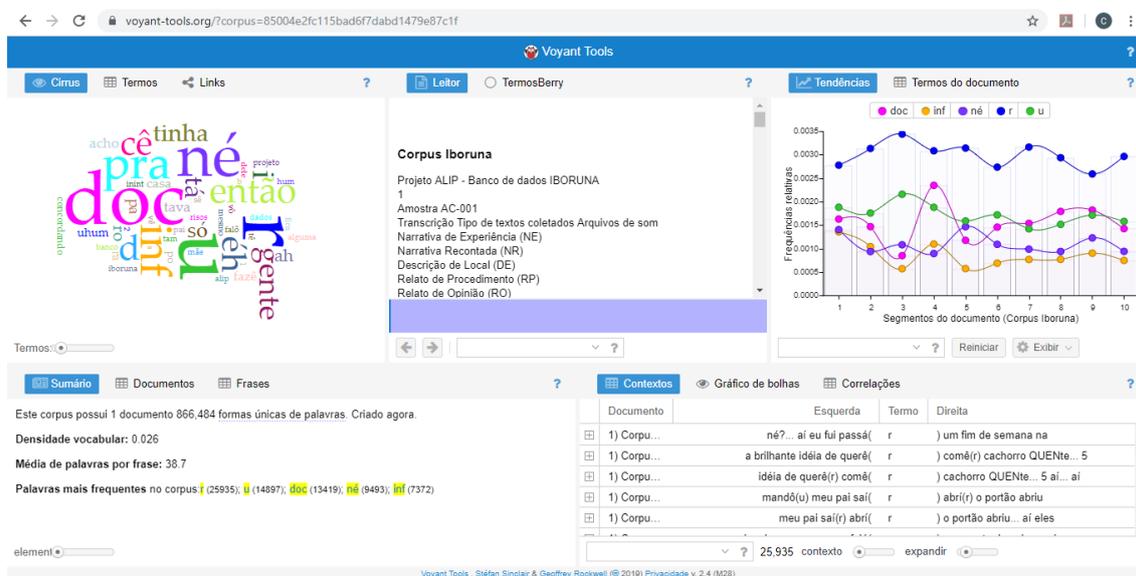
Term	Count	Frequency	Other Metrics	Other Metrics	Other Metrics	
cara	1	463	2.671717E-4	NaN	NaN	5.343434E-4
quê	1	461	2.660176E-4	NaN	NaN	5.320352E-4
tão	1	461	2.660176E-4	NaN	NaN	5.320352E-4
pegô	1	458	2.6428647E-4	NaN	NaN	5.2857294E-4
frente	1	450	2.596701E-4	NaN	NaN	5.193402E-4
preto	1	450	2.596701E-4	NaN	NaN	5.193402E-4
ne	1	442	2.5505375E-4	NaN	NaN	5.101075E-4
cada	1	440	2.5389966E-4	NaN	NaN	5.077993E-4
fiquei	1	438	2.5274558E-4	NaN	NaN	5.0549116E-4
cinco	1	429	2.4755218E-4	NaN	NaN	4.9510435E-4
olha	1	429	2.4755218E-4	NaN	NaN	4.9510435E-4
opinião	1	429	2.4755218E-4	NaN	NaN	4.9510435E-4
ninguém	1	424	2.4466694E-4	NaN	NaN	4.893339E-4

Fonte: *Voyant Tools* (2018)

⁴⁸ O link para acesso ao *Voyant Tools* é: <https://voyant-tools.org/>.

O funcionamento do programa se dá basicamente pelo *upload* do *corpus*, que deve estar em formato *txt* e, após a rodagem, uma nova página do navegador é aberta, na qual várias informações aparecem simultaneamente, como se vê abaixo.

Figura 8 - Funções do programa *Voyant Tools*



Fonte: <https://voyant-tools.org>

Por apresentar não só os verbos, mas todas as palavras que constituem o *corpus*, fez-se necessário identificar e separar apenas os verbos e, dentre eles, os de ação-processo, que são os que nos interessam considerando-se os objetivos deste trabalho. Após essa etapa, passamos a buscar os contextos nos quais esses verbos apareciam, identificando e separando as instanciações de estrutura [N V N]. A partir disso, identificamos dois padrões construcionais, o transitivo e o idiomático, que constituem, conforme apresentamos no capítulo de análise, subesquemas da rede transitiva do português.

Embora o *Voyant Tools* disponibilize a frequência das palavras no *corpus*, não consideraremos essa informação na análise quantitativa, porque apenas os casos de construções de estrutura transitiva nos interessam. Portanto, a quantificação dos dados baseou-se não na frequência dos verbos, mas na frequência em que os verbos instanciam a estrutura morfológica [N V N].

4.4 Procedimentos metodológicos

Em razão de o *Corpus do Português* não disponibilizar os textos que o compõem na íntegra, a única forma de realizar a coleta de dados é por meio da sua ferramenta de busca própria. Entretanto, para isso, é necessário que a delimitação dos verbos, no nosso caso, já tenha sido realizada, uma vez que a busca se dá por itens lexicais específicos. Por essa razão, partimos, primeiramente, do *Corpus Iboruna*, que, por disponibilizar as amostras de fala integralmente, permite a identificação dos verbos em cada um dos textos que o constituem.

Tendo em vista que o *Iboruna* – Amostra Censo é formado por 151 textos, com cerca de 760 mil palavras no total, uma busca não automatizada poderia prolongar desnecessariamente a etapa correspondente à coleta dos dados, razão pela qual optamos por lançar mão do *Voyant Tools*, a fim de identificar os verbos que constituem o *corpus*.

Porém, considerando-se que o programa não consegue filtrar as palavras por meio das classes de palavras, não pudemos, por meio dele, identificar apenas os verbos, conforme precisávamos. Assim, a partir da lista de palavras gerada pelo *Voyant Tools*, separamos os verbos (1647 no total) e, entre eles, os de ação-processo (40), que corresponde a 2,5% dos verbos identificados no *Iboruna*.

Para cada um dos verbos selecionados, foi criado um arquivo em excel, a fim de reunirmos seus contextos de uso, tanto os identificados no *Corpus Iboruna* quanto no *Corpus do Português*. Nessa etapa, excluímos os dados nos quais os verbos ocorriam em estruturas diferentes de [N V N], que nos interessava. Em seguida, iniciamos a classificação dos dados, atentando-nos as suas propriedades formais (sintaxe, morfologia e fonologia) e funcionais (semântica, pragmática e discursivo-funcional), o que nos levou às três construções que investigamos: a transitiva prototípica, a transitiva metafórica e a idiomática, as quais analisamos qualitativa e quantitativamente.

A partir da análise qualitativa, descrevemos as propriedades formais e funcionais das construções, tanto dos casos prototípicos quanto dos membros periféricos, e, a partir da análise quantitativa, apresentamos reflexões acerca da sua frequência.

Apesar da relevância do *Corpus do Português* para o estudo, há dois problemas que se colocam ao seu uso, especialmente no que se refere à análise quantitativa. O primeiro corresponde à quantidade de dados que ele nos apresenta ao fazermos a busca. Observamos, durante a coleta dos dados, que ao realizarmos uma busca, é apresentado, em alguns casos, um número de ocorrências que não corresponde à quantidade real de

dados. Ao buscarmos pelo verbo *derrubar*, por exemplo, aparece a tela abaixo, na qual aparecem os nomes que funcionam como complementos desse verbo.

Figura 9 – Busca de dados no *Corpus do Português*

The screenshot shows the search results for the word "forte" in the Corpus do Português Web/Dialects interface. The results are displayed in a table with columns for rank, context, and frequency. A horizontal bar chart is shown next to each row, representing the frequency of each context.

	CONTEXT	FREQ
1	GOVERNO	543
2	VETO	361
3	PRESIDENTE	328
4	DITADURA	223
5	BARREIRAS	188
6	LIMINAR	185
7	REGIME	170
8	ÁRVORES	164
9	GOVERNOS	146
10	CASTELO	143
11	CONCEITOS	127
12	VETOS	112
13	MURO	101
14	VACA	95
15	DECISÃO	80
16	DITADOR	79

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

Na figura é possível perceber, por exemplo, que são sinalizadas 95 ocorrências de *derrubar* + *vaca*. Todavia, ao abrirmos os contextos, verificamos a existência de apenas dois dados, como se vê abaixo.

Figura 10 – Quantidade de dados com o verbo *derrubar*

The screenshot shows the context details for the word "vaca" in the Corpus do Português Web/Dialects interface. The results are displayed in a table with columns for rank, source, and context. A horizontal bar chart is shown next to each row, representing the frequency of each context.

	CONTEXT	FREQ
1	B BR mulheresabias.blogspot.com A B C ovelhas fãas quando tocamos nos seus ungidos do sinhô. Me desculpem se derrubo a vaca sagrada de alguém. Rô Moreira Não tem jeito... quem não é	
95	G BR da-educa.com (93) A B C Britânica, Canadá () isso deve ser um mito () a força necessária para derrubar uma vaca teórica -- que não se move nem amortece o empurrão -- é equivalente	

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

Por essa razão, não consideramos os números que o *corpus* oferece. Para termos uma quantificação confiável dos dados, copiamos todas as ocorrências dos 40 verbos analisados e transferimos a arquivos do excel, nos quais foi possível contabilizar a frequência *token* das microconstruções, que apresentamos na seção de análise.

Além disso, outro problema que se coloca ao uso do *Corpus do Português – Web Dialects* é que, por se tratar de textos de *blogs* e *sites*, é comum identificar a repetição de dados. Entendemos que esse tipo de *corpus* leva a esse tipo de situação, pois os responsáveis pelos *blogs* e *sites* podem reproduzir textos publicados em outros.

Não foi possível, em razão da quantidade de dados com os quais trabalhamos, identificar todos os casos de repetição, porém, conforme eram percebidos, durante a análise qualitativa, foram excluídos.

Resumo

Apresentamos, a fim de resumir os procedimentos metodológicos que adotamos, as etapas que seguimos.

- Seleção dos *corpora*;
- Rodagem dos textos que constituem o *Corpus Iboruna* no programa *Voyant Tools*;
- Separação dos verbos de ação-processo presentes no *Corpus Iboruna*;
- Seleção dos verbos de ação-processo com os quais trabalharíamos;
- Busca pelos contextos desses verbos tanto no *Corpus Iboruna* quanto no *Corpus do Português*;
- Criação de planilhas no excel – uma para cada verbo e seus contextos;
- Exclusão dos dados nos quais os verbos ocorriam em estruturas diferentes de [N V N];
- Classificação e separação dos tipos de construções para a análise qualitativa e quantitativa.

5 A REDE CONSTRUCIONAL TRANSITIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Introdução

A fim de comprovar nossa hipótese central de que desde instanciações prototípicas da construção transitiva até instanciações da construção idiomática integram a rede construcional transitiva e nela se organizam hierarquicamente, analisamos, na subseção 5.1, a partir de dados sincrônicos, as construções de estrutura morfológica transitiva [N V N] com verbos de ação-processo coletadas do *corpus Iboruna* e do *Corpus do Português*.

Em seguida, na subseção 5.2, analisamos os níveis esquemáticos aos quais pertencem as construções investigadas e propomos a rede do esquema transitivo, a partir das noções de esquema, subesquema, microconstrução e construto, de Traugott e Trousdale (2013).

Por fim, em 5.3, fazemos reflexões acerca da produtividade construcional e dos construtos a partir da análise quantitativa.

5.1 As construções de estrutura transitiva com verbos de ação-processo

A classificação semântica dos verbos em ação-processo, bem como em estado, processo e ação é encontrada em Chafe (1979), que também discute acerca da sua relação com os nomes que os acompanham.

O linguista distingue, primeiramente, os verbos de estado dos verbos de não estado. Os primeiros são aqueles que expressam estado ou condição e são acompanhados por um nome, que é seu paciente, como em (91) *The wood is dry* (A madeira está seca). Já os verbos de não estado, como *broke* (quebrar), *sing* (cantar) e *tighten* (esticar), expressam acontecimentos, embora não sejam, segundo Chafe (1979), do mesmo tipo.

Os verbos de processo (*broke*⁴⁹) são aqueles que respondem à pergunta “*O que aconteceu a N?*” e cujos nomes são pacientes, como em (92) *The dish broke* (A travessa quebrou).

⁴⁹ Apesar de não estar sinalizado por Chafe (1979), vale ressaltar que o verbo *quebrar* também pode funcionar como verbo de ação-processo, tendo em vista que ele pode instanciar a construção transitiva, em casos como *A menina quebrou o vaso*.

Os verbos de ação (*sing*), por sua vez, expressam uma atividade - uma ação - ou seja, alguma coisa que alguém faz, portanto, os nomes que os acompanham são agentes, como em (93) *Harriet sang* (Harriet cantou).

Por fim, os verbos de ação-processo, como *tighten*, expressam uma atividade, que é realizada pelo agente, mas também implicam mudança na condição de um nome, que é seu paciente, como ocorre em (94) *The man tightened the rope* (O homem esticou a corda).

Tendo isso em vista, dentre os tipos semânticos dos verbos, os de ação-processo são os verbos transitivos prototípicos, visto que envolvem dois participantes, que correspondem, no evento causal codificado pela construção transitiva, ao agente e ao paciente, e exercem as funções sintáticas de sujeito e objeto direto.

Na construção transitiva prototípica com verbos de ação-processo, portanto, para cada papel participante (sujeito e objeto direto) há um papel argumental correspondente (agente e paciente), com o qual é semanticamente compatível, o que evidencia o Princípio da Coerência Semântica e o Princípio da Correspondência, de Goldberg (1995).

Segundo Lucena (2016, p. 110), entretanto, além dos verbos de ação-processo, a construção transitiva também pode ser instanciada por verbos de estado, de processo e de ação, haja vista que eles admitem dois argumentos em sua estrutura argumental, que, embora não assumam os papéis de agente e paciente, que caracterizam os casos prototípicos, se relacionam à cena evocada pela construção transitiva por apresentarem dois participantes.

Apesar de haver construções transitivas com verbos de estado, de processo e de ação (cf. LUCENA, 2016), investigamos, neste trabalho, construções de estrutura morfológica transitiva [N V N] com verbos de ação-processo, pois queremos entender as razões pelas quais verbos que apresentam convergência (*matching*) total com a construção transitiva, e por isso são prototípicos, instanciam, também, outras construções, como as idiomáticas [N [V N]_v], nas quais a relação entre o verbo e o nome pós-verbal é mais coesa, já que formam uma unidade sintático-semântica.

As instanciações da construção transitiva correspondem, prototipicamente, a casos como (95), (96) e (97), nos quais destacamos os verbos *quebrar*, *pegar* e *catar*:

(95) éh a maioria são tudo vãn::dalo são tudo moleque que pensa que::/ que é o rei da esco::la e joga papel:: e faz guerri::nha... **quebra o ventilador**:: pega o giz da professo::ra fica tacan(d)o nos o::(u)tros... (Iboruna: AC-024)

(96) aí aí ela começô(u) batê(r) na nossa mã::o aí teve uma vez que ela **pegô(u) a vasso(u)ra** e deu ((o informante conta rindo)) e deu uma vasso(u)rada não mas não pra doê(r) (Iboruna: AC-001)

(97) Inf.: ai como ele tava gritando de dor eu falei... pensei... falei assim – “esse homem vai me dá(r) um treco aqui... e vai sobrá(r) pra mim” – então eu que **catei o celular** e liguei...pra pro resgate... falei – “pelo menos se tivê(r) acontecido alguma coisa com ele a polícia averigua” (Iboruna: AC-050)

Em todos os casos, é codificada a cena em que alguém - sujeito agente - realiza uma ação que afeta algo - objeto paciente - de modo intencional, causando sua mudança de estado (95) ou de localização (96 e 97). Dessa forma, nesses casos, o afetamento é físico e perceptível, uma vez que o ventilador é quebrado, e a vassoura e o celular são deslocados de um ponto a outro.

A partir dos membros centrais da construção transitiva, outros, que não partilham todas essas propriedades, são instanciados, conforme mostramos nas subseções a seguir, nas quais analisamos as microconstruções, nos atentando às propriedades formais e funcionais que apresentam.

Em 5.1.1, mostramos que a construção transitiva pode abarcar sujeitos [- agentes] e objetos [- pacientes]. Portanto, a agentividade e o afetamento, propriedades que caracterizam a construção, constituem, na verdade, um *continuum*.

Além disso, mostramos, em 5.1.1.1, que há construções em que o evento causal é metaforizado, em casos como (98), (99) e (100).

(98) Às vezes **quebramos a confiança** de vocês ao deixar nossa qualidade cair abaixo dos padrões do setor, e nossos designs se tornaram sem brilho " (Corpus do Português: <http://carros.uol.com.br/ultnot/reuters/2008/12/08/ult2835u127.jhtm>)

(99) Todos os dias eu dava uma passada aqui e **pegava dicas** e estudava os casos que o senhor postava, foram muito uteis, muito obrigada mesmo. (Corpus do Português: <http://advogadoleonardocastro.wordpress.com/2010/11/14/para-quem-tem-a-impresao-de-que-errou-tudo/>)

(100) Seus tutoriais com o passo-a-passo detalhado, onde ela (super engraçada) sempre fala com muita naturalidade e descontração, são um fenômeno na internet e salvam a mulherada na hora da produção para a ocasião que seja. Eu mesma já **catei várias dicas** dadas por ela! (Corpus do Português: <http://www.livrosechocolate.com.br/2013/08/de-bem-com-o-espelho-alice-salazar.html>)

Nos dados acima, os mesmos verbos que instanciam a construção transitiva prototípica, em que um sujeito agente causa mudança física de estado ou de localização de um objeto paciente, passam a codificar o evento causal metaforicamente, devido à abstratização da construção⁵⁰.

Neles, a estrutura morfossintática da construção transitiva se mantém, mas os papéis argumentais do sujeito e do objeto são alterados e o afetamento, que caracteriza a construção, só pode ser pensado em termos metafóricos. Assim, em um plano conceptual, é possível pensar que *confiança* passou por mudança de estado como resultado da ação de *quebrar* e que *dicas* passaram por mudança de localização em razão das ações de *pegar* e *catar*. Trata-se, então, de uma mudança construcional, conforme Traugott e Trousdale (2013), já que apenas uma contraparte da construção – nesse caso a contraparte funcional - passa por mudança.

Por fim, em 5.1.2, analisamos dados da construção idiomática, que corresponde a casos como (101), (102) e (103), nos quais são atestadas mudanças formais e funcionais concomitantemente, o que os caracterizam como resultado da construcionalização lexical (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

(101) eles brigavam muito porque ele não aceitava né? o... o jeito da/ que no caso era avó dele né?... eles **quebrava o pau** direto... ixe era a maior mão-de-obra... (Iboruna: AC-133)

(102) Agora, isto com certeza é apenas o começo e sei que as vezes pode parecer muita coisa, mas com calma você **pega o jeito**. Se quiser mais dicas e informações como esta para lhe ajudar a guiar no que você deve fazer com seu site, então recomendo imensamente que faça o download do Manual do Empreendedor Digital. (Corpus do Português: <http://www.empreendedor-digital.com/aumentar-trafego>.)

(103) Estava mais do que na hora de alguém tocar nesse assunto que é no mínimo incômodo pra qualquer blogueiro sério: mendigar seguidores. O ato de ficar mendigando seguidores é mais do que reprovável, a meu ver. E irritante também. Meu, quantas vezes eu já quis mandar esses mendigos **catarem coquinho**, mas eu simplesmente ignoro a apelação ridícula deles! (Corpus do Português: <http://www.vidarealdasam.com.br/2012/01/segue-meu-blog-que-sigo-o-seu-huummso.html>)

⁵⁰ Conforme mostramos adiante, a abstratização da construção não se deve somente à presença de objetos abstratos, já que identificamos casos como *afogar o carro*, em que o objeto é concreto, mas, ainda assim, se mantém a interpretação metafórica.

O que se percebe é que os sintagmas nominais em posição pós-verbal não se configuram, nesses casos, como objetos diretos, em razão do maior entrincheiramento da sequência verbo-nome, que passa a ser acessada como uma unidade não só formal, mas também funcional. Ao invés de mudança de estado e de localização, própria da construção transitiva, o sentido, nas instanciações da construção idiomática, é idiossincrático e corresponde, em (101), (102) e (103) a: *brigar*, *aprender* e *parar de importunar*. Esse novo pareamento passa, conforme mostraremos adiante, a funcionar como um esquema, abstrato e geral portanto, do qual, via analogização formal, outras microconstruções são instanciadas.

A quantidade de verbos com os quais trabalhamos (40) representa apenas 2,5% dos verbos que identificamos no *corpus Iboruna*, que totalizam 1637 tipos. Isso mostra que há restrição quanto aos verbos de ação-processo que podem instanciar microconstruções metafóricas e idiomáticas. Isso se dá, pois apenas verbos que têm significados mais gerais parecem ser passíveis de perder traços semânticos e propriedades categoriais, que possibilitam a emergência da construção idiomática.

A partir dessas mudanças é que os verbos passam a admitir objetos diretos com os quais não ocorrem em casos prototípicos (constituindo, então, microconstruções metafóricas) e perdem seus traços semânticos (constituindo microconstruções idiomáticas), o que não ocorre com verbos cujos significados são mais específicos, como *revistar*, *verificar*, *testemunhar*, *zuar*, entre tantos outros. Os verbos *verificar* e *testemunhar*, por exemplo, podem subcategorizar complementos abstratos, como *informações* e *milagre*, respectivamente, instanciando, portanto, construções transitivas metafóricas, porém, nem eles nem os verbos *revistar* e *zuar* são recrutados em construções idiomáticas, pois não perdem seus traços semânticos.

Em atenção a isso, concluímos que nem todos os verbos de ação-processo são recrutados pelas microconstruções metafóricas e pelas idiomáticas, tal como hipotetizávamos inicialmente.

A ocorrência de verbos que apresentam convergência (*matching*) total com a construção transitiva prototípica em outras construções, como as idiomáticas, nas quais a relação entre o verbo e o nome pós-verbal é mais coesa, já que formam uma unidade sintático-semântica, se dá, pois, por serem verbos de ação-processo, implicam dois participantes. Portanto, construções que tenham *slots* abertos que sejam preenchidos por

N1 e N2 poderão ser instanciadas por verbos de ação-processo, ainda que o evento codificado não seja o de um agente que afeta um paciente. Por essa razão, verbos tipicamente transitivos, como *pegar*, podem instanciar outras construções biargumentais.

Na construção idiomática, os verbos de ação-processo assumem, em alguns casos, propriedades dos verbos de ação, já que podem deixar de denotar afetamento e passar a denotar um acontecimento, algo que o sujeito faz. É o que se vê em *quebrar um galho* por exemplo, no qual o sujeito realiza uma ação. Em outros casos, o sujeito assume propriedades de verbos de processo, como em *levar susto*⁵¹ por exemplo, microconstrução na qual o sujeito não realiza uma ação, mas sofre afetamento, mudando de estado.

Tendo sido apresentadas as construções identificadas nos *corpora*, passamos, nas subseções seguintes, a analisá-las, mostrando suas propriedades mais detalhadamente.

5.1.1 Instanciações da construção transitiva prototípica

O evento causal que caracteriza a construção transitiva envolve dois papéis argumentais, o agente e o paciente. Nos casos prototípicos, o primeiro realiza uma ação, de modo intencional e controlado, afetando o segundo, que muda de estado ou de localização. Esses argumentos correspondem, sintaticamente, ao sujeito e ao objeto direto, conforme ilustrado nos dados abaixo, em que *ele*, *lavradores* e *professora* são sujeitos agentes e *papel*, *uvas* e *régua* são objetos pacientes.

(104) Estávamos em uma festa na minha casa. Ele fez um sorriso de disfarce e **dobrou o papel**, que vi ser engolido no bolso de sua camisa, de onde nunca deve ter saído. Entre uma dobra e outra, como que se percebesse minhas impertinências, meu pai bradou alto, fazendo graça: ` E vem de novo com as besteiras dele'. (Corpus do Português: <http://anivelde.org/velhamargem/2009/04/08/o-homem-que-odiava-a-segunda-feira.htm>)

(105) Desde os tempos de Homero, os marinheiros gregos haviam dirigido suas proas guiando- se pelos sinais celestes, e os lavradores **colhiam suas uvas** quando Órion estava em seu ponto mais alto. (Corpus do Português: <http://espacoastrologico.org/o-sentido-das-estrelas/>)

(106) num é que nem uma professora minha que **pegô(u) a régua** tacô(u) e/ e quase acertô(u) na cabeça do aluno. (Iboruna: AC-014)

⁵¹ As microconstruções são apresentadas na subseção 5.1.2.

Em (104), da ação verbal decorre a mudança de estado do paciente, já que o papel é dobrado, ou seja, muda e condição. Já nas instanciações em (105) e (106), codifica-se a mudança de localização dos pacientes, uma vez que, ao serem colhidas e ao ser pega, as *uvas* e a *régua* sofrem deslocamento espacial.

É comum, em estudos sobre a transitividade, haver referência apenas às propriedades sintáticas (sujeito e objeto direto) e semânticas (agente e paciente em um evento causal) da construção, contudo, assumimos, com Croft (2001), que as propriedades formais e funcionais das construções vão além da sintaxe e da semântica, mas englobam, também, aspectos morfológicos, fonológicos, pragmáticos e discursivo-funcionais.

Assim, em razão de a construção transitiva ser um pareamento de forma e função, portanto, com propriedades que lhe são próprias, apresentamos, com base no modelo de Croft (2001), aquelas que caracterizam suas instanciações prototípicas.

Quadro 5 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva prototípica

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente que realiza uma ação que afeta um paciente, causando sua mudança física de estado ou de localização.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Em microconstruções prototípicas, como as ilustradas de (104) a (106), há uma sequência morfológica composta por nome + verbo + nome, em que cada vocábulo detém seu acento tônico próprio, e que corresponde, sintaticamente, à sequência de sujeito, verbo e objeto direto. Além disso, codificam um evento causal, a partir da perspectiva de

quem pratica a ação, e ocorrem tanto nos textos de fala (entrevistas sociolinguísticas que compõem o *Corpus Iboruna – Amostra Censo*) quanto nos de escrita (textos de *blogs* e *sites* do *Corpus do Português – Web Dialects*).

Os conceitos de tópico e foco não são consensuais na literatura sobre o tema. Aqui, nos referimos a eles a partir de uma perspectiva contextual, em que o tópico corresponde a elementos dados, conhecidos, e o foco corresponde a elementos novos.

As propriedades discursivo-funcionais não são, como se vê, distintivas para as microconstruções transitivas prototípicas, já que elas ocorrem nas duas modalidades da língua. Porém, mesmo nos casos de microconstruções encontradas em apenas uma modalidade, como apresentamos ainda nessa seção, entendemos que se trata de uma questão que se coloca ao trabalho com *corpus*. A não ocorrência de algumas microconstruções nos textos de fala, por exemplo, não significa, portanto, que elas sejam próprias de textos escritos.

Ainda que estejamos trabalhando com dados sincrônicos, é possível pensar que, via neoanálise, esse pareamento padrão foi reinterpretado, e, assim, a construção transitiva passou a abarcar sujeitos [- agentes] e objetos [- pacientes], conforme evidenciam as microconstruções que analisamos a seguir, corroborando, portanto, a assunção de Givón (2001) de que a agentividade e o afetamento são graduais.

O agente prototípico é humano, animado⁵², intencional e tem total controle sobre a ação, como ocorre de (104) a (106), porém, há casos em que ele apresenta apenas parte dessas propriedades.

Em (107), por exemplo, o sujeito *ela* - [+ humano] e [+ animado] - realiza a ação de *borrar o esmalte*, entretanto, de modo não intencional e não controlado, dado que, no trecho destacado, percebemos que a ação não é pretendida ou esperada por quem a efetua. O sujeito, então, perde propriedades agentivas e assume as de causador⁵³ (CANÇADO, 2013), pois desencadeia a ação sem ter intenção ou controle sobre ela.

(107) estou tendo ótimos resultados depois de parar de tirar as cutículas (tanto das mãos quanto do pés) e minha mãe tbm aderiu a dica! ela sempre tirava OS BIFES e o acabamento ficava feio, ela **borrava o esmalte** td pq doía se ela encostasse o palitinho na cutícula mas agora a cutícula dela está miúda! (Corpus do Português: <http://www.unhabonita.com.br/manchas-brancas-nas-unhas-evite-trate-e-cuide/>)

⁵² A animacidade é um traço semântico comumente encontrado no sujeito, razão pela qual se espera que ele seja o agente, posto que animacidade e movimento (agentividade) estão imbricados.

⁵³ Baseamo-nos na nomenclatura utilizada por Cañado (2013) para nos referirmos aos papéis semânticos do sujeito.

Enquanto de (104) a (107), o sujeito é [+ humano] e [+ animado], há casos, como (108) e (109), abaixo, nos quais os sujeitos *ventilador de teto* e *temporal* são inanimados - não intencionais e não controladores portanto - embora, ainda assim, causem a mudança de estado e de localização dos objetos, respectivamente.

(108) Inf.: é **ventilador de teto**... só que ele num tem muita serventia não porque... quase num faz vento sabe? [Doc.: aham ((concordando))] só **abafa o ar quente** que tá e:: aí piora tudo. (Iboruna: AC-054)

(109) esse casamento ia sê(r) foi realizado numa chácara uma chácara muito bonita... uma decoração... muito bonita também tudo muito bem planeja::do... e:: ((ruído)) sabe? durante a festa... assim muita flo::res... e/ e deu um **temporal... e derrubô(u) tudo... assim os arran::jos** (Iboruna: AC-138)

Segundo nossa experiência, ações são realizadas por seres animados, por essa razão, a construção transitiva apresenta, prototipicamente, referentes [+ humanos] e [+ animados] na posição de sujeito. Em (108) e (109), os referentes dos sujeitos (*ventilador* e *temporal*), por serem não humanos e inanimados, são reinterpretados, via metáfora, como seres que podem realizar as ações de *abafar* e *derrubar*, o que licencia sua ocorrência como sujeitos na construção. Assim, nesses dados, os sujeitos são, assim como em (107), causadores, já que desencadeiam as ações, mas não têm intenção ou controle sobre elas⁵⁴.

Ainda que o sujeito, em (107), seja animado e em (108) e (109) seja inanimado, entendemos que são causadores, pois todos realizam uma ação sem intenção.

Tendo em vista as mudanças semânticas no pareamento funcional da construção transitiva, das quais emergem casos como (107), (108) e (109), apresentamos, no quadro 6, as propriedades que os caracterizam.

⁵⁴ O dado em (109), contudo, suscita certa ambiguidade, pois, junto a essa primeira interpretação, em que *temporal* é o sujeito causador, há outra, em que o verbo *derrubar* pode ter uma denotação intransitiva, assemelhando-se ao verbo *cair*.

Quadro 6 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito causador

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um causador que realiza uma ação, sem ter intenção ou controle sobre ela, apesar de, ainda assim, afetar um paciente, causando sua mudança física de estado ou de localização.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Ainda sobre as propriedades semânticas do sujeito, há casos, como o apresentado em (110), nos quais ele é beneficiado pelo evento codificado na construção.

(110) Eu acho que vc esqueceu um provável motivo: também existem bons profissionais e prefiro deixar nas mãos deles. Por exemplo, **lavo o carro** sempre no mesmo lugar, que sei que é bom e lava direito, e eu nunca lavaria melhor do que os profissionais sérios que fazem isso. (Corpus do Português: <http://www.autoentusiastasclassic.com.br/2011/09/por-que-eu-nao-posso-lavar-meu-carro-no.html>)

Em (110), o sujeito não corresponde ao ser que pratica a ação, mas sim à pessoa que foi beneficiada pela ação de outra (profissionais aos quais o autor do texto se refere). O sujeito, portanto, adquire propriedades de beneficiário da ação verbal.

Sob a nomenclatura de construção transitiva com sujeito agente-beneficiário, casos assim foram investigados por Ciríaco (2014, p. 95), para quem essa é uma construção autônoma, embora sinalize que ela “pode ser descrita pelo padrão SVO”.

Para nós, contudo, a emergência de um novo pareamento decorre de mudanças formais e funcionais em uma construção (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), o que não ocorre em casos como (110) **lavo o carro**, uma vez que as propriedades sintática, morfológica e fonológica da construção transitiva são preservadas. Portanto, embora a

contraparte funcional passe por mudanças, a contraparte formal da construção se mantém, o que indica que não se trata de construcionalização (emergência de uma nova construção), mas sim de mudança construcional.

Para Ciríaco (2014, p. 84), além de beneficiário, o sujeito é agente indireto, pois, apesar de não executar a ação, ela só é realizada a partir da sua iniciativa e com o seu consentimento, que são propriedades agentivas.

De fato, o dado em (110) difere-se de casos como (111) *A Maria recebeu o presente* (CANÇADO, 2013, p. 115), em que *Maria*, como sujeito beneficiário, é favorecida pela ação verbal, sem ter intenção ou controle sobre ela. Dessa forma, o sujeito de **lavo o carro** apresenta, também, propriedades agentivas.

A interpretação da construção transitiva com sujeito agente-beneficiário, para Ciríaco (2014, p. 95), depende do seu contexto pragmático (evento de prestação de serviços). Concordamos que há uma especificidade contextual no uso dessa microconstrução, mas a mudança pragmática em dados como (110) corresponde, ao nosso ver, à alteração no seu *status* informacional, uma vez que o evento é denotado a partir do ponto de vista do agente indireto, não do agente que realiza a ação de fato, embora ambos sejam informação dada, conhecida pelo destinatário.

Portanto, há, em casos assim, mudança semântica, que corresponde à alteração do papel argumental do sujeito, e pragmática, em razão do estatuto informacional.

Considerando-se as propriedades que instanciações da construção transitiva como (110) apresentam, elaboramos, a seguir, o pareamento construcional a partir das mudanças que as qualificam.

Quadro 7 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito agente indireto-beneficiário

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente indireto-beneficiário, que consente a realização da ação da qual se beneficia, mas que é realizada por outro ser, e que afeta o objeto, que muda de estado.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista do agente indireto. Desse modo, há dois tópicos (ser que pratica e ser que consente a ação) e o objeto é o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs e sites</i> .

Fonte: própria.

Casos como esse foram encontrados apenas no *Corpus do Português*, conforme destacamos nas propriedades discursivo-funcionais. Entretanto, ressaltamos que essa restrição pode decorrer devido à limitação dos *corpora* com os quais trabalhamos, e não por ser uma particularidade da modalidade escrita da língua.

Há, ainda, casos como (112):

(112) Mas a Kinda disse que o segredo era o tempo em que ela deixaria o tonalizante agir, pois senão corria o risco de eu sair de lá com o cabelo branco, literalmente. Viram que **cortei o cabelo** também, né? (Corpus do Português: <http://www.isabelafreitas.com.br/2013/03/meu-cabelo.html>)

Nele, o sujeito também não corresponde ao ser que pratica a ação, mas sim à pessoa que teve o cabelo cortado por outra (*Kinda*), que é, de fato, quem realiza a ação de cortar. O sujeito, portanto, assim como em (110), assume propriedades de beneficiário, mas também de agente, pois a realização da ação depende de sua iniciativa.

Além disso, em casos assim, o sujeito, ao ser beneficiado pela ação verbal, assume, também, propriedades de paciente, pois, apesar de o cabelo ser objeto direto

afetado, o sujeito também sofre afetamento, uma vez que passa por uma mudança de estado em decorrência de ter seu cabelo cortado. Nesse sentido, diferentemente de (110), é relevante, nessas instanciações da construção transitiva, que o sujeito tenha uma relação de parte-todo com o objeto.

O contexto pragmático de prestação de serviços se mantém aqui, e, além disso, há, da mesma forma que em (110), alteração no *status* informacional da microconstrução, já que o evento é denotado a partir do ponto de vista do agente indireto, não do agente que realiza a ação de fato.

Em razão das mudanças que caracterizam essa microconstrução, apresentamos suas propriedades abaixo.

Quadro 8 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito agente indireto-beneficiário-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente indireto-beneficiário-paciente, que consente a realização da ação da qual se beneficia e é afetado, mas que é realizada por outro ser, afetando, também, o objeto, que muda de estado.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista do agente indireto. Desse modo, há dois tópicos (ser que pratica e ser que consente a ação) e o objeto é o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Em (113), (114) e (115), por sua vez, o sujeito assume propriedades de paciente, haja vista que é afetado pela ação verbal, todavia, o afetamento do sujeito, nesses casos, decorre de uma ação praticada por ele mesmo, embora de modo não intencional e não controlado.

(113) Eu já nem sabia viver sem aquela dor. Uma amiga que já **mordeu a língua** a ponto de sangrar definiu isso como "« muita inabilidade para viver. " Se eu não sei nem coordenar meus dentes e língua, o que é que eu sei? minha mãe é que diz: "« minha filha, como você é capaz de fazer isso com você mesma? " não sei, mãe. eu juro que não sei. (Corpus do Português: <http://tantoscliches.blogspot.com/2011/07/nada.html>)

(114) Também no ano passado, quando ele **quebrou o braço**, no dia 12 de fevereiro, contei com a intercessão de mãe de Jesus. Sempre agradeço e entrego os meus filhos e as suas saúdes a N.S. de Lourdes! (Corpus do Português: <http://lourdes-150-aparicoes.blogspot.com/2010/07/o-corpo-incorrupto-de-santa-bernadette.html>)

(115) Hoje de manhã a nossa secretária **cortou o dedo** e não quis fazer suco de laranja. (Corpus do Português: http://www.reportermt.com.br/index/noticias/id-34437/consumidora_do_df_compra_suco_de_laranja_caseiro_com_material_em_decomposicao_dentro_da_caixa)

Neles, as propriedades formais da construção transitiva se mantêm, mas há mudanças funcionais, especialmente semânticas. Semanticamente, os sujeitos são causadores, em razão de as ações de *morder a língua*, *quebrar o braço* e *cortar o dedo* serem praticadas de modo não intencional e não controlado. Contudo, também possuem propriedades de paciente, uma vez que são afetados, mudando de estado ao terem a língua mordida, o braço quebrado e o dedo cortado.

Percebe-se que o afetamento do sujeito depende do contexto em que ele e o objeto tenham uma relação de parte-todo, pois, assim, a mudança de estado do objeto levará, conseqüentemente, à mudança de estado também do sujeito.

Dessa forma, tais microconstruções apresentam as propriedades descritas a seguir.

Quadro 9 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito causador-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um causador-paciente, que pratica a ação, embora de modo não intencional e não controlado, a partir da qual afeta o estado do objeto paciente e, conseqüentemente, o dele próprio.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Há, ainda, casos em que o afetamento do sujeito decorre de uma ação intencional. Em (116), abaixo, a ação de *entortar a boca* é, portanto, realizada por um sujeito que partilha propriedades de agente (por haver intenção) e de paciente (por haver afetamento) simultaneamente.

(116) Ai... -- a menina gritou, empurrou o peito do sujeito, fez cara azeda, **entortou a boca** como quem teve o tímpano arranhado, e saiu. (Corpus do Português: <http://colunas.revistamarieclaire.globo.com/falecomele/2012/01/03/gati-amor-uo-mona-porram-o-que-os-homens-acham-de-mulher-que-so-fala-giria-gls/>)

Assim como em (113), (114) e (115), o objeto (boca) e o sujeito (menina) têm uma relação de parte-todo, condição necessária para que o afetamento do sujeito seja possível.

Em razão da mudança construcional, que corresponde à mudança no papel argumental do sujeito em casos como (116), elaboramos, a seguir, o pareamento de forma e função que os caracterizam.

Quadro 10 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com sujeito agente-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente-paciente, que pratica a ação, de modo intencional, a partir da qual afeta o objeto e, conseqüentemente, a si próprio.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Até aqui, apresentamos microconstruções que, embora associadas ao pareamento formal da construção transitiva, já que detêm as suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, apresentam mudanças funcionais, principalmente no que diz respeito às propriedades semânticas do sujeito, que pode ser, conforme mostramos, agente, causador, beneficiário e paciente, e pragmáticas, em casos nos quais há alteração do estatuto informacional.

As microconstruções ilustradas em (117) e (118), por sua vez, possibilitam a discussão acerca dos graus de afetamento do paciente. No primeiro, o *embrulho* é totalmente afetado, pois, ao ser rasgado, passa por uma mudança permanente, ao contrário do que ocorre em (118), em que, apesar de passar por uma mudança de estado, o *braço* mantém-se íntegro e pode voltar ao estado anterior. Dessa forma, assim como a agentividade, o afetamento também é gradual, conforme sinalizado por Taylor (2003) e Givón (2001).

(117) Inf.: ela chegô(u) com um baita de um **embrulho** assim ((Inf. abre os braços mostrando o tamanho do embrulho)) e aí ((Inf. imita o som de algo estourando)) **rasguei** s[e pus/] (Iboruna: AC-053)

(118) minha mãe fala:: pra ele que ele num tem vergonha na CA::ra que eu sô(u) menor que e::le... [Doc.: ((risos))] que ele::/ 55 onde se viu me batê(r)... que às vezes sabe? ele... me ba::te **entorta meu bra::ço**... brincan(d)o né?... mas machuca um po(u)co né?... (Iboruna: AC-006)

Microconstruções em que o objeto é parcialmente afetado parecem restringir-se a eventos causais que denotam mudança de estado do objeto apenas, uma vez que mudança de localização não pode ser parcial. Portanto, há, em casos assim, restrição de verbos que podem instanciá-los. Verbos como *arrancar*, *arrastar*, *catar* e *pegar*, por exemplo, que afetam o objeto causando sua mudança de um lugar a outro, não são recrutados em microconstruções como (118).

Apesar de haver gradualidade quanto ao afetamento do paciente, entendemos que não caracteriza mudança semântica, pois, seja de modo total ou parcial, ele é afetado de alguma maneira. Portanto, não se mostra necessário distinguir microconstruções com objeto [+ afetado] e microconstruções com objeto [- afetado].

Alguns verbos, a depender do contexto, podem tanto instanciar microconstruções que codificam afetamento total quanto microconstruções que codificam afetamento parcial dos objetos. É o caso de *rasgar*, por exemplo, que, em (117), implica o afetamento total do *embrulho*, mas, em (119), afeta o objeto – *um pedaço de um jornal* – parcialmente. Isso se dá devido ao contexto no qual a microconstrução com esse verbo aparece, em que há a explicitação de que apenas uma parte do objeto foi afetada.

(119) Ele espera por um sinal de aprovação e, em seguida **rasga um pedaço de um jornal**, envolve a goma e sorri, enquanto esconde o " delito " com as mãos. (Corpus do Português: <http://foforks.com.br/tag/robert-pattinson/>)

A partir do dado ilustrado em (117), ainda é possível falarmos acerca de casos em que o objeto é anafórico. O objeto direto *embrulho* é citado no contexto imediatamente anterior ao verbo *rasgar*, portanto, é uma informação dada, que assume, conforme Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 61-62), o papel de tópico secundário, o que o afasta dos casos prototípicos, nos quais o objeto direto é uma informação nova, ou seja, o foco.

Ainda que o objeto direto esteja deslocado, não se trata de uma mudança formal, uma vez que a sua posição implica em uma alteração no *status* informacional apenas, ou seja, trata-se de uma mudança pragmática da construção transitiva, conforme mostramos no quadro 11.

Quadro 11 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva com objeto paciente anafórico

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O _{anafórico}].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N _{anafórico}].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente que realiza uma ação que afeta um paciente, causando sua mudança física de estado ou de localização.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. O sujeito é o tópico e o objeto, tópico secundário por não constituir informação nova.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Todos os verbos que ocupam o *slot* verbal das microconstruções da construção transitiva apresentadas até aqui podem recrutar sujeitos agentes, caracterizados pela animacidade, intencionalidade e controle da ação, e objetos pacientes [+ concretos], que são afetados fisicamente.

Em casos menos prototípicos, nos quais a agentividade e o afetamento são neoanalisados, contudo, há verbos que apresentam restrição de seu uso com certos papéis argumentais do sujeito. O verbo *borrar*, por exemplo, não coocorre com sujeito beneficiário, pois as microconstruções nas quais ocorre não codificam favorecimento do sujeito, devido ao sentido verbal.

O sancionamento de sujeitos [- agentes] configura-se como mudança semântica na contraparte funcional da construção transitiva. Apesar da gradação da agentividade e dos diferentes papéis argumentais que o sujeito pode assumir, todos os dados expostos nesta seção são instanciações da construção transitiva, uma vez que apresentam as propriedades morfológicas, sintáticas e fonológicas que caracterizam a contraparte formal da construção. Além disso, embora apresentem algumas especificidades semânticas (agentividade e afetamento graduais e diferentes papéis temáticos do sujeito), o sentido

construcional (evento causal) é codificado em todos os casos, mesmo quando ele recai, também, sobre o sujeito.

Além das mudanças semânticas, há, conforme mostramos, microconstruções que apresentam mudança pragmática. Trata-se dos casos em que há dois agentes (um que realiza a ação e outro que consente que ela seja realizada) – dois tópicos portanto - e de casos em que o objeto, por ser anafórico, corresponde ao tópico secundário, e não ao foco.

As particularidades semânticas e pragmáticas das microconstruções descritas correspondem a mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) na contraparte funcional da construção transitiva. Não se trata, portanto, de novos pareamentos, mas sim de membros menos prototípicos que, apesar de distanciarem-se dos membros centrais da construção, ainda assim, constituem a sua rede.

As noções de prototipicidade, de Rosch (1973, 1978), e de membros centrais e periféricos, de Lakoff (1987), amparam a gradação que encontramos nos dados apresentados e evidenciam a maleabilidade da língua a fim de atender as necessidades discursivas, assunção assumida nos estudos funcionais e, mais recentemente, nos trabalhos em Linguística Funcional Centrada no Uso, amparados pelos pressupostos construcionais.

Dessa forma, considerando os casos supracitados, há instanciações prototípicas da construção transitiva, que reúnem todas as propriedades que a caracterizam, mas também há as que apresentam apenas parte das propriedades. Em todas, porém, o evento causal, em que se codifica afetamento físico, se mantém, ainda que o afetamento seja, em casos como (112) a (116), também do sujeito, que é agente, beneficiário e paciente em (112) *cortei o cabelo*, causador e paciente em (113) *mordeu a língua*, (114) *quebrou o braço*, (115) *cortou o dedo* e agente e paciente em (116) *entortou a boca*.

Casos como esses parecem decorrer da neoanálise de instanciações como (104) *dobrou o papel*, (105), *colhiam suas uvas* e (106) *pegou a régua*, que constituem o pareamento de forma e função prototípico – descrito no quadro 5. Estas microconstruções, portanto, servem de modelo para as demais, nas quais a agentividade e o afetamento são reinterpretados, razão pela qual o sujeito pode assumir novos papéis argumentais e, inclusive, ser afetado.

Nesse sentido, os verbos de ação-processo que codificam o evento causal prototípico e, por isso, coocorrem com sujeitos agentes e objetos pacientes, podem, também, selecionar sujeitos menos ou não agentivos e objetos cujo afetamento é uma questão de grau, como mostrado em (117) *rasguei o embrulho* e (118) *entorta meu braço*.

Assim, os traços semânticos dos papéis argumentais da construção transitiva (agente e paciente) são estendidos para abarcar outros.

A neoanálise decorre de uma nova análise acerca da construção transitiva, que permitiu que, em algum momento, a construção, anteriormente caracterizada pela presença de sujeito agente e de objeto paciente, passasse a instanciar, também, sujeitos [-agentes] e objetos [-pacientes], conforme mostramos por meio dos dados analisados nesta subseção, e casos metafóricos, os quais tratamos na subseção a seguir.

Tendo em vista que o evento causal (sentido construcional) é recorrente em todos os dados analisados, entendemos que isso se dá por estarmos lidando com os verbos de ação-processo especificamente, o que evidencia a assunção de Goldberg (1995), de que os verbos contribuem com o sentido construcional.

5.1.1.1 Instanciações metafóricas da construção transitiva

As microconstruções da construção transitiva das quais tratamos aqui correspondem a casos como (120), (121) e (122), que se diferenciam das analisadas na subseção anterior por codificarem o evento causal metaforicamente. Portanto, a cena em que alguém realiza uma ação que afeta algo, própria da construção transitiva, é mantida nas microconstruções metafóricas, assim como a estrutura sintática, que é constituída por sujeito, verbo e objeto. A diferença está no modo pelo qual o evento é codificado, já que aqui a ação não se realiza no mundo físico. A semelhança sintática acompanhada de diferenças semânticas indica que as microconstruções metafóricas, como (120), (121) e (122), são extensões da construção transitiva prototípica.

(120) Não diga, "« Você não é importante. Você é só um sentimento. " Passe a formar uma unidade com ele. Você pode dizer, "« Expirando, **acalmo meu medo**. (Corpus do Português: <http://universonatural.wordpress.com/2013/05/08/o-rio-dos-sentimentos/>)

(121) Nós, que não somos gênios, no sentido de gênios criativos que se tornam poderosos em termos financeiros (como Bill Gates e Steve Jobs) ou mesmo estéticos (caso de James Joyce), sempre achamos que os que **pegaram uma ideia que parecia simples**, e estava dando sopa no mercado, e a transformaram numa ideia lucrativa, ou, no caso literário, esteticamente avançada, só podem ter plagiado. (Corpus do Português: acervo.revistabula.com)

(122) Todas as vezes em que vão à região, os geólogos voltam para casa com a bagagem cheia de pedregulhos. Não como viajantes que **catam lembranças** ou meninos que

enchem os bolsos de munição para uma possível batalha, mas com objetivos definidos. (Corpus do Português: gaea-habitat.blogspot.com)

Nessas microconstruções, os verbos selecionam, majoritariamente, nomes [+ abstratos] para a posição pós-verbal, embora nomes [+ concretos] também possam ser recrutados como argumentos.

Em (123), por exemplo, a mudança de localização do objeto só pode ser pensada em um plano conceptual, pois embora seja concreto e, por isso, passível de sofrer deslocamento físico, ao se configurar como paciente do verbo *fisgar* o seu movimento de um ponto a outro só pode ser entendido metaforicamente, haja vista que, segundo nossa experiência, peixes são fisgados, homens não. Por meio da ação verbal, o homem, que estava “longe” da mulher, passa a estar “perto”, denotando um evento de conquista.

(123) O tempo passa rápido, a fila anda e quando menos se espera outra mulher já **fisgou o homem** que você jurava ser o dos seus sonhos. (Corpus do Português: http://www.parcerto.com.br/conselhos/homens-x-mulheres/artigo/dicas-para-conquistar-um-homem.php?id_artigo=259)

Por se tratar de um evento metafórico, nem o sujeito nem o objeto detêm os papéis argumentativos de agente e paciente prototípicos, porém, ainda assim, apresentam os traços [+ intenção] e [+ afetamento], respectivamente. O sujeito é intencional, pois as ações, apesar de metafóricas, só são realizadas a partir de sua vontade e iniciativa, e o objeto é afetado, pois o movimento, inerente ao verbo, do qual decorre a mudança de estado ou localização, é recuperável.

Assim, em (123), *fisgar o homem* é uma ação que depende da atitude do sujeito, que é, portanto, agente, e o objeto é afetado, uma vez que passa de um “lugar” a outro como resultado do movimento a favor do centro dêitico, próprio do verbo *fisgar*.

Via analogização, as propriedades formais da construção transitiva são mantidas nas microconstruções metafóricas. As mudanças são encontradas na contraparte funcional, pois a codificação de um evento causal metafórico implica numa mudança semântica na construção, conforme mostramos no quadro 12, abaixo.

Quadro 12 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente que realiza uma ação metafórica afetando um paciente, que muda de estado ou de localização.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

As propriedades pragmáticas das microconstruções metafóricas também correspondem à estrutura informacional de tópico e foco, que caracteriza a construção transitiva prototípica, visto que o evento causal é denotado a partir do ponto de vista de quem pratica a ação. Além disso, as propriedades discursivo-funcionais também são mantidas, tendo em vista que microconstruções como as ilustradas constituem tanto os textos de fala quanto de escrita.

Na microconstrução ilustrada em (124), da mesma forma que em (123), apesar de apresentar objeto [+ concreto], razão pela qual se espera a codificação de uma mudança física, concreta, real - nesse caso de estado - é codificada uma ação metafórica.

(124) Adolescente furta loja de tintas, mas é detido ao **afogar carro** na fuga. Rapaz de 17 anos dirigia veículo no cruzamento da Avenida Manoel Goulart com a Rua Siqueira Campos com os produtos avaliados em quase R\$ 1,5 mil (Corpus do Português: <http://jornalintegracaopv.blogspot.com/2013/09/adolescente-furta-loja-de-tintas-mas-e.html>)

Enquanto verbo lexical pleno, *afogar* denota o sentido de “fazer morrer debaixo de água”⁵⁵, assim, em casos prototípicos da construção transitiva, ele seleciona objetos [+animados]. Em (124), entretanto, ao recrutar objeto inanimado (*carro*), a construção denota um sentido metafórico (enguiçar o carro por excesso de gasolina), o que revela a metaforização do verbo, mas também da própria construção transitiva, que passa a abarcar sentidos mais abstratos.

Nesse caso, o sujeito não apresenta intencionalidade ao praticar a ação, já que causar um dano ao automóvel não é de seu interesse. Assim, o sujeito perde propriedades agentivas e assume as de causador, pois causa a mudança do objeto sem ter vontade, intenção ou iniciativa.

Esse dado mostra que o sujeito pode assumir um papel argumental diferente do de agente também nas microconstruções metafóricas. Aqui, por ser causador, há uma mudança semântica na construção. Trata-se, portanto, de um novo nó na rede, cujas propriedades são demonstradas no quadro abaixo.

Quadro 13 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito causador

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um causador que realiza uma ação metafórica, sem ter intenção sobre ela, afetando um paciente, que muda de estado ou de localização.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

⁵⁵ "afogar", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/chave> [consultado em 27-07-2019].

É interessante notar que, apesar de as mudanças de localização e de estado decorrentes das ações de *fisgar* e *afogar* serem metafóricas, uma mudança real acontece com o *homem*, que passa de solteiro a casado, e com o *carro*, que passa de um estado de funcionamento para outro em que deixa de funcionar.

Todavia, essa não é uma característica de todas as microconstruções metafóricas em que o objeto é concreto, pois, como se vê em (125), o objeto não sofre nenhuma mudança real a partir da ação de *esquentar*, ou seja, não há desdobramento de uma ação concreta que, de fato, o afete a partir da ação abstrata denotada na microconstrução.

(125) Cheguei a pensar que havia perdido tudo, o que dá um pouco de desânimo, mas não é meu primeiro idioma aprendido, já sei que assim que a gente **esquentamos os motores**, começa a vir de algum lugar escondido no cérebro e você fala. (Corpus do Português: <http://buracodafechadura.com/2010/09/17/aula-de-frances-em-madri/>)

Nas microconstruções metafóricas instanciadas por objetos abstratos ocorre o mesmo. Em casos como (126), o objeto não sofre uma mudança real como resultado da ação de *arrancar*, mas, em (127), sim, já que o *relacionamento*, apesar de ser abstrato, representa uma situação experienciada no mundo real, razão pela qual é possível que haja uma mudança perceptível.

(126) Estudantes de o PARFOR de vários municípios, que são professores da rede pública, são experimentados em greves por melhorias na educação, a exemplo dos professores de Alenquer, que **arrancaram importantes conquistas** em uma greve geral no ano de 2012. (CP: <http://www.jesocarneiro.com.br/oeste-do-para/modelo-de-eleicao-divide-a-ufopa.html>)

(127) Luana eu passei por esse mesmo problema com minha namorada sempre gostei muito de sexo mas a amava tanto que não havia espaço para o sexo e cheguei a brocha também mas conversamos e **esquentamos nosso relacionamento** (Corpus do Português: avidasecreta.com.br)

Em (126), *arrancar conquista* implica na mudança de localização do objeto pela ação de *arrancar*. Além da mudança metafórica do objeto, há, também, mudança no papel argumental do sujeito, já que *os professores* são beneficiários.

Em (127), por sua vez, denota-se a mudança de estado do objeto pela ação, também metafórica, de *esquentar*, da qual o sujeito se beneficia, já que é favorecido pela melhora do relacionamento.

Em razão de o sujeito apresentar propriedades de agente, por ter intenção e iniciativa, mas também de beneficiário, casos como (126) e (127) correspondem a um outro padrão microconstrucional, cujas propriedades são apresentadas no quadro 14, abaixo.

Quadro 14 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente-beneficiário

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente-beneficiário, que realiza uma ação metafórica, a partir da qual se beneficia e, também, afeta um paciente, que muda de estado ou de localização.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

O papel argumental de beneficiário, segundo Cançado (2000, p. 14), apresenta as seguintes propriedades: ser afetado pelo processo, ter interesse no processo, ser animado, ter controle do processo. Nas microconstruções (126) e (127), os sujeitos, *professores* e *nós* (zero) são animados, têm controle sobre as ações metafóricas de *arrancar* e *esquentar*, a partir das quais são favorecidos, e sobre as quais têm interesse, já que *arrancar conquistas* e *esquentar o relacionamento* denotam eventos positivos, mas não são afetados.

Não entendemos que o afetamento seja uma propriedade do sujeito beneficiário, já que há casos como (128) *A Maria recebeu o presente*, apresentado pela própria autora (CANÇADO, 2013, p. 115), em que o sujeito é favorecido pela ação verbal, mas não é afetado por ela, pois não sofre mudança de estado ou localização. Dessa forma, para nós,

o afetamento não está associado ao papel semântico de beneficiário, mas sim ao de paciente.

Há, ainda, microconstruções nas quais o sujeito também é paciente, contudo é afetado por uma ação que ele praticou de modo intencional e controlado, como em (129).

(129) O homem diante de determinada situação, procura justificar-se através de um raciocínio, um sofisma. Põe assim uma máscara e **abafa sua consciência**. Faz uma falcatrua religiosa. (Corpus do Português: <http://www.gaudiumpress.org/content/49717-A-logica-e-a-virtude--que-relacao-ha-entre-elas->)

Ao *abafar a consciência*, o objeto é metaforicamente afetado como consequência da ação verbal, por isso é paciente. Há, portanto, mudança de estado do objeto, a partir da qual o sujeito também é afetado, já que passa de um estado a outro.

Devido aos papéis argumentais do sujeito, trata-se de um outro padrão microconstrucional, que detém as propriedades formais e funcionais descritas abaixo.

Quadro 15 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente-paciente, que realiza uma ação metafórica intencionalmente, a partir da qual afeta um paciente e, também, a si próprio, de modo que ambos mudam de estado.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

A alteração do *status* do sujeito também ocorre em casos como (130), no qual, além de agente, o sujeito é beneficiário e, também, paciente, pois, como resultado da ação verbal, é, ao mesmo tempo, favorecido e afetado, já que muda de estado.

(130) Muitas pessoas retêm de forma egoísta os recursos de que dispõem e **acalmam a consciência** com a ideia de fazerem alguma coisa pela causa do Senhor depois de sua morte. Fazem testamento doando grande importância à igreja e aos vários ramos de atividade dela (Corpus do Português: <http://www.cpb.com.br/htdocs/periodicos/medmat/2013/md32013.html>)

O contexto que favorece a mudança de estado do sujeito é aquele em que ele e o objeto têm uma relação parte-todo. Em (130), por exemplo, o afetamento do objeto implica, necessariamente, no do sujeito (muitas pessoas). Portanto, apenas verbos que possibilitam esse contexto aparecem nas microconstruções cujo sujeito é paciente (microconstruções 128, 129 e 130).

Quadro 16 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com sujeito agente-beneficiário-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente-beneficiário-paciente, que realiza uma ação metafórica da qual se beneficia e é afetado, mas que também afeta um paciente, que muda de estado.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. Desse modo, o sujeito tende a ser o tópico e o objeto, o foco.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs e sites</i> .

Fonte: própria.

Por fim, há, também, microconstruções metafóricas nas quais o objeto é anafórico, como se vê em (131). Dessa forma, o objeto deixa de ser foco, já que é informação dada,

passando a ser tópico secundário, em uma mudança pragmática, conforme mostramos no quadro 17.

(131) Nota estranha, que finge explicar tudo mas não explica o principal: por que o MPF fez toda a investigação sobre o sumiço do processo da Globo em "« **sigilo** "»? Ninguém está pedindo que o MPF **quebre o sigilo fiscal** da Globo, mas trata-se de uma instituição que deve primar pela transparência, não pode agir no subterrâneo! (Corpus do Português: contextolivre.blogspot.com)

Quadro 17 - Propriedades formais e funcionais da construção transitiva metafórica com objeto paciente anafórico

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito, verbo e objeto direto [S V O _{anafórico}].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N _{anafórico}].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente que realiza uma ação que afeta um paciente, causando sua mudança física de estado ou de localização.
Propriedades pragmáticas	Denota-se a perspectiva do evento a partir do ponto de vista de quem o pratica. O sujeito é o tópico e o objeto, tópico secundário por não constituir informação nova.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Nesse caso, o sujeito (MPF) pode assumir propriedades agentivas porque ele é interpretado metonimicamente como as pessoas que trabalham no Ministério Público Federal, que, ao quebrarem o sigilo, são [+agentes].

Apesar das especificidades semânticas, principalmente no que se refere aos papéis argumentais do sujeito, observa-se que, nas instanciações metafóricas, a ação é sempre abstrata, não real. Essa propriedade impede que o objeto seja afetado fisicamente e que o sujeito concretize, de fato, uma ação. Assim, a natureza da ação verbal interfere nas propriedades *afetamento* e *agentividade*, de Hopper e Thompson (1980). Entretanto, em

alguns casos, uma segunda ação pode se realizar de modo concreto a partir da metafórica, conforme mostramos.

Apesar da metaforização da construção, ainda assim é possível recuperar o movimento denotado pelos verbos. O movimento de *fazer morrer embaixo d'água*, inerente ao verbo *afogar* na construção transitiva prototípica, por exemplo, é recuperável em (124), já que *afogar o carro* corresponde fazer o carro “morrer” (enguiçar) por excesso de líquido (combustível nesse caso). Em *afogar as mágoas*, abaixo, também é mantido o sentido de *fazer morrer, dar fim*.

(132) Quando eu fico irritada, é batata! **Afogo as mágoas** na comida. Mandei fazer umas calças novas com um tecido misto de lycra e algodão. Assim dá aquela ligeira esticada quando passo um pouquinho do ponto. (Corpus do Português: <http://beneviani.blogspot.com/2013/06/diario-da-dilma-em-lagoa-que-tem.html>)

Nesse caso, porém, a ação decorre não do excesso de água ou líquido, mas sim de comida. O que se percebe, portanto, é um novo contexto de uso para as microconstruções com o verbo *afogar*, no qual o sentido de *fazer morrer* é ampliado e ocorre por outras razões que não o excesso de água.

Devido à abstratização do evento causal, as microconstruções metafóricas são membros menos prototípicos da construção transitiva, às quais se ligam por meio do elo de polissemia e extensão metafórica⁵⁶, já que o afetamento metafórico é uma extensão do evento causal.

Lakoff (1987) afirma que as categorias são radiais, ou seja, podem ter membros centrais e periféricos, embora todos se liguem ao exemplar prototípico. Essa concepção explica a razão pela qual consideramos que, apesar de apresentarem especificidades funcionais, os dados analisados nesta subseção são instâncias da construção transitiva, haja vista que a forma, no que se refere às propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, é preservada. Trata-se, portanto, de microconstruções que resultaram de mudanças construcionais, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

A partir da concepção de Croft (2001, p. 25, tradução nossa) de que “qualquer particularidade de uma construção é suficiente para representar essa construção como um nó independente”, entendemos que as instanciações metafóricas devem ser analisadas como um nó do esquema transitivo.

⁵⁶ Explicamos melhor os *links* entre as construções na subseção 5.2.

As instanciações metafóricas da construção transitiva podem apresentar sujeitos animados (ilustrados até então) e inanimados, como mostrado em (133). *Oração* é sujeito das ações de *aquecer* e *esquentar*, contudo, aqui, analisamos apenas a construção *a oração esquentando o coração*, visto que o verbo *aquecer* não instancia a construção idiomática de base transitiva, razão pela qual, apesar de codificar ação-processo, não é analisado aqui⁵⁷.

(133) Só que muitas vezes nos esquecemos de algo que usamos vez ou outra, algo que frequentemente fica esquecido e guardado em um canto mofado de nossa espiritualidade. Algo que aquece a alma e **esquentando o coração**. Que, assim como as ceroulas que usamos tão pouco mas são a salvação no momento de tribulação, cai às vezes no ostracismo até que nos lembremos de que temos esse recurso sempre à disposição: **oração**. (Corpus do Português: <http://geracaocrista.com/o-que-aprendi-sobre-oracao-com-as-minhas-ceroulas/>)

A análise das microconstruções apresentadas aqui indica que a metaforização do evento causal decorre da coocorrência do objeto com um verbo que não o selecionaria prototipicamente, ou seja, com o qual não estabeleceria uma relação argumental. O verbo *fisgar*, por exemplo, seleciona, em casos prototípicos, objetos concretos, não humanos e animados, porém, nas microconstruções metafóricas, passa a coocorrer com objetos humanos, como em (123) *fisgou o homem*, e abstratos, como em (134) abaixo.

(134) Nonie **fisgou a atenção** de um garoto maravilhoso. Jenny ensaia agora sua nova peça. Edie, porém, está com problemas...(Corpus do Português: http://www.garotaselivros.com/2011_08_01_archive.html)

O verbo *afogar*, por sua vez, seleciona, na construção transitiva prototípica, objetos concretos e animados, sejam eles humanos ou não. Já nas microconstruções metafóricas, passa a subcategorizar objetos inanimados, como em (124) *afogar o carro*, e abstratos, como em (132), *afogo as mágoas*.

Nas microconstruções com objetos [+ abstratos], a metaforização advém também do sentido abstrato dos referentes do objeto, que, por não serem reais e palpáveis, só podem mudar de localização ou de estado se transferirmos o evento causal a um plano conceptual.

⁵⁷ Conforme explicado anteriormente, na introdução da tese, analisamos construções que compõem a rede transitiva em que os mesmos verbos são recorrentes. No caso de *aquecer*, não foram encontradas ocorrências com ele na construção idiomática, apenas na transitiva. Portanto, não o analisamos.

As microconstruções metafóricas da construção transitiva coletadas dos *corpora* e apresentadas ao longo desta subseção evidenciam o caráter esquemático da construção, pois seus *slots* – N1 e N2 - são preenchidos por diferentes sintagmas nominais, com diferentes propriedades [+/- agente, +/- animado, +/- humano, +/- concreto].

5.1.2 Instanciações da construção idiomática de estrutura transitiva

As instanciações da construção idiomática que investigamos correspondem a casos como *pegar sol* e *fazer merda*, ilustrados abaixo, que constituem, em razão de suas suas propriedades formais e funcionais, uma nova construção, ou seja, um novo pareamento, um novo nó portanto, da rede construcional transitiva.

(135) Peguei sarna de um cão uma vez, tratei só que de tempos em tempos, principalmente quando **pego sol** forte ela reaparece do nada, ja pariquei varias locões, sabonetes e até ja tomei uns comprimidos mas sempre é assim ela vai embora depois de muito esforço, mas depois volta, por favor se puder me orientar como faço para acabar de vez com essa praga!!! (Corpus do Português: <http://veja.abril.com.br/blog/estetica-saude/arquivo/sarna-chega-de-se-cocar/>)

(136) Já não fico 24 horas de bode porque **fiz merda** no trabalho. Eu anoto pra nunca mais fazer o mesmo (Corpus do Português: trendytwins.com.br)

Sua emergência decorre de mudanças formais e funcionais na construção transitiva, com a qual estabelece uma relação de herança, por herdar parte de suas propriedades.

Na construção idiomática, as propriedades morfológicas e fonológicas da construção transitiva, que correspondem à sequência [N V N] e à sequência de vocábulos individualmente acentuados, respectivamente, são mantidas, como se vê em (135) e (136). A diferença formal entre elas é encontrada no âmbito da sintaxe, pois a sequência verbo-nome que, em instanciações da construção transitiva prototípica, corresponde ao verbo lexical pleno e ao objeto direto, passa a ser acessada como uma unidade, já que o sintagma nominal pós-verbal não assume o papel sintático de objeto.

Na contraparte funcional, por sua vez, as propriedades pragmáticas e discursivo-funcionais da construção transitiva são mantidas, já que, na construção idiomática, denota-se o evento a partir da perspectiva de quem pratica a ação, e as instanciações podem ocorrer tanto em textos orais quanto escritos. As propriedades semânticas, no

entanto, passam por mudança, uma vez que o sentido idiomático não corresponde à soma dos sentidos dos itens que instanciam a construção, como em (135), em que *pegar sol* corresponde a *bronzear*, e em (136), em que *fazer merda* corresponde *errar*.

Considerando a classificação de Nunberg, Sag e Wason (1994), as microconstruções em (135) e (136) correspondem às frases idiomáticas, uma vez que os sentidos não se distribuem pelas partes da construção. Por essa razão, concordamos que a convencionalidade (cf. NUNBERG; SAG; WASON, 1994) é uma propriedade da construção idiomática, tal como afirmam os autores.

Além dos dados acima, semanticamente idiossincráticos, há, também, casos em que o sentido da microconstrução relaciona-se com o sentido lexical do nome pós-verbal, como em (137), em que *levar susto* corresponde a *assustar*.

(137) e na Rússia os estrangeiros **levaram susto** ao verem árvores rebentando por causa do frio. (Corpus do Português: 21dezembro2012.blogspot.com)

A classificação de Nunberg, Sag e Wason (1994) parece não dar conta de casos como esse, uma vez que ele não se encaixa na definição de combinações idiomáticas, pois não há correspondência de *levar* com o sentido idiomático de *assustar*, nem de frases idiomáticas, pois, apesar de o seu sentido não se distribuir pelas partes da construção, ele não é totalmente idiossincrático, pois recupera o sentido do sintagma nominal em posição pós-verbal, condição não prevista na definição dos linguistas.

Considerando a classificação de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), as microconstruções idiomáticas que analisamos, tanto do tipo *fazer merda* (*errar*), em que o sentido idiomático não se distribui pelas partes, quanto *levar susto* (*assustar*), em que o sentido idiomático recupera o sentido lexical do N2, correspondem às construções idiomáticas que apresentam *palavras familiares arranjadas de modo familiar, mas que são semanticamente irregulares*. Em outras palavras, as microconstruções idiomáticas que constituem nosso *corpus* são lexical e sintaticamente regulares, mas apresentam sentidos que não resultam da soma dos sentidos das partes, ou seja, do verbo mais do sintagma pós-verbal.

A irregularidade semântica, da qual Fillmore, Kay e O'Connor (1988) falam, deve ser, porém, relativizada, uma vez que casos como (137) *levaram susto* são parcialmente composicionais.

A emergência da construção idiomática parece resultar de dois mecanismos de mudança: a neoanálise e a analogização. Apesar de não realizarmos uma investigação diacrônica, os dados nos possibilitam partir da hipótese de que a sequência verbo-nome, que, na construção transitiva, codifica o evento causal, foi neoanalisada, permitindo assim uma nova interpretação, antes não licenciada.

A partir de contextos ambíguos, como (138), tanto uma interpretação literal, que corresponde à ação física e concreta de *apontar*, *direcionar o dedo a alguém*, própria da construção transitiva, quanto uma interpretação não composicional, que denota um evento de *juízo*, são possíveis.

(138) Esse é um problema muito complexo, e com muitas causas. A culpa está em toda parte. Todos **apontam o dedo** para alguém, como sendo o responsável pelo problema. (Corpus do Português: golfinho.com.br)

A neoanálise, da qual esse novo sentido - idiomático - emerge, leva a uma divergência (*mismatch* conforme Traugott e Trousdale, 2013) entre função e forma, que é resolvida quando são alteradas as propriedades sintáticas da construção. A estrutura [S V O] é modificada de modo que o nome pós-verbal deixa o papel sintático de objeto e passa a constituir, com o verbo, um bloco sintático [S [V N]], uma unidade. Assim, a única leitura possível passa a ser a idiomática, como se percebe em (139).

(139) Então, em tudo vêm machismo. Só que não percebem que quando **apontam o dedo** isso tem um significado psicológico de se isentar e se diferenciar do acusado. (Corpus do Português: <http://papodehomem.com.br/mulher-e-gente/>)

Após a mudança sintática, forma e função passam a convergir, e, assim, a nova construção, com propriedades sintáticas e semânticas próprias, passa a constituir um novo nó na rede, que apresenta as seguintes propriedades:

Quadro 18 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito agente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito e núcleo verbal [S [V N]].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente que realiza uma ação, cujo sentido é idiomático.
Propriedades pragmáticas	Denota-se o evento, de modo mais expressivo, a partir do ponto de vista de quem o pratica.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Desse novo nó, que pertence, inicialmente, ao nível microconstrucional, forma-se um esquema, a partir do qual novas microconstruções são continuamente criadas via analogia. Assim, ele se expande à medida que passa a ter mais membros. Quanto maior é a extensibilidade do esquema em razão da quantidade de microconstruções que dele emergem, maior é a sua produtividade.

A emergência contínua de microconstruções a partir do esquema idiomático não se dá por meio de um sentido, do qual outros são sancionados. O que ocorre é que, a partir da estrutura morfológica [N [V N]_v] da contraparte formal do pareamento, várias microconstruções, com essa mesma estrutura - mas com sentidos diferentes -, são licenciadas.

Com a construcionalização lexical, além do aumento da esquematicidade e da produtividade, há redução da composicionalidade, já que o sentido do todo não corresponde ao sentido da soma das partes.

A manutenção das propriedades morfológicas e fonológicas, na contraparte formal do pareamento, e das propriedades pragmáticas e discursivo-funcionais, na contraparte funcional, evidencia o papel da analogização no processo de construcionalização e, também, o elo de herança que liga a construção idiomática à transitiva. Esse elo é reforçado quando observamos que os mesmos verbos podem instanciar as microconstruções idiomáticas e as transitivas, sejam elas prototípicas ou metafóricas.

Taylor (2003) afirma que os verbos nas instanciações da construção idiomática, chamadas por ele de idiomas, são semanticamente vazios. De fato, nas microconstruções idiomáticas, diferentemente das transitivas prototípicas e das metafóricas, não é possível

recuperar o movimento denotado pelo verbo. Não é possível, por exemplo, identificar, em (140), qualquer traço semântico do verbo *engrossar*, que, enquanto verbo lexical pleno, denota o movimento de *espessar, encorpar*⁵⁸. Em (140), *engrossar o caldo* significa, idiomáticamente, *perder a compostura*.

(140) O neurocientista Sam Harris vai mais longe e decreta que sua área de estudo sepultou o livre-arbítrio, e os psicólogos John Greene e Jonathan Cohen **engrossam o caldo**: o livre-arbítrio, eles dizem, não passa de "« uma ilusão gerada por nossa estrutura cognitiva "», ou seja, o delírio com um parafuso que nenhum de nós tem. (Corpus do Português: blogdodoutorgeovani.blogspot.com)

Isso não quer dizer, porém, que qualquer verbo pode instanciar a construção, mas sim que aqueles que são licenciados perdem traços semânticos. Conforme apontam Traugott e Trousdale (2013), a perda da especificidade lexical resulta da expansão de sentido, assim, enquanto o esquema transitivo se expande devido ao ganho semântico que advém do novo pareamento que passa a constituir a rede, há perda da especificidade lexical, pois o sentido, na construção idiomática, não corresponde à soma dos significados dos itens que a constituem.

Acompanhando a perda semântica, tanto o verbo quanto o nome pós-verbal deixam de assumir as funções de verbo pleno e de objeto direto, respectivamente. Os verbos, em casos como esses, são, conforme aponta Castilho (2010, p. 410), verbos suporte, e são definidos como verbos que “apresentam uma forte solidariedade sintática com o substantivo que se segue, ao qual não atribuem caso.” Por não apresentar caso, o nome pós-verbal não assume, portanto, função sintática de objeto direto, ou seja, não é um argumento interno do verbo. Nas microconstruções idiomáticas há, então, mudança categorial tanto do verbo quanto do nome que o segue.

A perda de traços semânticos e a mudança categorial são os processos iniciais da gramaticalização, no entanto, aqui, ao invés de emergir uma construção gramatical, surge uma construção lexical, a idiomática. Tendo em vista que a construcionalização envolve tanto gramaticalização quanto lexicalização, é possível constatar que a emergência da construção idiomática decorre de ambas.

A partir de uma construção complexa, a transitiva, emerge outra, que, ao contrário do que postulam os estudos tradicionais em lexicalização, é esquemática e produtiva.

⁵⁸ Segundo dicionário virtual Michaelis: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/engrossar/>

Algumas microconstruções idiomáticas, inclusive, são mais produtivas – em termos de produtividade *token* – do que microconstruções transitivas prototípicas. É o caso da microconstrução idiomática em (141), na qual *apostar as fichas* significa *acreditar*, que é mais frequente (152 ocorrências) do que os casos prototípicos (99 ocorrências) e os metafóricos (30 ocorrências) da construção transitiva com o verbo *apostar* mais o objeto *fichas*.

(141) "« Milhares de pessoas acreditaram em mim nas três vezes que me candidatei aqui. Acreditaram nas minhas propostas e **apostaram suas fichas** em mim. Deixar essas famílias abandonadas seria uma covardia de minha parte "», disse Zé da Luz. (Corpus do Português: <http://robertoalmeidasc.blogspot.com/2013/06/za-da-luz-diz-que-esta-mais-vivo-do-que.html>)

Isso refuta a assertiva de Brinton e Traugott (2005, p. 97, tradução nossa), de que a “lexicalização envolve diminuição no padrão de produtividade e pode envolver diminuição na produtividade *token*”⁵⁹.

Ao contrário disso, a emergência da construção idiomática leva à formação de uma família de construções no esquema construcional transitivo, já que os usuários passam a produzir novos *tokens*, similares uns aos outros, via analogização. É nesse sentido que uma inovação no nível microconstrucional se transforma em um exemplar, ou seja, em um esquema, a partir do qual outras microconstruções emergem.

Por ter *slots* abertos a serem preenchidos [S [V N]_v], a construção idiomática, enquanto macroconstrução, é esquemática. Quanto ao tamanho, é uma construção complexa, haja vista que é uma unidade composta por verbo-nome. No que se refere ao conceito, é uma construção de conteúdo, que se origina da construcionalização lexical.

A lexicalização de casos como os que analisamos como construção idiomática é lembrada por Thompson e Hopper (2001), pois, para eles, trata-se de combinações lexicalizadas, em que o objeto é não referencial e o verbo é de baixo conteúdo.

Para Brinton e Traugott (2005), a lexicalização é vista como fusão, porém, a fusão, nas microconstruções idiomáticas que investigamos, só ocorre se considerarmos a eliminação de fronteiras entre o verbo e o nome pós-verbal, em razão de não haver redução morfossintática.

⁵⁹ Lexicalization typically involves decrease in pattern productivity and may involve decrease in token productivity

Nossos dados evidenciam, ainda, que a lexicalização pode dar origem a uma construção complexa e que ela envolve idiomatização semântica, posto que os componentes semânticos perdem sua composicionalidade, e que os novos sentidos são altamente idiossincráticos, concepções assumidas por Brinton e Traugott (2005).

Segundo Castilho (2010), o substantivo que acompanha o verbo suporte tem baixa referencialidade e não é antecedido por especificadores. Contudo, a presença de especificadores antepostos ao nome pós-verbal é comum nas microconstruções idiomáticas que investigamos, como se vê em (140) *engrossar o caldo* e (142) *rodar a baiana*.

Em (142), o substantivo *baiana* é introduzido pelo artigo definido *a*, que, normalmente, especificaria, numa instanciação prototípica da construção transitiva, a baiana sobre a qual se está falando. Na microconstrução idiomática, ainda que antecedido pelo artigo, percebe-se que, de fato, o nome pós-verbal não é referencial.

(142) Me lembrei de protestos em a Europa em que as pessoas tiravam a roupa. Vamos ficar pelados "», disse, para o espanto dos garotos. "« Eu fico! " O carro de som virou camarim. Em cinco minutos, estava pintada de guache. Quando saiu, surpresa! Cadê os peladões? "« **Rodei a baiana**. Agora que estou aqui, vou até o final "», disse. (Corpus do Português: <http://beneviani.blogspot.com/2013/06/bunda-pintada-que-ficou-nua-contrafhc.html>)

Além de artigos definidos, artigos indefinidos e pronomes, conforme apresentado em (143) e (144) abaixo, podem intermediar o verbo e o substantivo que o acompanha.

(143) Depois que a moça **aprontou um barraco** na portaria do prédio, finalmente Eurico desceu para se desculpar trazendo uma toalha, um roupão, e oferecendo sua secadora de roupa. (Corpus do Português: <http://xoogle.wordpress.com/2009/09/26/rosa-choc/>)

(144) Após ter esperado a entrega, ontem mesmo, entrei em contato através de email e estou no aguardo de resposta. Não vou mais **esquentar minha cabeça**, está nas mãos da Tricae. (Corpus do Português: <http://www.reclameaqui.com.br/4367183/tricae/descaso-com-o-consumidor-no-que-diz-respeito-a-entrega/>)

Segundo Neves (2000, p.55), os casos mais prototípicos da construção idiomática são aqueles em que os verbos-suporte “têm como complemento um sintagma nominal não referencial”, ou seja, “um substantivo sem determinante”. Casos com especificadores são, portanto, menos prototípicos, membros periféricos da construção idiomática.

Castilho (2010, p. 410) afirma que, em casos como os que tratamos, “verbos e substantivos operam integradamente como o núcleo do sintagma verbal”, inexistindo fronteira sintática entre eles (CASTILHO, 2010: 410). Por essa razão, a sequência verbo-nominal assemelha-se a verbos intransitivos, já que instanciam uma estrutura monoargumental.

Como esquema, a sequência [S [V N]v] é uma abstração, um padrão geral possível de ser identificado a partir das propriedades de construções mais específicas, as microconstruções.

Os dados de microconstruções idiomáticas mostram que o papel semântico do sujeito pode variar. Em (135), por exemplo, se interpretarmos que a ação de *pegar sol* foi intencional, o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente, haja vista que ele é volitivo, mas também é afetado pela ação verbal, entretanto, se o sujeito *pegou sol* sem querer, exerce função de paciente apenas, assim como em (137) *levaram susto*, em que o sujeito é [- agente], uma vez que se assustar não é uma ação que decorre de sua intenção ou controle. Nesse caso, portanto, o sujeito é paciente da ação verbal, já que é afetado por ela, mudando de estado.

Dessa forma, há, aqui, dois padrões microconstrucionais, representados nos quadros abaixo.

Quadro 19 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito agente-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito e núcleo verbal [S [V N]].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um agente que realiza uma ação, da qual é paciente.
Propriedades pragmáticas	Denota-se o evento, de modo mais expressivo, a partir do ponto de vista de quem o realiza.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Quadro 20 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito e núcleo verbal [S [V N]].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um sujeito paciente, que é afetado pela ação verbal.
Propriedades pragmáticas	Denota-se o evento, de modo mais expressivo, a partir do ponto de vista de quem o realiza.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Em (145) **pegar jeito**, cujo sentido idiomático é *aprender/entender*, o sujeito detém propriedades de beneficiário, por ser favorecido pela ação verbal.

(145) Outra dica, da minha amiga Alice, é tomar uma cachacinha local... diz a Alice que ajuda no andar, e eu confirmo a tese! o pequeno viajante logo **pegou jeito**! A segunda coisa a dizer é que a estadia mínima em Paraty deveria ser de 3 dias (Corpus do Português: <http://felipeopequenoviajante.blogspot.com/2013/08/paraty-e-trindade-com-criancas-passeios.html>)

Quadro 21 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito beneficiário

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito e núcleo verbal [S [V N]].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um sujeito beneficiário, que é beneficiado pela ação verbal.
Propriedades pragmáticas	Denota-se o evento, de modo mais expressivo, a partir do ponto de vista de quem o realiza.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Também há microconstruções em que, ao invés de agente, o sujeito é causador, haja vista que realiza uma ação sem ter intenção. É o que ocorre em (146), no qual o

sujeito, por ser inanimado, não pode ter intenção ou controle sobre a ação de *quebrar o galho* (*ajudar*).

(146) Para quem está começando, ok, caldo em cubinho **quebra um galho**. Use apenas meio cubo para 4 porções de risotto. Um cubo inteiro pode deixar seu risotto com gosto de sopa Maggi, sem contar a quantidade imensa e desnecessária de sal que eles carregam. (Corpus do Português: <http://www.lacucinetta.com.br/2008/07/risotto-101-quem-faz-um-risotto-faz.html>)

Quadro 22 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito causador

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito e núcleo verbal [S [V N]].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um sujeito causador, que pratica uma ação sem intenção ou controle.
Propriedades pragmáticas	Denota-se o evento, de modo mais expressivo, a partir do ponto de vista de quem o realiza.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Em (147) **quebrei a cara** (que corresponde a *se dar mal*), por fim, o sujeito assume o papel de causador, já que dele decorre uma ação da qual não tem intenção ou controle, e também de paciente, pois muda de estado em decorrência da ação codificada na microconstrução.

(147) Eu fiz coisas muito diferentes, me meti em frias, **quebrei a cara**, viajei, mudei de ideia, tive uma adolescência intensa, uma infância cheia de lirismo e a vida adulta, até agora, vai bem "« adulta "» mesmo... (deu pra entender?). (Corpus do Português: <http://365ideiasparavivermelhor.blogspot.com/2012/09/67-escrever-um-resumo-da-minha-historia.html>)

Quadro 23 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito causador-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito e núcleo verbal [S [V N]].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um sujeito causador-paciente, que realiza a ação, a partir da qual é afetado, sem ter intenção ou controle sobre ela.
Propriedades pragmáticas	Denota-se o evento, de modo mais expressivo, a partir do ponto de vista de quem o realiza.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Fonte: própria.

Há, por fim, casos em que o sujeito, além de realizar a ação de modo intencional, sendo, portanto, agente, assume também as propriedades de beneficiário, por ser favorecido, e de paciente, por ser afetado pela ação. É o caso de (148), abaixo, em que *esfriar a cabeça* significa *se acalmar*. A agentividade é, para nós, preservada, pois o traço [+ intenção], que caracteriza o papel de agente, se mantém no sujeito.

(148) e vou dormir mais tranquila. Nada que o dia seguinte não possa esperar... **Esfrio a cabeça** e resolvo a situação num melhor momento. (Corpus do Português: papodehomem.com.br)

Quadro 24 - Propriedades formais e funcionais da construção idiomática com sujeito agente-beneficiário-paciente

Propriedades sintáticas	Sequência de sujeito e núcleo verbal [S [V N]].
Propriedades morfológicas	Sequência de nome, verbo e nome [N V N].
Propriedades fonológicas	Sequência de vocábulos, cada qual com seu acento tônico.
Propriedades semânticas	Presença de um sujeito agente-beneficiário-paciente, que realiza a ação, a partir da qual se beneficia e é afetado, mudando de estado.
Propriedades pragmáticas	Denota-se o evento, de modo mais expressivo, a partir do ponto de vista de quem o realiza.
Propriedades discursivo-funcionais	Ocorrência em textos de fala - entrevista sociolinguística - e de escrita - <i>blogs</i> e <i>sites</i> .

Nas instanciações da construção idiomática, o verbo sempre é seguido pelo nome, assim, não se encontram, nessa construção, casos de anáfora ou de objeto zero⁶⁰, que são possíveis na construção transitiva, tanto na prototípica quanto na metafórica. Essa característica da construção idiomática ressalta ainda mais a assunção de que não há fronteira sintática entre o verbo e o nome pós-verbal, eles formam, conforme defendemos, uma unidade sintático-semântica.

A microconstrução em (149) nos permite retomar a noção de inflexibilidade semântica que Nunberg, Sag e Wason (1994) estabelecem para as construções idiomáticas. Segundo os linguistas, nem mesmo palavras sinônimas podem substituir os elementos que as compõem, porém, além de casos como *apertar o passo*, há, também, (150) *acelerar o passo*, no qual a mudança do verbo não compromete o sentido de *acelerar o ritmo*, *apressar*.

(149) Quando escrevi a matéria sobre Inferno, disse que fui obrigada por um professor de teoria a ler A Divina Comédia, mas foi uma ótima experiência. Sintam -- se quase obrigados a conferir também! Depois de 2 semanas andando de bus ele tá ótimo, vai! hahaha A história realmente **aperta o passo** no capítulo 75. Mesmo que antes tenham rolado uns negócios muito estranhos e você esteja achando que chegar a Veneza vai ser tudo de bom, segura o tchan. A partir desse capítulo vai ficando frenético e ao menos eu senti que foi subindo em uma espiral, naqueles momentos do livro que você sabe que está chegando e para. (Corpus do Português: <http://www.alquimiadosromances.com.br/2013/06/resenha-inferno-dan-brown.html>)

(150) Enquanto isso não ocorre, o principal adversário, Amaro Melo (PTB), **acelera o passo** e procura obter novos apoios. Para fechar a campanha eleitoral, a coligação "« Batalha Para Todos "» realiza último comício hoje (03) na Praça da Matriz. (Corpus do Português: <http://jornalesp.com/doc/59437>)

O mesmo pode ocorrer em microconstruções como (151) e (152), nas quais, apesar da mudança do nome pós-verbal, o sentido idiomático é o mesmo: *resolver um problema*.

(151) Concordo em processar pra não vira uma zona, ai essa molecada toma juízo ou então os pais **descasca esse abacaxi**. Mas tem uma coisa ai que me fez lembrar seu bispo. (Corpus do Português: noticias.gospelmais.com.br)

⁶⁰ Acreditamos que apenas em contextos de respostas a perguntas o nome pós-verbal pode ser omitido, como em: Você **levou susto?** **Levei**.

(152) tendo que **descascar alguns pepinos**, me solidarizo com você que também está enfrentando alguma situação caótica em a sua vida. (Corpus do Português: constelacaosistemica.wordpress.com)

Dessa forma, ao contrário do que Nunberg, Sag e Wason (1994) afirmam, não há total inflexibilidade semântica na construção idiomática. Embora discordemos acerca desse ponto, concordamos com todos os outros: figuração, proverbialidade, informalidade, afeto e, principalmente, com a convencionalidade, pois, conforme mostramos, os sentidos das microconstruções idiomáticas não podem ser totalmente previstos “na base do conhecimento de convenções independentes que determinam o uso de seus constituintes quando eles aparecem isolados uns dos outros⁶¹” (NUNBERG; SAG; WASON, 1994, p. 492, tradução nossa).

Além desses casos, há microconstruções idiomáticas que apresentam diferentes sentidos, como (153) e (154), em que, a depender do contexto, o sentido pode ser *aceitar* ou *desistir*.

(153) as pessoas podem até não acreditar, mas o Brasil tá vendo que quem se permite manipular e **abaixa a cabeça** pra tudo não vai a lugar nenhum. (Corpus do Português: afazenda.r7.com)

(154) me inspiro no seu exemplo de caráter e determinação, nunca **abaixe a cabeça** ou desanime, também creio Deus esta guiando seus passos e pode ter certeza que ele combate ao seu lado (Corpus do Português: blogdoprotogenes.com.br)

5.1.3 A noção de valência e a abordagem construcional

Nos estudos que lançam mão da gramática de valências, investiga-se a ocorrência de um mesmo verbo em diferentes construções – ou diáteses - observando a quantidade de complementos que o verbo seleciona e que tipos de papéis temáticos apresentam os argumentos.

Nas microconstruções transitivas, sejam elas prototípicas ou metafóricas, os verbos apresentam dois argumentos, o sujeito e o objeto, são, portanto, sintaticamente idênticas. Em alguns casos, os sujeitos apresentam os mesmos papéis temáticos, que também são compartilhados pelos sujeitos das microconstruções idiomáticas, conforme mostramos no quadro abaixo.

⁶¹ [...] on the basis of a knowledge of the independent conventions that determine the use of their constituents when they appear in isolation from one another.

Quadro 25 - Diátesses compartilhadas entre as construções transitiva prototípica, transitiva metafórica e idiomática

Construções transitiva prototípica, transitiva metafórica e idiomática	[N V N]	Sujeito agente
	[N V N]	Sujeito agente-paciente
	[N V N]	Sujeito causador

Além das diátesses que compartilham com as microconstruções metafóricas e com as idiomáticas, as transitivas prototípicas apresentam, exclusivamente, as seguintes:

Quadro 26 - Diátesses exclusivas da construção transitiva prototípica

Construção transitiva prototípica	[N V N]	Sujeito agente indireto-beneficiário
	[N V N]	Sujeito agente indireto-beneficiário-paciente

A diferença entre a diátese *sujeito agente indireto-beneficiário-paciente* da construção transitiva prototípica (quadro 26) e a diátese compartilhada entre a construção transitiva metafórica e a idiomática (quadro 27) se dá porque, na primeira, o sujeito é um agente indireto, já que as ações das quais se beneficia e é afetado são realizadas por outro ser, que não ele mesmo, em casos como (110) *lavo o carro* e (112) *cortei o cabelo*.

Quadro 27 - Diátese compartilhada entre a construção transitiva metafórica e a idiomática

Construções transitiva metafórica e idiomática	[N V N]	Sujeito agente-beneficiário-paciente
--	---------	--------------------------------------

Tanto na construção transitiva prototípica quanto na metafórica, há microconstruções com objeto anafórico. Essa é, portanto, uma diátese comum entre as duas construções, já que nas idiomáticas não houve casos nos quais o nome pós-verbal estivesse deslocado na construção.

Quadro 28 - Diátese compartilhada entre a construção transitiva prototípica e a metafórica

Construção transitiva prototípica e metafórica	[N V N]	Objeto paciente anafórico
--	---------	---------------------------

Por fim, há, ainda, diáteses exclusivas da construção idiomática, nas quais o sujeito assume propriedades de paciente, pois, ao invés de realizar uma ação, é apenas afetado por ela, e de beneficiário, conforme mostramos abaixo.

Quadro 29 - Diátese exclusiva da construção idiomática

Construção idiomática	[N V N]	Sujeito paciente
		Sujeito beneficiário

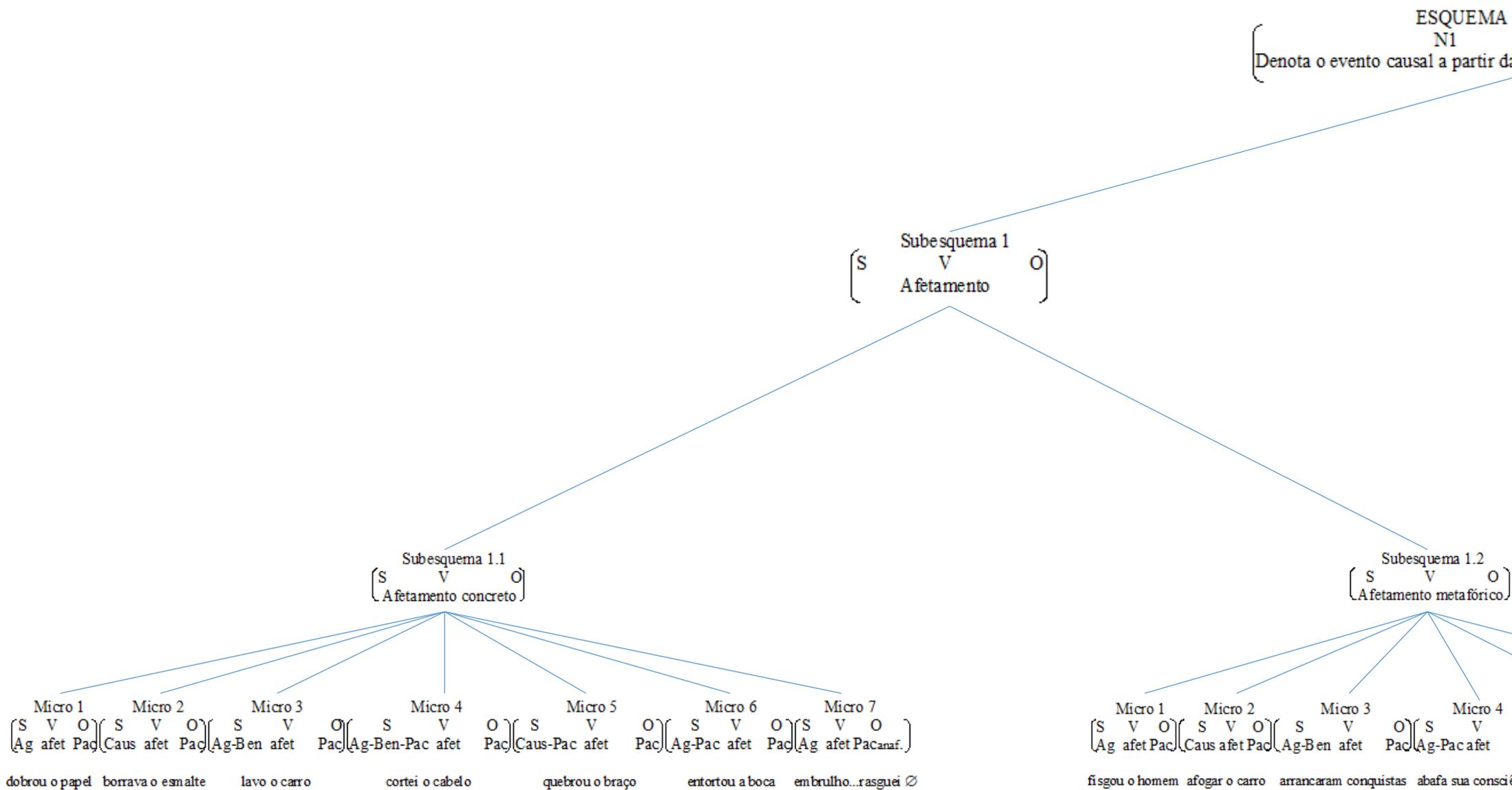
Nos quadros de 25 a 29, listamos, de um modo geral, as diáteses que identificamos a partir dos dados coletados. Os estudos em gramática de valência, porém, buscam identificar as diáteses de cada verbo individualmente, por isso se fala em valência verbal, que é o conjunto das diáteses de cada verbo. Essa perspectiva, portanto, parte do item lexical, diferentemente da abordagem construcional, que entende que os argumentos não são selecionados pelos verbos apenas, mas preenchem também *slots* das construções nas quais ocorrem, obedecendo aos princípios da correspondência e da não sinonímia, de Goldberg (1995).

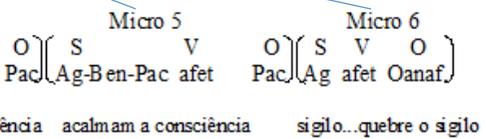
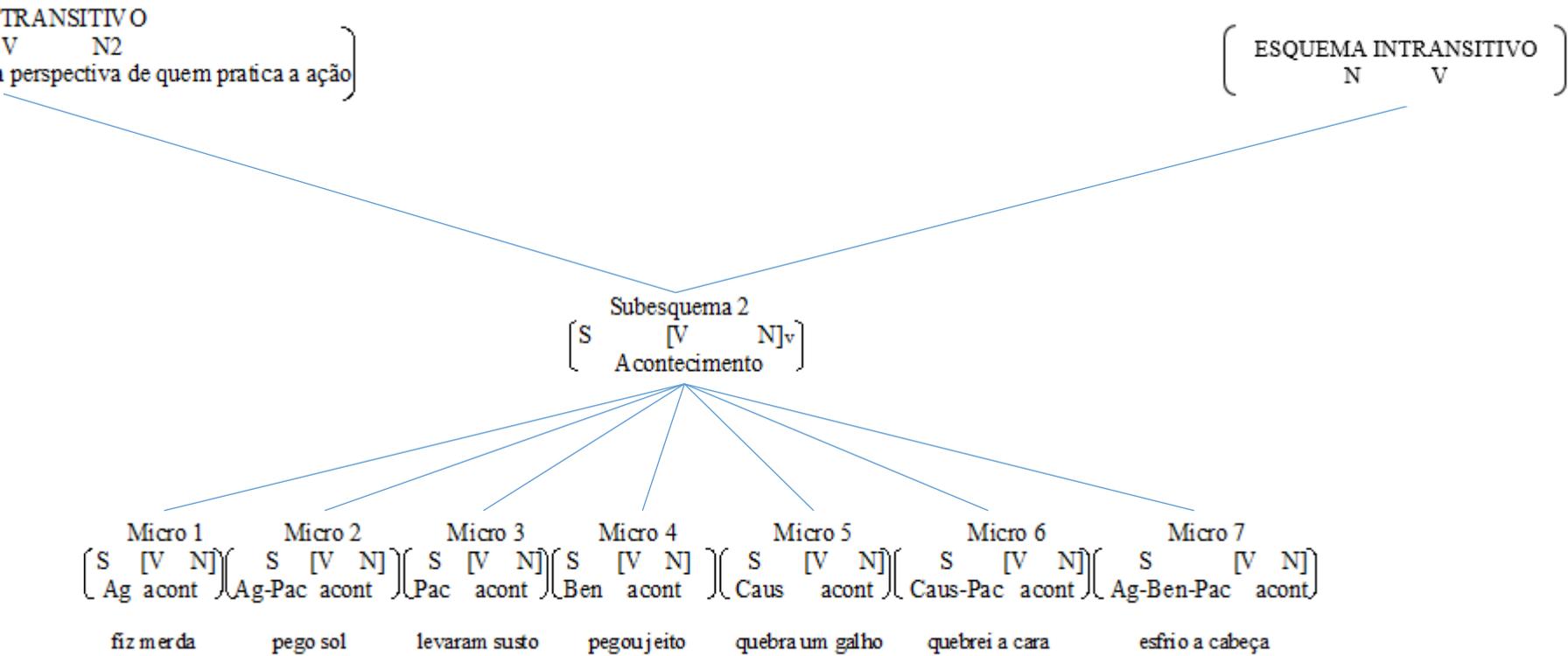
Por partirmos de uma perspectiva não atômica, apresentamos as diáteses encontradas para cada construção e não para cada um dos 40 verbos que as constituem.

5.2 Proposta da rede

Apoiando-nos na assunção de Traugott e Trousdale (2013) e a partir da análise dos dados, propomos que as construções de estrutura transitiva com verbos de ação-processo analisadas organizam-se hierarquicamente na rede do esquema transitivo a partir dos níveis: esquema, subesquemas, microconstruções e construtos, conforme apresentamos a seguir:

Figura 11 - Rede hierárquica de construções de estrutura transitiva com verbos de ação-processo do português brasileiro





A análise das construções que investigamos – transitiva prototípica, transitiva metafórica e idiomática – permitiu a identificação das propriedades formais e funcionais de cada uma delas e, portanto, a sistematização das semelhanças e diferenças que apresentam, possibilitando, dessa forma, associá-las em um esquema de rede.

A partir da concepção de Croft (2001, p. 25, tradução nossa), “qualquer particularidade de uma construção é suficiente para representar essa construção como um nó independente”, dessa forma, entendemos que as instanciações metafóricas da construção transitiva, apesar de serem extensões da transitiva prototípica, devem ser analisadas como um nó do esquema.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as construções podem ser: não especificadas, parcialmente especificadas ou totalmente especificadas. A construção transitiva corresponde ao primeiro caso, pois, enquanto esquema que serve como modelo abstrato/virtual e que captura padrões de uso que caracterizam os nós inferiores, apresenta, ao nosso ver, no pareamento formal, a sequência N1 V N2. Entendemos que a representação formal da construção transitiva deve levar em conta suas propriedades morfológicas, pois ela abarca tanto a construção transitiva (subesquema 1), que se divide nos subesquemas 1.1 e 1.2, quanto a construção idiomática, subesquema 2.

Embora alguns trabalhos representem o pareamento formal dos esquemas a partir de propriedades sintáticas, a organização da rede em níveis hierárquicos indica que as propriedades dos nós superiores se replicam aos demais, razão pela qual o esquema, como nível mais alto da rede, mais geral e abstrato portanto, deve ser representado por propriedades também mais gerais que abarquem todas as outras, como as categorias de nome e verbo, e não de sujeito e objeto.

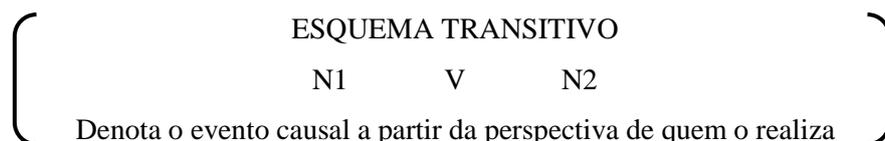
Assim, sob o esquema [N1 V N2] podem ser instanciadas construções [S V O], que correspondem à construção transitiva, em que N1 é o sujeito e N2 é o objeto direto (subesquema 1), e construções [S [V N]_v], que correspondem à construção idiomática de base transitiva, em que N1 é o sujeito e N2 não assume a função de objeto, haja vista seu maior entrincheiramento com o verbo (subesquema 2), razão pela qual formam uma unidade verbal.

Associado ao pareamento formal do esquema está a função pragmática de denotar o evento a partir do ponto de vista de quem pratica a ação. A propriedade pragmática⁶² da construção representa o pareamento funcional no nível esquemático, pois a propriedade

⁶² Rosário (2015, p. 42) aponta que Goldberg (1995) “entende por aspectos pragmáticos das construções as particularidades da estrutura informacional, incluindo questões de topicalização e focalização”.

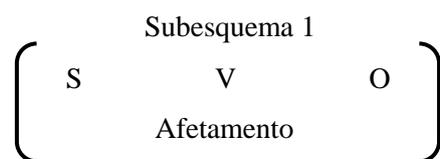
semântica é mais específica e depende da análise do construto em uso, uma vez que o sujeito pode ser agente, causador, beneficiário, paciente, assim como o objeto pode ser mais ou menos afetado, conforme discutimos na subseção anterior.

Dessa forma, o pareamento de forma-função do esquema que compõe a rede da construção transitiva é representado a partir das suas propriedades morfológicas e pragmáticas, da seguinte maneira:

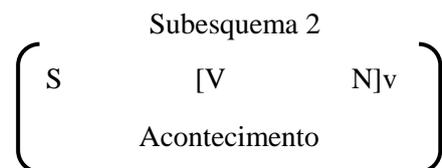


As propriedades formais e funcionais do esquema transitivo configuram-se como uma abstração das propriedades dos subesquemas e das microconstruções, razão pela qual não precisam ser repetidas nos níveis inferiores.

Imediatamente abaixo do esquema estão os subesquemas, que, por estarem em um nível inferior da rede, apresentam propriedades formais e funcionais um pouco mais específicas. Portanto, no nível subesquemático, as construções organizam-se a partir das suas propriedades sintáticas e semânticas. Considerando os dados dos nossos *corpora*, há dois grupos. O subesquema 1 caracteriza-se pela presença de sujeito, verbo e objeto direto, em um evento que denota afetamento do paciente, próprio do evento causal codificado na construção transitiva.



O subesquema 2, por sua vez, caracteriza a construção idiomática, que é sintaticamente constituída por sujeito e unidade que tem núcleo verbal. Nesses casos, o N2 não assume papel de objeto, em razão de a sequência verbo-nominal formar uma unidade sintático-semântica, que corresponde a um verbo simples ou a uma expressão verbal já existentes na língua.

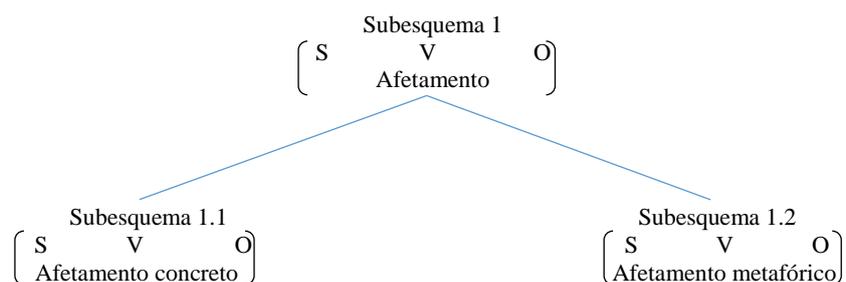


Nesse caso, ao invés de denotar afetamento, devido à ocorrência dos verbos de ação-processo, a construção idiomática codifica um acontecimento, assim, a unidade formada entre o verbo e o N2 assemelha-se, semanticamente, aos verbos de ação, em casos que expressam uma atividade, ou seja, alguma coisa que o sujeito faz, como em *apontar o dedo* (com o sentido de *julgar*). Entretanto, em alguns casos, a unidade [V N2] assemelha-se aos verbos de processo, os quais denotam algo que aconteceu ao sujeito, que é, nesse caso, paciente, como em *levar susto*.

Todos os subesquemas herdam as propriedades morfológicas e pragmáticas do nível esquemático, contudo, conforme mostramos, se especializam quanto às propriedades sintáticas e semânticas.

Tendo em vista que a construção transitiva pode codificar o afetamento do paciente de modo concreto e de modo metafórico, há, sob o subesquema 1, dois subesquemas: 1.1 e 1.2.

Figura 12 – Subesquema da construção transitiva



Fonte: própria.

Nos casos em que o afetamento é físico (subesquema 1.1), o referente do objeto direto apresenta o traço [+ concreto], haja vista que, por ser um objeto ou um ser do mundo real, pode ser afetado pela ação verbal, a partir da qual passa por mudança de estado ou de localização.

Quando o afetamento é metafórico, o movimento denotado pelo verbo ainda é recuperável, no entanto, em termos metafóricos apenas, já que o verbo subcategoriza objetos, que podem ser [+ abstratos] ou [+ concretos], com os quais não ocorreria em casos prototípicos, conforme mostramos em 5.1.1.1, o que licencia uma leitura menos composicional do evento denotado na construção. Assim, o evento causal só pode ser interpretado em um plano conceptual, metaforicamente.

Acerca da concretude e da abstratização dos referentes do objeto, ressaltamos os apontamentos de Tavares e Freitag (2010, p. 104). Segundo afirmam, os verbos podem ser relacionados às nuances de significado que seguem o *continuum* concreto > abstrato > genérico, de modo que “itens linguísticos mais gramaticalizados tendem a manifestar significados mais abstratos e/ou genéricos e itens menos gramaticalizados tendem a manifestar significados mais concretos, ligados ao mundo físico.”

Apesar de não analisarmos casos de gramaticalização especificamente, a reflexão sobre as noções concreto e abstrato são válidas, já que, ao subcategorizarem objetos [+ concretos], os verbos e, conseqüentemente, a construção como um todo, tendem a codificar eventos ligados ao mundo físico⁶³, o que não ocorre quando o objeto é [+ abstrato].

Ainda de acordo com Tavares e Freitag (2010, p. 104):

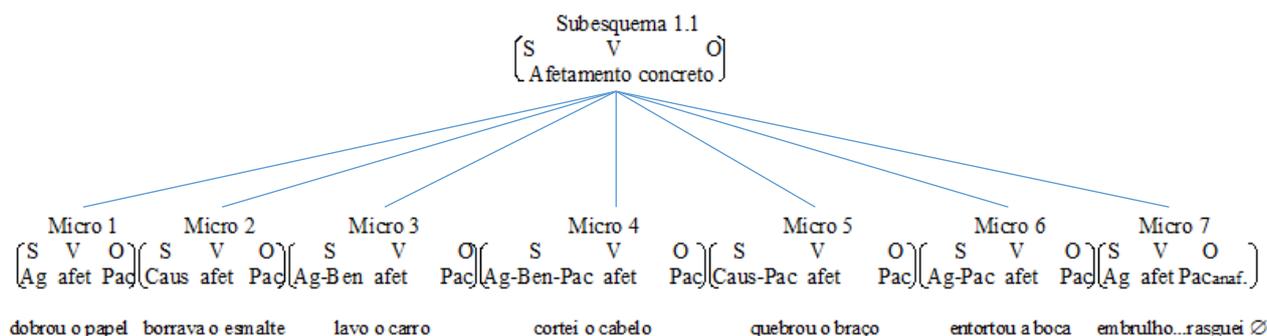
Quanto maior o traço de atividade do verbo, mais ele sinalizará nuances concretas, referindo-se a ações físicas sobre o mundo exterior, isto é, o mundo das experiências básicas e intencionais. À medida que vai descendo os degraus da escala de atividade, mais o verbo expressa nuances abstratas/genéricas, perdendo pouco a pouco os elos com o mundo concreto e com a ação física intencional sobre esse mundo, chegando à expressão de operações cognitivas que não codificam ação física, mas sim mental. (TAVARES; FREITAG, 2010, p. 104)

Isso quer dizer que as propriedades do verbo é que sinalizam se as ações que codificam são concretas ou abstratas. Porém, nosso trabalho mostra que um mesmo verbo pode instanciar microconstruções nas quais há ações concretas que afetam fisicamente o objeto e microconstruções em que, ao contrário, ações abstratas são denotadas (no caso das transitivas metafóricas e das idiomáticas). Portanto, não é apenas o verbo que possibilita que as microconstruções nas quais ocorre possam apresentar sentidos abstratos, o nome pós-verbal também.

⁶³ Há, porém, conforme mostramos, microconstruções que codificam um evento metafórico, apesar de o objeto ser [+ concreto], como em *afogar o carro*.

Abaixo dos subesquemas estão as microconstruções, que se organizam no nível mais baixo da rede a partir das especificidades semânticas no que diz respeito aos papéis argumentais do sujeito, que pode ser agente, causador, beneficiário e paciente, e, também, das especificidades pragmáticas do objeto. Em razão de tais especificidades, há, sob o subesquema 1.1, 7 padrões microconstrucionais.

Figura 13 – Subesquema da construção transitiva prototípica



Fonte: própria.

A microconstrução 1 corresponde às instanciações prototípicas da construção transitiva, ou seja, o sujeito e o objeto correspondem ao agente e ao paciente, respectivamente. A partir dessa microconstrução, que é o membro central, emergem outras, nas quais a agentividade e o afetamento são neoanalisados, o que licencia sujeitos [-agentivos], que podem, inclusive, ser afetados. Como resultado da neoanálise, o sujeito pode perder parcial (microconstruções 3, 4, 6) ou completamente (microconstruções 2 e 5) os traços de intenção e controle, que caracterizam o papel de agente.

No primeiro caso, por perder apenas parte das propriedades agentivas, o sujeito, além de agente, passa a compartilhar propriedades semânticas de outros papéis argumentais, a saber: beneficiário e paciente, em microconstruções como *lavo o carro*, *cortei o cabelo* e *entortou a boca*.

No segundo caso, a agentividade é apagada em microconstruções como *borrava o esmalte* e *quebrou o braço*, nas quais as ações são realizadas sem intenção ou controle por parte do sujeito. Nesses casos, o sujeito assume os papéis de causador e de causador-paciente, respectivamente.

A possibilidade de assumir propriedades de dois e até mesmo três papéis argumentais concomitantemente evidencia mais uma vez a inexistência de fronteiras

estanques entre as categorias, e, conseqüentemente, a maleabilidade da língua, que passa por mudanças frequentes a fim de atender necessidades discursivas.

Apesar de considerarmos ser possível a coocorrência de diferentes papéis temáticos a um mesmo argumento, há, na literatura sobre o assunto, uma perspectiva de que há correspondência de um para um. Chomsky (1988), por exemplo, por meio do Critério-Theta, estabelece que “cada sintagma da sentença recebe apenas um papel temático, e cada papel temático é associado a apenas um sintagma” (CANÇADO, 2013, p. 111).

Essa perspectiva, ao nosso ver, empobrece a análise de dados como os que investigamos neste trabalho, além de torná-la extremamente simplista frente à diversidade que encontramos.

Para Jackendoff (1990), por sua vez, um mesmo sintagma pode apresentar mais de um papel temático, pois, conforme propõe, há dois planos: temático e da ação. No primeiro, o sintagma pode ser tema, alvo, fonte, locativo, e, no plano da ação, agente, experienciador, paciente, beneficiário, instrumento.

Cançado (2013) mostra que, por meio do princípio da hierarquia temática, muito aceita na literatura, mas que também apresenta várias divergências em relação à ordem dos papéis, é possível considerar o seguinte diagrama: agente > experienciador/beneficiário > tema/paciente > instrumento > locativo. Para ela, embora o sujeito seja preferencialmente agente, quando não for, tenderá a seguir essa ordem (CANÇADO, 2013, p. 115).

No diagrama que Cançado (2013) apresenta não consta o papel temático de causa (ou causador conforme usamos). Apesar disso, refere-se a ele quando lista os tipos de papéis temáticos, dizendo que se trata do “desencadeador de alguma ação, sem controle”. Para ilustrá-lo, dá os exemplos (155) e (156), nos quais os sujeitos são [- animados].

(155) *As provas* preocupavam a Maria.

(156) *O sol* queimou a plantação.

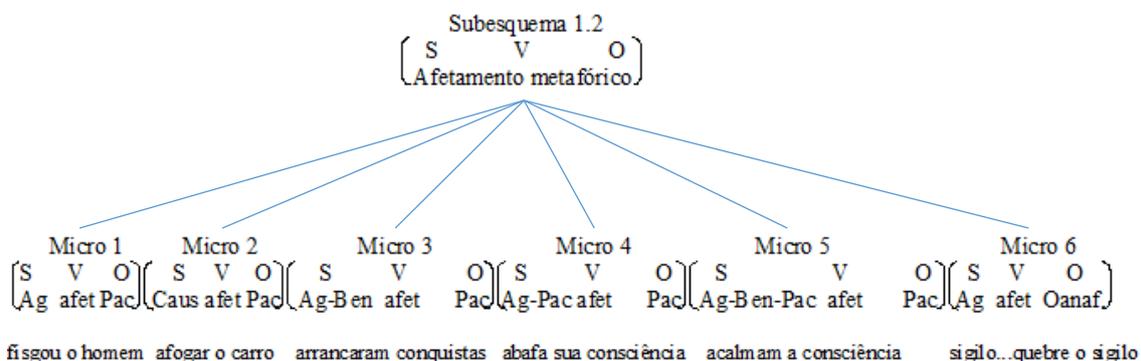
Contudo, acreditamos que, embora agentividade e animacidade sejam noções imbricadas, há casos em que sujeitos animados perdem propriedades agentivas e, por isso, podem assumir o papel temático de causa – ou causador. Isso ocorre quando a ação que realizam não é intencional ou controlada por eles, conforme mostramos nas microconstruções que descrevemos e analisamos nas subseções 5.1.1, 5.1.1.1 e 5.1.2.

Ainda sobre as microconstruções que constituem o subesquema 1.1, ressaltamos a possibilidade de haver casos nos quais o sujeito pode ser afetado pela ação verbal, assim como o objeto (microconstruções 4, 5 e 6). Por essa razão, essas microconstruções são, para nós, os membros mais periféricos do subesquema 1, ou seja, são os que mais se afastam do protótipo. O afetamento recai sobre o sujeito em casos como *cortei o cabelo*, *quebrou o braço* e *entortou a boca* devido à relação de parte-todo entre ele e o referente do objeto direto. Essa é, portanto, uma condição necessária para que o sujeito seja paciente em uma microconstrução transitiva.

Todas as microconstruções sob o subesquema 1.1 ligam-se ao membro central por meio do *link* de polissemia, já que são extensões do sentido central da construção transitiva.

A construção transitiva também pode, conforme mostramos, codificar o evento causal metaforicamente. No nosso *corpus* foram identificados 6 padrões microconstrucionais desse tipo, que se diferenciam em razão das especificidades semânticas do sujeito, que pode ter diferentes papéis argumentais, e pela especificidade pragmática de microconstruções nas quais o objeto é anafórico.

Figura 14 – Subesquema da construção transitiva metafórica



Fonte: própria.

A microconstrução 1, em que o sujeito e o objeto correspondem metaforicamente aos papéis de agente e de paciente, ilustra os membros prototípicos do subesquema 2. A partir desse protótipo, o sujeito pode ter seu papel argumental alterado, podendo, inclusive, compartilhar propriedades de mais de um papel (microconstruções 3, 4 e 5).

O que se percebe é que apesar de o sujeito não *fisgar, afogar, arrancar, abafar, acalmar* nem *quebrar*, de fato, um objeto, já que são ações metafóricas no contexto em que ocorrem, há, por trás delas, ações reais, concretas, a partir das quais o objeto e até mesmo o sujeito podem ser realmente afetados.

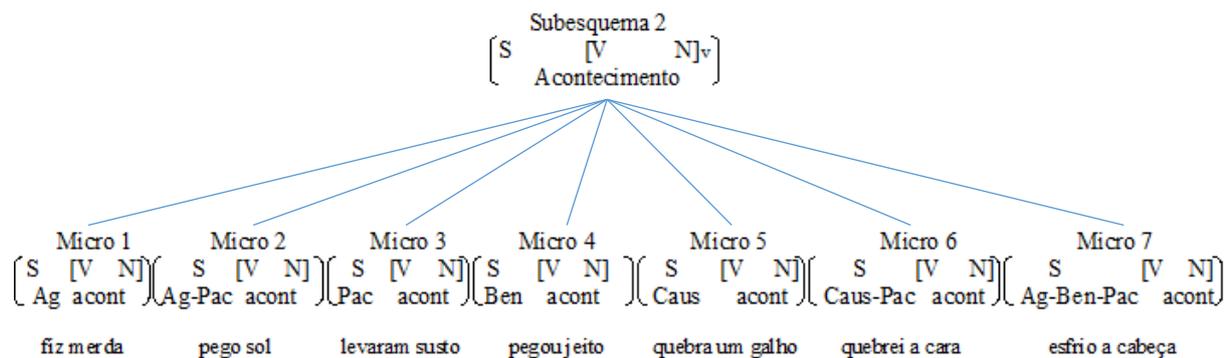
Quando os referentes do objeto são [+ concretos] e não tem relação de parte-todo com o sujeito, a mudança é dele próprio, como na microconstrução 2, em que o *carro*, apesar de não ser afogado – já que essa é uma ação metafórica – sofre um dano real, a partir do qual é afetado fisicamente. Quando, por outro lado, o objeto [+ concreto] é parte do sujeito, ambos são afetados e mudam de estado.

Quando os referentes do objeto são [+ abstratos], a mudança concreta ocorre com o sujeito e é sempre uma mudança de estado. Nesses casos, com os referentes do objeto, a mudança é metafórica, pois, apesar de ainda ser possível recuperar o movimento do verbo, as mudanças a partir das quais o objeto pode sofrer deslocamento de um “lugar” para outro ou pode passar de um “estado” para outro, só se dá no plano conceptual. Na microconstrução 3, por exemplo, o objeto é [+ abstrato], assim, apesar de ser possível recuperar o movimento do verbo *arrancar*, a mudança da *conquista* de um “lugar” a outro é metafórica, embora essa ação ressoe e dela outra se concretize de fato.

As microconstruções sob o subesquema 1.2 também se ligam, entre si e ao membro central do subesquema (microconstrução 1), por meio do *link* de polissemia, já que são extensões do sentido, tendo em vista suas especificidades semânticas, mas também por *link* de extensão metafórica, já que codificam o evento causal metaforicamente.

Sob o subesquema 2, por fim, há, também, 7 padrões microconstrucionais, cada um com suas especificidades. Todos eles apresentam as propriedades sintáticas e semânticas descritas para o subesquema, entretanto, o acontecimento que codificam pode ter sujeitos agentes, causadores, beneficiários e pacientes. Todos os papéis argumentais do sujeito nas microconstruções do subesquema 2 devem ser entendidos metaforicamente haja vista que se trata de ações metafóricas.

Figura 15 – Subesquema da construção idiomática



Fonte: própria

Além disso, apesar de codificarem ações abstratas, assim como as microconstruções metafóricas, as microconstruções idiomáticas se diferenciam delas e das transitivas prototípicas, pois não é possível recuperar o movimento dos verbos. É impossível, por exemplo, recuperar o sentido de *separar em partes* inerente à acepção lexical do verbo *quebrar* em *quebra um galho*, cujo sentido é *ajudar, resolver um problema*. Por essa razão, trata-se de microconstruções não composicionais, embora, em alguns casos, como *levaram susto*, uma certa composicionalidade seja preservada, já que o sentido idiomático (*assustar*) recupera o sentido do nome pós-verbal.

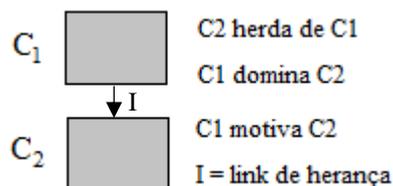
Traugott e Trousdale (2013, p. 164, tradução nossa) sinalizam a possibilidade de microconstruções tornarem-se “mais esquemáticas ou abstratas a medida que participam e se tornam membros mais representativos dos esquemas abstratos”. Entendemos que a partir de microconstruções transitivas, em contextos ambíguos, como ilustrado por (139) *apontar o dedo*, uma interpretação não literal da sequência verbo-nome é licenciada, originando a construção idiomática, que passou a servir como um modelo (esquema) para que outras microconstruções fossem sancionadas via analogização, o que leva ao aumento de produtividade *type* e *token*.

Esse modelo, a partir do qual as microconstruções idiomáticas são formadas, é geral e abstrato, pois detém *slots* abertos $[N \ [V \ N]_v]$ que podem ser preenchidos por diferentes itens lexicais.

Defendemos que há, entre as construções idiomática e a transitiva, uma relação de herança. Os *links* de herança formam, segundo Sambrana (2018, p. 119), “associações hierárquicas entre as construções, demonstrando compartilhamento de propriedades entre

duas ou mais construções da rede”. Goldberg (1995, p. 73) representa a relação de herança entre construções da seguinte maneira:

Figura 16 - Relação de herança entre construções



Fonte: Goldberg (1995, p. 73, tradução nossa)

A construção 1 domina e motiva a construção 2, que herda propriedades da construção 1. Dessa forma, a construção 1, que no nosso caso corresponde ao esquema transitivo, domina e motiva os subsesquemas 1 e 2, que herdam suas propriedades. A herança se dá tendo em vista as propriedades morfológicas e pragmáticas, já que eles apresentam a sequência de nome-verbo-nome [N V N] e denotam um evento a partir da perspectiva de quem o realiza.

Goldberg (1995), elenca quatro tipos de *links* de herança, sendo eles: por polissemia, por instanciação, por subparte e por metáfora. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 59, tradução nossa), *links* de polissemia “descrevem os *links* semânticos entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões. Enquanto as especificações sintáticas são as mesmas, as semânticas são diferentes⁶⁴”.

Embora Goldberg (1995) trate dos *links* de herança a partir de construções com verbos de diferentes domínios, o que leva às extensões de sentido às quais se refere, nós investigamos construções formadas por um grupo específico de verbos do português: aqueles que denotam ação-processo. Assim, enquanto ela investiga, por exemplo, a construção de movimento causado, como (157) e suas extensões (com verbos diferentes), como (158), nós investigamos os casos da construção transitiva (com os mesmos tipos verbais) como sendo suas extensões.

X CAUSES Y to MOVE Z (X causa Y mover Z)

(157) Pat pushed the piano into the room. (*Pat empurrou o piano para o quarto*)

⁶⁴ Polysemy links describe the semantic links between the prototypical sense of a construction and its extensions. While the syntactic specifications are the same, the semantic ones are different.

X ENABLES Y to MOVE Z (X habilita Y mover Z)

(158) Pat allowed Chris into the room. (*Pat permitiu que Chris entrasse no quarto*)

Ao nosso ver, então, há, entre o subesquema transitivo (subesquema 1) e seu subesquema 1.1, o *link* de polissemia (LP).

Considerando as microconstruções que codificam o evento causal metaforicamente, entendemos que há entre o subesquema 1.2 e o subesquema transitivo o *link* de polissemia, mas também o de extensão metafórica.

O *link* por extensão metafórica ocorre quando a semântica da construção dominante é mapeada na semântica da construção dominada via metáfora (GOLDBERG, 1995, p. 81). É isso o que se identifica em casos como (159) *arranham o sofá*, que caracteriza casos prototípicos, e (160) como *arranham a reputação*, em que o evento causal é metaforizado.

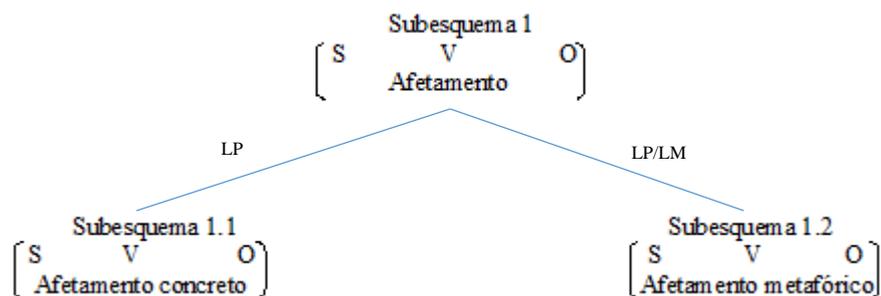
(159) cortina, entram no vaso sanitário, na pia do banheiro, **arranham o sofá**, a cama, as almofadas.... Tudo junto, no (Corpus do Português: diariodoisgatos.wordpress.com)

(160) Mas os Ewoks (é para as crianças, ora pois...) nem **arranham a reputação** desta sólida fantasia espacial que, para todos os efeitos, encerrava (Corpus do Português: ...tosadovski.blogosfera.uol.com.br)

Traugott e Trousdale (2013, p. 59, tradução nossa) ressaltam que os *links* de polissemia “são geralmente discutidos no nível do subesquema, não no nível das microconstruções individuais”⁶⁵. Assim o fazemos tanto para o *link* de polissemia quanto para o *link* de extensão metafórica, conforme mostramos a seguir.

⁶⁵ Such polysemy links are usually discussed at the subschema level, not at the level of individual micro-constructions’.

Figura 17 – *Links* de polissemia e de extensão metafórica entre as construções transitiva prototípica e metafórica



Fonte: própria.

Na rede, conforme mostramos, o esquema transitivo liga-se ao subesquema 2, que corresponde à construção idiomática. Dessa vez, porém, trata-se de uma relação por instanciação (LI) e por subparte (LS).

Segundo Goldberg (1995, p. 79, tradução nossa), o *link* por instanciação ocorre quando uma construção é “um caso especial de outra construção, ou seja, um *link* por instância existe entre construções se uma construção é uma versão mais especificada da outra”⁶⁶. Traugott e Trousdale (2013) afirmam que o verbo *drive*, por exemplo, tem um sentido particular na construção resultativa (161) e na idiomática (162).

(161) *drive someone crazy* (enlouquecer alguém)

(162) *drive up the wall* (subir a parede)

As construções idiomáticas que analisamos são um caso específico da construção transitiva, pois apresentam as suas propriedades morfológicas e pragmáticas, mas detêm uma semântica própria, o que nos permite pensar que há, entre elas, o *link* por instanciação.

Segundo Goldberg (1995, p. 80, tradução nossa), “a construção C1, que é uma instância de outra construção C2 e, portanto, é dominada por C2 por meio de um *link* de instância, domina simultaneamente C2 por um *link* de subparte⁶⁷”. Em outras palavras, a construção idiomática (C1) é uma instância da construção transitiva (C2), portanto,

⁶⁶ [...] is a *special case* of another construction; that is, an instance link exists between constructions iff one construction is a more fully specified version of the other.

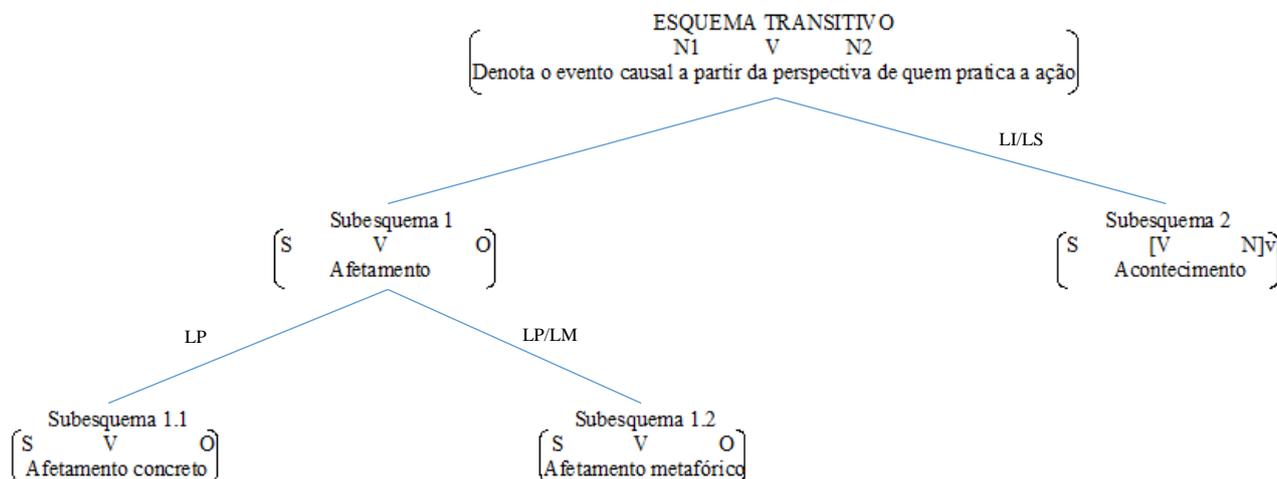
⁶⁷ [...] construction C1 which is an instance of another construction C2, and thus is dominated by C2 via an instance link, simultaneously dominates C2 by a subpart link.

dominada por ela. Em contrapartida, a construção idiomática domina, simultaneamente, a transitiva por *link* de subparte.

O *link* por subparte ocorre quando “uma construção é uma subparte apropriada de outra construção e existe independentemente”⁶⁸ (GOLDBERG, 1995, p. 78, tradução nossa). A construção idiomática é uma subparte da construção transitiva, já que preserva o sujeito, e os papéis argumentais que ele assume, e o verbo, embora nas idiomáticas se trate de um composto [V N] que corresponde a uma unidade semântica.

Apresentamos, abaixo, os *links* que ligam as construções na rede.

Figura 18 – *Links* de instanciação e de subparte entre as construções transitiva e idiomática



Fonte: própria.

Como dissemos anteriormente, a construção idiomática é uma alternativa mais expressiva a verbos e expressões verbais existentes no português, portanto, atende necessidades discursivas dos falantes. Traugott (2008) afirma que os falantes não promovem uma mudança na língua conscientemente, mas que sua intenção é, por exemplo, chamar a atenção de seu interlocutor. A construção idiomática é, conforme observamos, uma forma de se atingir esse objetivo. O mesmo vale para as microconstruções metafóricas.

⁶⁸ [...] one construction is a *proper subpart* of another construction and exists independently.

5.3 Análise quantitativa

Realizamos a análise quantitativa das construções a fim de tecermos reflexões acerca da produtividade do esquema transitivo, tanto no que diz respeito à frequência construcional (ou *type*) quanto à frequência dos construtos (ou *token*).

Conforme informamos anteriormente, nesta tese, investigamos construções de estrutura morfológica transitiva instanciadas pelos mesmos verbos de ação-processo. Por isso, dentre os 1637 verbos identificados no *corpus Iboruna*, selecionamos 40, que apresentamos abaixo, juntamente a exemplos de construções transitivas, metafóricas e idiomáticas com cada um deles⁶⁹.

Quadro 30 - Lista de verbos selecionados para a investigação das construções que constituem a rede construcional transitiva no PB⁷⁰

	Verbo	Transitiva prototípica	Transitiva metafórica	Idiomática
1	ABAFAR	fogo	sentimento	caso
2	ABAIXAR	armas	energia	bola
3	ABANDONAR	escola	ideia	barco
4	ABORTAR	criança	sonhos	missão
5	ACALMAR	bebê	alma	passo
6	ACELERAR	carro	juízo	processo
7	ACERTAR	relógio	vida	contas
8	AFOGAR	animais	mágoas	ganso
9	AGARRAR	objetos	atenção	Touro pela unha
10	AMARRAR	sapatos	alma	cara
11	AMASSAR	papel	alma	barro
12	APANHAR	coisas	doença	bebedeira
13	APERTAR	botão	orçamento	passo
14	APONTAR	arma	dificuldades	dedo
15	APOSTAR	dinheiro	tempo	fichas

⁶⁹ Neste quadro ilustramos apenas um exemplo de cada construção com cada verbo, contudo, ressaltamos que há inúmeros outros complementos nas construções transitivas e metafóricas e diversos outros sintagmas nominais pós-verbais nas idiomáticas.

⁷⁰ Os exemplos apresentados foram selecionados aleatoriamente, sem partir de nenhum critério quantitativo.

16	APRONTAR	malas	confusão	barraco
17	ARRANCAR	dente	suspiros	cabelos
18	ARRANHAR	paredes	reputação	violão
19	ARRANJAR	casa	coragem	filho
20	ARRASTAR	móveis	vida	asa
21	BATER	porta	metas	boca
22	BORRAR	batom	fronteiras	calças
23	CATAR	papel	informações	coquinho
24	COLHER	café	resultados	frutos
25	DERRUBAR	árvores	governo	muro
26	DESCASCAR	mandioca	imagem	abacaxi
27	DOBRAR	papel	atenção	língua
28	ENGROSSAR	pernas	manifestação	caldo
29	ENTORTAR	colher	raciocínio	nariz
30	ESFRIAR	água	sentimentos	cabeça
31	ESQUENTAR	leite	coração	motores
32	FISGAR	peixes	atenção	isca
33	FORÇAR	coluna	memória	barra
34	LAVAR	louça	alma	mãos
35	LEVAR	filhos	informação	susto
36	MORDER	lábio	isca	língua
37	PEGAR	dinheiro	doença	jeito
38	QUEBRAR	braço	silêncio	galho
39	RASGAR	roupa	coração	verbo
40	RODAR	garrafa	aplicativos	baiana

Apesar de a frequência *type* (40 verbos) nos indicar que há, conforme hipotetizávamos, restrição quanto aos verbos de ação-processo que podem instanciar microconstruções mais abstratas, como as metafóricas e as idiomáticas, ainda assim ela, juntamente à frequência *token*, que, conforme ilustrado na tabela a seguir, soma 77385 mil ocorrências, nos leva a concluir que o esquema transitivo é altamente produtivo.

Além disso, na tabela em que apresentamos a quantidade de dados por *corpus*, mostramos que, dentre os verbos analisados, os mais produtivos, em termos de frequência

token, são os verbos *levar* e *pegar*, que apresentam 17445 e 13306 ocorrências, respectivamente. O verbo menos frequente, por sua vez, é o verbo *borrar*, com 60 ocorrências.

Para Givón (1995), quanto menor for a complexidade cognitiva de uma expressão, maior será a sua frequência e menor será a sua complexidade estrutural, portanto, a alta frequência dos verbos *levar* e *pegar* indicam que eles possuem menor complexidade cognitiva e estrutural, o que contribui para a sua mudança de sentido e ampliação de contextos nos quais podem ocorrer.

Tabela 3 - Quantidade de dados por verbo nos *corpora*

	Verbo	CP		Iboruna		TOTAL
1	ABAFAR	210	97,7%	5	2,3%	215
2	ABAIXAR	1377	99,9%	1	0,1%	1378
3	ABANDONAR	3953	99,7%	13	0,3%	3966
4	ABORTAR	151	100%	0	0%	151
5	ACALMAR	690	100%	0	0%	690
6	ACELERAR	1638	99,9%	2	0,1%	1640
7	ACERTAR	1466	99,6%	6	0,4%	1472
8	AFOGAR	116	95,9%	5	4,1%	121
9	AGARRAR	455	99,3%	3	0,7%	458
10	AMARRAR	620	96,7%	21	3,3%	641
11	AMASSAR	153	93,3%	11	6,7%	164
12	APANHAR	342	100%	0	0%	342
13	APERTAR	2477	99,1%	22	0,9%	2499
14	APONTAR	4252	99,8%	8	0,2%	4260
15	APOSTAR	281	100%	0	0%	281
16	APRONTAR	82	95,3%	4	4,7%	86
17	ARRANCAR	1582	99,4%	10	0,6%	1592
18	ARRANHAR	196	99,5%	1	0,5%	197
19	ARRANJAR	1133	99,7%	3	0,3%	1136
20	ARRASTAR	748	99,9%	1	0,1%	749
21	BATER	6275	99,9%	5	0,1%	6280
22	BORRAR	60	100%	0	0%	60
23	CATAR	161	79,3%	42	20,7%	203
24	COLHER	1497	99,6%	6	0,4%	1503
25	DERRUBAR	1899	99,5%	10	0,5%	1909
26	DESCASCAR	141	95,9%	6	4,1%	147

27	DOBRAR	749	97,4%	20	2,6%	769
28	ENGROSSAR	350	98,6%	5	1,4%	355
29	ENTORTAR	104	95,4%	5	4,6%	109
30	ESFRIAR	194	99,5%	1	0,5%	195
31	ESQUENTAR	395	97,3%	11	2,7%	406
32	FISGAR	74	100%	0	0%	74
33	FORÇAR	1300	99,9%	1	0,1%	1301
34	LAVAR	3953	98,7%	53	1,3%	4006
35	LEVAR	17056	97,8%	389	2,2%	17445
36	MORDER	763	98,5%	12	1,5%	775
37	PEGAR	12555	94,3%	751	5,7%	13306
38	QUEBRAR	5251	98,9%	56	1,1%	5307
39	RASGAR	1006	99,1%	9	0,9%	1015
40	RODAR	932	99,9%	1	0,1%	933

Dentre as construções investigadas, a que apresenta mais ocorrências é a metafórica, com 35664 dados (45,6%), enquanto a transitiva prototípica apresenta 31171 (39,9%) e a idiomática, 11301 (14,5%), como sinalizado na tabela abaixo.

Tabela 4 – Quantidade de dados por construção

	Transitiva prototípica		Transitiva metafórica		Idiomática		TOTAL	
<i>Corpus do Português</i>	30061		35311		11265		76637	
<i>Iboruna</i>	1110		353		36		1499	
TOTAL	31171	39,9%	35664	45,6%	11301	14,5%	78136	100%

Na tabela 5, abaixo, mostramos que dentre as 35664 microconstruções metafóricas, 35311 ocorrências (99%) encontram-se no *Corpus do Português* e 353 (1%) no *Iboruna*. Das 31171 microconstruções transitivas, 30061 (96,4%) foram coletadas do *Corpus do Português*, enquanto 1110 (3,6%) foram retiradas do *Iboruna*. Por fim, entre as 11301 microconstruções idiomáticas, 11265 (99,6%) correspondem ao *Corpus do Português* e 19 (0,4%), ao *Iboruna*.

Tabela 5 – Quantidade de dados por *corpus*

	Transitiva prototípica		Transitiva metafórica		Idiomática	
<i>Corpus do Português</i>	30061	96,4%	35311	99%	11265	99,6%
<i>Iboruna</i>	1110	3,6%	353	1%	36	0,4%
TOTAL	31171	100%	35664	100%	11301	100%

A maior frequência de microconstruções metafóricas indica que “o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia” (FERRARI, 2011). Assim, os falantes partem de experiências físicas codificadas na construção transitiva, nas quais há afetamento concreto do objeto, para codificar inúmeros tipos de eventos metafóricos.

A análise da frequência permite a identificação de tendências em uma comunidade linguística, assim, a maior quantidade de instâncias da construção metafórica indica que há, no português brasileiro, uma tendência de se codificar eventos não experienciados fisicamente.

Apesar de apresentar a menor frequência *token*, a quantidade de microconstruções idiomáticas mostra que não se trata de idiosincrasias não produtivas, mas de microconstruções que se originaram de um padrão esquemático [N [V N]v] e produtivo, já que tanto a sua frequência *type* (verbos que podem instanciá-lo) quanto a *token* são significativas.

A maior quantidade de dados no *Corpus do Português*, que corresponde a 98,1% das microconstruções coletadas (tabela 6), decorre, provavelmente, do seu tamanho em relação ao *Iboruna*⁷¹. Para nós, portanto, não é possível afirmar que as microconstruções transitivas e idiomáticas sejam mais frequentes no *Corpus do Português* em razão da modalidade escrita de seus textos.

⁷¹ Em Apêndices, anexamos duas tabelas, nas quais apresentamos a quantidade de dados por construção no *Corpus do Português* e no *corpus Iboruna*.

Tabela 6 – Quantidade total de dados por *corpus*

	Transitiva prototípica	Transitiva metafórica	Idiomática	Total	
<i>Corpus do Português</i>	30061	35311	11265	76637	98,1%
<i>Iboruna</i>	1110	353	36	1499	1,9%
TOTAL	31171	35664	11301	78136	100%

A produtividade, segundo Traugott e Trousdale (2013), diz respeito à extensibilidade ou restrição de esquemas. A quantidade de verbos que identificamos nos três padrões que analisamos mostra que a extensibilidade do esquema transitivo é alta, pois tanto o *slot* verbal quanto os *slots* referentes aos sintagmas nominais são preenchidos por diferentes itens lexicais.

Resumo

Nesta seção, apresentamos a análise das construções que constituem a rede construcional transitiva do português brasileiro. Ao descrever e analisar as construções com verbos de ação-processo que constituem o esquema transitivo, verificamos a existência sincrônica de 20 microconstruções, de modo que cada uma, tendo em vista suas particularidades semânticas, supre diferentes necessidades discursivas dos falantes. A partir dessa primeira etapa do trabalho foi possível identificar que a rede é composta pelo esquema, geral e abstrato, por dois subesquemas, sendo o primeiro subdividido em outros dois (subesquemas 1.1 e 1.2) e por microconstruções, que apresentam propriedades específicas dos construtos. Dessa forma, propomos a rede, que, conforme mostramos, se organiza hierarquicamente por *links* de herança, já que as construções herdam propriedades dos nós superiores, sendo, portanto, parcialmente motivadas.

Entre o subesquema transitivo (subesquema 1) e seu subesquema 1.1 há *link* de polissemia, com o subesquema 1.2, por sua vez, há *link* de polissemia e extensão metafórica. Já entre o esquema transitivo e a idiomática há *links* de instanciação e de subparte.

O esquema, conforme mostramos, caracteriza-se a partir das propriedades morfológicas e pragmáticas, os subesquemas, a partir das propriedades sintáticas e semânticas, e as microconstruções, a partir de propriedades semânticas mais específicas, os papéis argumentais do sujeito.

As construções investigadas constituem diferentes nós e se organizam na rede a partir de suas semelhanças e diferenças. Elas se assemelham, visto que todas apresentam a sequência morfológica [N V N] e denotam a ação a partir da perspectiva de quem a pratica. Por herdarem essas propriedades é que elas podem integrar a rede do esquema transitivo. Contudo, essas construções se diferenciam, pois detêm propriedades específicas. A construção transitiva envolve dois argumentos, o agente e o paciente, que correspondem ao sujeito e ao objeto direto, em um evento causal em que há afetamento concreto. A construção transitiva metafórica é sintaticamente idêntica à prototípica, mas, apesar de também codificar um evento causal, ele só pode ser interpretado num plano conceptual. A construção idiomática, por fim, apresenta, na contraparte formal, sujeito e uma sequência [V N] que tem núcleo verbal muitas vezes correspondente a um verbo ou expressão verbal existente na língua, e, no que se refere à semântica, codifica um acontecimento. Nas microconstruções metafóricas, o movimento verbal, do qual há mudança de estado ou localização do objeto, ainda é recuperável, no entanto, nas idiomáticas, verificamos que o sentido lexical do verbo é esvaziado.

Todas as construções que analisamos apresentam membros centrais, que funcionam como modelos, a partir dos quais, via neoanálise e analogização, emergem microconstruções menos prototípicas, ou periféricas. Por meio da neoanálise, uma nova interpretação é licenciada. Quando essa nova leitura é convencionalizada, a mudança é implantada, assim, surge um novo nó na língua, a partir do qual outras microconstruções podem surgir via analogização. É a partir desses mecanismos que são formados os membros periféricos da construção transitiva, as microconstruções metafóricas e as idiomáticas.

A coexistência das 20 microconstruções que identificamos evidenciam o caráter geral e abstrato do esquema transitivo. Por ser altamente esquemático é que ele pode licenciar diferentes microconstruções, a partir do que Traugott e Trousdale (2013) chamam de mudanças construcionais, e, também, servir como modelo a partir do qual outras construções, com forma e sentido próprios, podem surgir, como a idiomática, que emerge via construcionalização lexical.

Traugott e Trousdale (2013) mostram que esquemas de formação de palavras (que incluem a formação de frases e cláusulas idiomáticas) são produtivos e podem sancionar total ou parcialmente as microconstruções. Tendo isso em vista, propomos que a construção idiomática se tornou um modelo, que, por ser abstrato e esquemático ([N [V

N]v]), pode sancionar outras microconstruções, o que leva ao aumento da sua produtividade *type*.

A partir dos dados do *corpus Iboruna*, identificamos 1637 verbos, dentre os quais investigamos 40, que constituem os 3 padrões construcionais que investigamos: a construção transitiva prototípica, a metafórica e a idiomática. Portanto, estes foram analisados. A restrição de verbos está ligada, conforme afirmamos, ao significado verbal. Quanto mais específico for o significado, menos o verbo será recrutado em construções como as metafóricas e as idiomáticas, pois, nelas, o verbo perde seus traços semânticos. Portanto, nas microconstruções metafóricas e nas idiomáticas, apenas verbos cujos significados são mais gerais são recrutados.

Por fim, ressaltamos que, na construção idiomática, os verbos de ação-processo passam a ter, em alguns casos, propriedades dos verbos de ação, pois deixam de denotar afetamento do objeto e passam a denotar um acontecimento, algo que o sujeito faz, e, em outros, de processo, pois o sujeito é afetado.

Essas conclusões às quais chegamos com o desenvolvimento da pesquisa evidenciam a maleabilidade da língua e a ausência de fronteiras rígidas entre as categorias, o que vai ao encontro dos pressupostos funcionalistas que fundamentam o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, a partir dos pressupostos teóricos da abordagem construcional da mudança e dos dados coletados do *corpus Iboruna* e do *Corpus do Português*, foi possível atingir os objetivos delineados para a pesquisa e confirmar as hipóteses levantadas inicialmente.

Assim, i) descrevemos e analisamos as construções de estrutura transitiva com verbos de ação-processo tendo em vista suas propriedades formais e funcionais; ii) identificamos os níveis hierárquicos que compõem a rede da construção transitiva e, por fim, iii) propomos uma rede construcional contemplando as construções investigadas.

Além disso, a rede que elaboramos nos permite confirmar a hipótese central de que, no português brasileiro, desde instanciações prototípicas da construção transitiva até instanciações da construção idiomática integram a rede construcional transitiva e se organizam hierarquicamente.

Confirmamos, também, nossa segunda hipótese, de que há casos de mudanças construcionais e casos que resultam da construcionalização lexical.

Por fim, verificamos que nem todos os verbos que codificam ação-processo e, por isso, são os verbos transitivos prototípicos, podem instanciar todas as construções que constituem a rede do esquema transitivo. Isso se dá, ao nosso ver, em razão da especificidade semântica que apresentam.

Esperamos que este trabalho contribua com os estudos linguísticos acerca da transitividade e da idiomatização e constitua, com os demais realizados sob a perspectiva teórica da LFCU, uma fonte de pesquisa e também de novos questionamentos acerca dos temas com os quais trabalhamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAÇADO, Jussara; KENEDY, Eduardo. (Orgs.) *Transitividade traço a traço*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- AGUIAR, Milena Torres de. *A Construcionalização Lexical Snloc Atributiva e sua instanciación no Português*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- ANTILLA, Raimo. *Historical and Comparative Linguistics*. (Current Issues in Linguistic Theory, 6.) Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1989 [1972].
- BARÐDAL, Jóhanna. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- BAUER, Laurie. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BOOJI, Gert. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (Orgs.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, 2013, p. 255–273.
- BRAGA, Maria Luiza; PAIVA, Maria da Conceição. Perspectivas sincrônica e diacrônica na abordagem teórico-metodológica. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 142-152.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v.16, n. 2, p. 297-321, 2000

CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CESAR, Alan Marinho; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Enquadramentos semânticos para verbos de movimento transitivos diretos. *Revista Letra* (Rio de Janeiro), v. 9, p. 96-110, 2014.

CHAFE, Wallace L. **Meaning and the structure of language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1970. Trad. Maria Helena de Moura Neves et ali. *Significado e estrutura linguística*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHOMSKY, Noam. *Language and problems of knowledge*. Cambridge: The Mit Press, 1988.

CIRÍACO, Larissa Santos. A construção transitiva de sujeito agente-beneficiário no português brasileiro. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 83-98, 2014.

COELHO, Carolina Medeiros. *Construções com o verbo agarrar em Português Brasileiro e Europeu*. (dissertação de mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

COSTA, Sheyla Patricia Trindade da Silva; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O ensino da transitividade verbal no nível médio: uma proposta centrada no uso. *Holos* (natal. Online), v. 2, p. 271-280, 2016.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press: 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DALL'ORTO, Lauriê Ferreira Martins. *Construções avaliativas com super, mega, hiper e ultra na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2018. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: Web/Dialects*. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org/>. 2016.

DOWTY, David. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67(3), 1991, P. 547-619.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O'CONNOR, Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of "let alone". *Language*, n. 64, 1988, p. 501-538.

FISCHER, Olga. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd. *The Oxford handbook of grammaticalization*, New York: Oxford University Press, 2001, p. 3-23.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CESAR, Alan Marinho. A rede construcional dos verbos de movimento transitivos no Português do Brasil. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria. *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas* [livro eletrônico]. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, v. 1, p. 115-138.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, UFRJ, v. especial, p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A linguística centrada no uso (ou Linguística Cognitivo-funcional). In: SOUZA, Medianeira *et al.* (Orgs.) *Sintaxe em foco*. Recife: PPGL/UFPE, 2012.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 1. 116p.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. v. 1. 92p.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A construção transitiva no português do Brasil. In: XVI Congreso Internacional de la ALFAL, 2011, Alcalá de Henares. *Libro de resúmenes*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011. v. 1. p. 290-290.

_____. Transitividade e ensino de gramática. In: II Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 2010, Natal. *A Linguística Funcional em Perspectiva*. Natal: EDUFRN, 2010. v. 1. p. 120-137.

_____. Manifestações discursivas da estrutura argumental. In: III Congresso Internacional da ABRALIN, 2003, Rio de Janeiro. *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro: Imprensa Universitária, 2003. p. 423-431.

_____. Manifestações discursivas da transitividade. *Revista do GELNE (UFC)*, Fortaleza, v. 4, n.2, p. 239-241, 2002.

_____. Transitividade e passiva. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n.4, p. 43-61, 1996.

_____. Transitividade e passiva: um estudo semântico-gramatical. In: X Encontro Nacional de Lingüística, 1988, Rio de Janeiro. *Anais do X Encontro Nacional de Lingüística*. Rio de Janeiro: PUC, 1985. p. 475-483.

GEERAERTS, D. Cognitive Linguistics. In: VERSCHUEREN, J.; ÖSTMAN, J. BLOMMAERT, J. (Orgs.) *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: Philadelphia, v. 1, 2001.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L., LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB GALVÃO, Vânia Cristina. (org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele. (Orgs.) *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HILMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Bjoörn. (Orgs.) *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.21-42.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

HOPPER, Paul. Emergent grammar. *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1987, p. 139-157.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra Annear. Transitivity in Grammar and Discourse. In: *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

JACKENDOFF, R. *Semantic Structure*. Cambridge: The Mit Press, 1990.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. *O estatuto da diacronia e da sincronia na abordagem construcional da mudança*. Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZDUhh7x8-wM>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. The development of [só que X] in Portuguese language from the perspective of grammatical constructionalization. In: *9th International Conference on Construction Grammar*, Juiz de Fora, Book of abstracts, Juiz de Fora, 2016, p. 204.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha; OLIVEIRA, Nathália Félix de. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: OLIVEIRA: Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things*. What Categories Reveal about the Mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEHMANN, Christian. *Thought on grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como Thought on grammaticalization: a Programatic Sketch. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1), 1995 [1982].

_____. Word order change by grammaticalization. In: GERRITSEN, Marinel; STEIN, Dieter. (Orgs.) *Internal and External Factors in Syntactic Change*, Berlin: Mouton, 1992, p. 395-416.

_____. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. *Clause combining in grammar and discourse*, Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988, p. 181-225.

LUCENA, Nedja Lima de. *A construção transitiva no PB: uma abordagem funcional centrada no uso*. (tese de doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2016.

LUCENA, Nedja Lima; FURTADO DA CUNHA, M. A. Relações de herança em orações transitivas: o mecanismo de extensão metafórica. *Letras & Letras* (Online), v. 27, p. 85-96, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. SP: Cortez, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) *Manual de Linguística*. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: _____. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1982 [1912], p. 130-148.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NOEL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of language*, Amsterdam, John Benjamins, v. 14, n. 2, 2007, p. 177-202.

NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A.; WASOW, Thomas. *Idioms*. *Language* 70, 1994.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 42 (1), 2013, p. 148-162.

RAPOSO, E. P. Teoria da gramática. A faculdade da linguagem. Lisboa: editorial Caminho, 1992.

ROJO, Roxane; SCHNEUWLY, Bernard. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Functionalism and construction grammar approach*. *Revista Alfa*. São Paulo, 2016, 60 (2): 233-261.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramática, Gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 36-50.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor. LLOYD, Barbara (Orgs.). *Cognition and categorization*, Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, Timothy. (org.). *Cognitive Development and the acquisition of language*. Nova York: Academic Press, 1973.

SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. *A construção [Vpv(x)]md em rede construcional*. Anais do XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Volume 1, Número 1. Niterói: Letras da UFF, 2018, p. 116-133.

SINCLAIR, Stéfan, ROCKWELL, Geoffrey and the Voyant Tools Team. *Voyant Tools* (web application), 2012.

SLOBIN, D. I. The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Studies in transitivity*. [Syntax and semantics, v. 15]. New York: Academic Press, 1982.

TAVARES, Maria Alice; FREITAG, Raquel Meister Ko. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, UFRJ, vol. 6 – n. 1, 2010, p. 103-119.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York: Oxford University Press, 2003.

THOMPSON, Sandra Annear; HOPPER, Paul. Transitivity, clause structure, and argument structure. In: BYBEE, Joan; HOPPER Paul J. (Ed.). *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization and construction grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.) *História do Português Paulista*, v. 1, Campinas: UNICAMP & Publicações IEL, 2009.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard, and VEENSTRA, Tonjes (Orgs.) *Variation, Selection, Development - Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219–250.

_____. ‘All that he endeavoured to prove was . . .’: On the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, Robin; KEMPSON, Ruth (Orgs.) *Language in Flux: Dialogue Coordination, Language Variation, Change and Evolution*. London: King’s College Publications, 2008b, p. 143-177.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Quantidade de dados por construção no *Corpus do Português*

	Verbo	Transitiva prototípica		Transitiva metafórica		Idiomática		Total CP
1	ABAFAR	81	38,6%	97	46,2%	32	15,2%	210
2	ABAIXAR	957	69,5%	143	10,4%	277	20,1%	1377
3	ABANDONAR	2219	56,1%	1596	40,4%	138	3,5%	3953
4	ABORTAR	76	50,3%	68	45,0%	7	4,6%	151
5	ACALMAR	128	18,6%	556	80,6%	6	0,9%	690
6	ACELERAR	1310	80,0%	312	19,0%	16	1,0%	1638
7	ACERTAR	605	41,3%	584	39,8%	277	18,9%	1466
8	AFOGAR	23	19,8%	91	78,4%	2	1,7%	116
9	AGARRAR	292	64,2%	160	35,2%	3	0,7%	455
10	AMARRAR	455	73,4%	146	23,5%	19	3,1%	620
11	AMASSAR	141	92,2%	10	6,5%	2	1,3%	153
12	APANHAR	207	60,5%	110	32,2%	25	7,3%	342
13	APERTAR	2046	82,6%	335	13,5%	96	3,9%	2477
14	APONTAR	512	12,0%	3460	81,4%	280	6,6%	4252
15	APOSTAR	99	35,2%	30	10,7%	152	54,1%	281
16	APRONTAR	8	9,8%	71	86,6%	3	3,7%	82
17	ARRANCAR	750	47,4%	780	49,3%	52	3,3%	1582
18	ARRANHAR	143	73,0%	50	25,5%	3	1,5%	196
19	ARRANJAR	310	27,4%	819	72,3%	4	0,4%	1133
20	ARRASTAR	497	66,4%	238	31,8%	13	1,7%	748
21	BATER	2437	38,8%	1901	30,3%	1937	30,9%	6275
22	BORRAR	29	48,3%	22	36,7%	9	15,0%	60
23	CATAR	134	83,2%	20	12,4%	7	4,3%	161
24	COLHER	392	26,2%	576	38,5%	529	35,3%	1497
25	DERRUBAR	541	28,5%	1338	70,5%	20	1,1%	1899
26	DESCASCAR	134	95,0%	3	2,1%	4	2,8%	141
27	DOBRAR	328	43,8%	416	55,5%	5	0,7%	749

28	ENGROSSAR	45	12,9%	282	80,6%	23	6,6%	350
29	ENTORTAR	76	73,1%	16	15,4%	12	11,5%	104
30	ESFRIAR	54	27,8%	83	42,8%	57	29,4%	194
31	ESQUENTAR	152	38,5%	101	25,6%	142	35,9%	395
32	FISGAR	16	21,6%	52	70,3%	6	8,1%	74
33	FORÇAR	355	27,3%	549	42,2%	396	30,5%	1300
34	LAVAR	3304	83,6%	118	3,0%	531	13,4%	3953
35	LEVAR	3358	19,7%	9802	57,5%	3896	22,8%	17056
36	MORDER	612	80,2%	44	5,8%	107	14,0%	763
37	PEGAR	5134	40,9%	6783	54,0%	638	5,1%	12555
38	QUEBRAR	1517	28,9%	2445	46,6%	1289	24,5%	5251
39	RASGAR	540	53,7%	273	27,1%	193	19,2%	1006
40	RODAR	44	4,7%	831	89,2%	57	6,1%	932
	TOTAL	30061	39,2%	35311	46,1%	11265	14,7%	76637

APÊNDICE B - Quantidade de dados por construção no *corpus Iboruna*

	Verbo	Transitiva prototípica		Transitiva metafórica		Idiomática		Total Iboruna
1	ABAFAR	5	100%	0	0%	0	0%	5
2	ABAIXAR	1	100%	0	0%	0	0%	1
3	ABANDONAR	11	84,6%	2	15,4%	0	0%	13
4	ABORTAR	0	0%	0	0%	0	0%	0
5	ACALMAR	0	0%	0	0%	0	0%	0
6	ACELERAR	2	100%	0	0%	0	0%	2
7	ACERTAR	3	50%	2	33,3%	1	16,7%	6
8	AFOGAR	3	60%	2	40,0%	0	0%	5
9	AGARRAR	2	66,7%	1	33,3%	0	0%	3
10	AMARRAR	21	100%	0	0%	0	0%	21
11	AMASSAR	11	100%	0	0%	0	0%	11
12	APANHAR	0	0%	0	0%	0	0%	0
13	APERTAR	19	86,4%	1	4,5%	2	9,1%	22
14	APONTAR	4	50%	4	50%	0	0%	8
15	APOSTAR	0	0%	0	0%	0	0%	0
16	APRONTAR	0	0%	4	100%	0	0%	4
17	ARRANCAR	8	80%	2	20%	0	0%	10
18	ARRANHAR	1	100%	0	0%	0	0%	1
19	ARRANJAR	0	0%	2	66,7%	1	33,3%	3
20	ARRASTAR	1	100%	0	0%	0	0%	1
21	BATER	4	80%	0	0%	1	20%	5
22	BORRAR	0	0%	0	0%	0	0%	0
23	CATAR	37	88,1%	5	11,9%	0	0%	42
24	COLHER	6	100%	0	0%	0	0%	6
25	DERRUBAR	9	90%	1	10%	0	0%	10
26	DESCASCAR	6	100%	0	0%	0	0%	6
27	DOBRAR	19	95%	1	5%	0	0%	20
28	ENGROSSAR	5	100%	0	0%	0	0%	5
29	ENTORTAR	5	100%	0	0%	0	0%	5

30	ESFRIAR	1	100%	0	0%	0	0%	1
31	ESQUENTAR	9	81,8%	0	0%	2	18,2%	11
32	FISGAR	0	0%	0	0%	0	0%	0
33	FORÇAR	1	100%	0	0%	0	0%	1
34	LAVAR	52	98,1%	1	1,9%	0	0%	53
35	LEVAR	306	78,7%	72	18,5%	11	2,8%	389
36	MORDER	12	100%	0	0%	0	0%	12
37	PEGAR	486	64,7%	248	33%	17	2,3%	751
38	QUEBRAR	53	94,6%	2	3,6%	1	1,8%	56
39	RASGAR	6	66,7%	3	33,3%	0	0%	9
40	RODAR	1	100%	0	0%	0	0%	1
	TOTAL	624	83,4%	105	14,0%	19	2,5%	748